1930

JANEIRO

N. 577-580

Clinica Medica de "Para todos..."

PTYRIASIS

E' uma affecção da pelle, caracterizada por manchas escamosas de aspecto irregular, sem fendas nem escoriações.

Depois de algum tempo, vem a exfoliação furfuracea da pelle, sob a fórma de um pó esbranquiçado.

A ptyriasis póde apparecer em todas as regiões do corpo; mas ordinariamente ella se manifesta na cabeça, recebendo o nome vulgar de "caspa".

Varias causas morbidas, como a syphilis, a escrofulóse, o arthritismo e as diversas parasitóses pódem originar a ptyriasis.

O tratamento dessa incommoda affecção requer, no estado agudo, o emprego de purgativos salinos, de bebidas emollientes, de refrescos de limão, laranja, tamarindo, groselha, etc., e de banhos mornos, contendo farello ou amido.

No estado chronico, preconiza-se o uso constante de aguas mineraes alcalinas, devendo, antes de cada refeição principal, ser ministrada uma colher (das de sopa) deste medicamento: arseniato de sodio 10 centigrammas, bicarbonato de sodio 20 grammas, agua distilada 300 grammas.

O prurido intenso que, na maioria dos casos, a ptyriasis origina, é combatido por meio de lavagens feitas com agua iodada ou com o licor de Van Swieten, applicando-se depois o glyceroleo de oxydo de zinco.

Quando houver muito desprendimento de laminas epidermicas, recorrer-se-á ao oleo de cade, puro ou associado ao oleo de amendoas doces, podendo tambem servir a pomada de proto-chlorureto de hydrargyrio a um por cento.

Na ptyriasis de caracter parasitario, deve o tratamento ser francamente antiseptico, empregando-se o creosoto, o bi-chlorureto de hydrargyrio, o aristol, etc.

Ao lado do tratamento externo, o clinico prescreverá a medicação interna correlata ao estado geral do enfermo e aos factores conhecidos da affecção. — syphilis, escrofulóse, arthritismo, etc.

CONSULTORIO

JULIO (Passa Quatro) — Use: tintura de bulbos de colchico 4 grammas, salicylato de sodio 5 grammas, iodureto de lithio 6 grammas, tintura de cabeça de negro 5 grammas, extracto fluido de stygmas de milho 15 grammas, xarope de cascas de laranjas amargas 300 grammas —tres colheres (das de sopa) por dia. Faça, por semana, 3 injecções intra-musculares com a "Proterceine".

F. E. L. I. X. (Araguary) — Basta usar: gottas amargas de Beaumé 1 gramma, licor de Fowler 2 grammas, tintura de canella 4 grammas, tintura de genciana 4 grammas, extracto fluido de Yhumbehoa 5 grammas, extracto fluido de kola 15 grammas — vinte e cinco gottas num calice d'agua assucarada, depois de cada refeição principal. Faça, por semana, tres injecções intra-musculares, com a "Tonikeine".

A. S. T. (Botucatú) — O menino deve usar: tintura de acconito quinze gottas, tintura de eucalypto 1 gramma, licor ammoniacal anisado 20 gottas, benzoato de sodio 3 grammas, xarope de Desessartz 30 grammas, infuso de especies bechicas 250 grammas — meio calice de 3 em 3 horas. Depois de cada refeição principal tomará uma colher (das de chá) de "Malt-Oleol".

M. F. (Volta Grande) — Use "Phaguryl", — duas capsulas, quatro vezes por dia. Use, tambem, pela manhã e á noite: glycero-phosphato de sodio 10 grammas, extracto fluido de abacateiro 100 grammas — uma colher (das de café) num meio copo dagua assucarada. Externamente empregue: permanganato de potassio 25 centigrammas — em um papel, vindo quatorze iguaes, para usar o conteúdo de um papel, num irrigador cheio dagua morna, em lavagens locaes, pela manhã e á noite. Banhos mornos geraes diariamente, evitar as marchas prolongadas, os excessos de calor e os tecidos pesados, abster-se de comidas excitantes, acidas e salgadas, adoptar de preferencia o regimen lacteo-vegetariano, eis as medidas complementares do tratamento.

LYS (São Paulo) — Decorridos tres dias, póde evitar o excesso referido usando: extracto fluido de gossypium herbaceum 3 grammas, extracto fluido de hydrastis canadensis 3 grammas, extracto fluido de hamamelis virginia 3 grammas, xarope de ratanhia 30 grammas, limonada sulfurica 500 grammas, — meio calice de 4 en. 4 horas. Cessada a crise e para compensar as perdas resultantes empregue a "Scroferrine" — tres injecções intra-musculares por semana.

A. L. C. E. U. (Catanduvas) — Basta usar: methylarsinato de sodio 50 centigrammas, iodureto de calcio 5 grammas, agua ingleza 1 vidro — meio calice depois de cada refeição principal. No momento de se recolher ao leito, use uma capsula de "Opolaxyl", bebendo em seguida meio copo dagua fria.

NANA (S. João Marcos) — Durante as crises, a mamã deve usar: tintura de lobelia inflata 6 grammas, iodureto de sodio 6 grammas, tintura de opio camphorada 10 grammas, xarope de flores de laranjeira 30 grammas, decocto de polygala 120 grammas — uma colher (das de sopa) de 4 em 4 horas. Cessadas as crises, passe a usar "Iodalóse Galbrum" — quinze gottas, num calice dagua assucarada, depois de cada refeição principal.

SONIA (Rio) — Seu tratamento é complexo. Usará, pela manhã, depois do pequeno almoço, e á noite, no momento de se recolher ao leito, 2 comprimidos de "Lactal". Tomará, depois de cada refeição principal, 2 granulos de "Methylarsinato de Sodio Clin". Banhos mornos geraes, pela manhã, exercicios de gymnastica sueca, passeios moderados a pé, oito horas de somno, diariamente, e regimen alimentar lacteo-vegetariano são condições essenciaes ao bom exito do tratamento. Pela manhã, lavará o rosto com agua morna e sabonete de benjoin e, depois de enxugal-o, applicará, em massagens, a nata do leite, posto a coalhar, no dia anterior. Deixando, após a massagem, correr o espaço de 20 minutos, retirará o excesso do remedio, com outra lavagem identica á primeira. A' noite, no momento de deitar-se, lavado e enxuto o rosto, empregará, em massagens: tintura de benjoin 5 grammas, espermacete 15 grammas, lanolina 10 grammas, hydrolato de rosas 16 grammas, oleo de amendoas amargas 50 grammas.

DR. DURVAL DE BRITO

MEDICOS

Dr. Armenio Borelli

Cirurgia do adulto e da creança. Chefe interino da 3ª Enfermaria de Cirurgia da Santa Casa da Misericordia.

Consultas: das 4 ás 6, rua Rodrigo Silva, 5 — sobrado; telephone C. 3451. Residencia: rua Senador Vergueiro, 11, teleph. B. M. 1448.

Dr. Arnaldo de Moraes

Docente da Faculdade de Medicina Da Maternidade do Hospital da Misericordia e da Polyclinica do Rio de Janeiro.

CIRURGIA ABDOMINAL, GYNECOLOGIA E PARTOS

Consultorio: R. Assembléa, 87 (3 ás 6 horas). Teleph. Central 2604. Residencia: R. Barão de Icarahy, 28, Botafogo. Teleph. B. M. 1815.

Dr. Hernani de Irajá

Doenças nervosas — Males sexuaes — Syphiliatria — Plastica.

Banhos de luz. Raios ultra-violetas e infra-vermelhos. Diathermia. Alta-frequencia. Galvano-faradisação. Endoscopias. Massagens electricas por habil enfermeira. Processos rapidos para engordar ou emmagrecer. Tratamento de signaes, verrugas, cicatrizes viciosas pela electrolyse e electro coagulação. Das 2 ás 6 — Praça Floriano, 23 — 5º andar. "Casa Allemã". Phone: C. 6222.

CLINICA MEDICA DO

Dr. NEVES-MANTA

(Assistente da Faculdade)

Especialmente o tratamento das Doenças Nervosas e Mentaes nas suas relações com as doenças funccionaes do Estomago, Figado e Rins.

Rua Rodrigo Silva, 30 — 1º

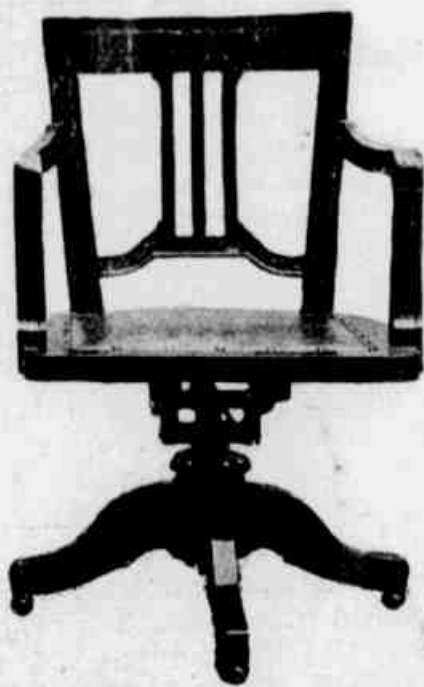
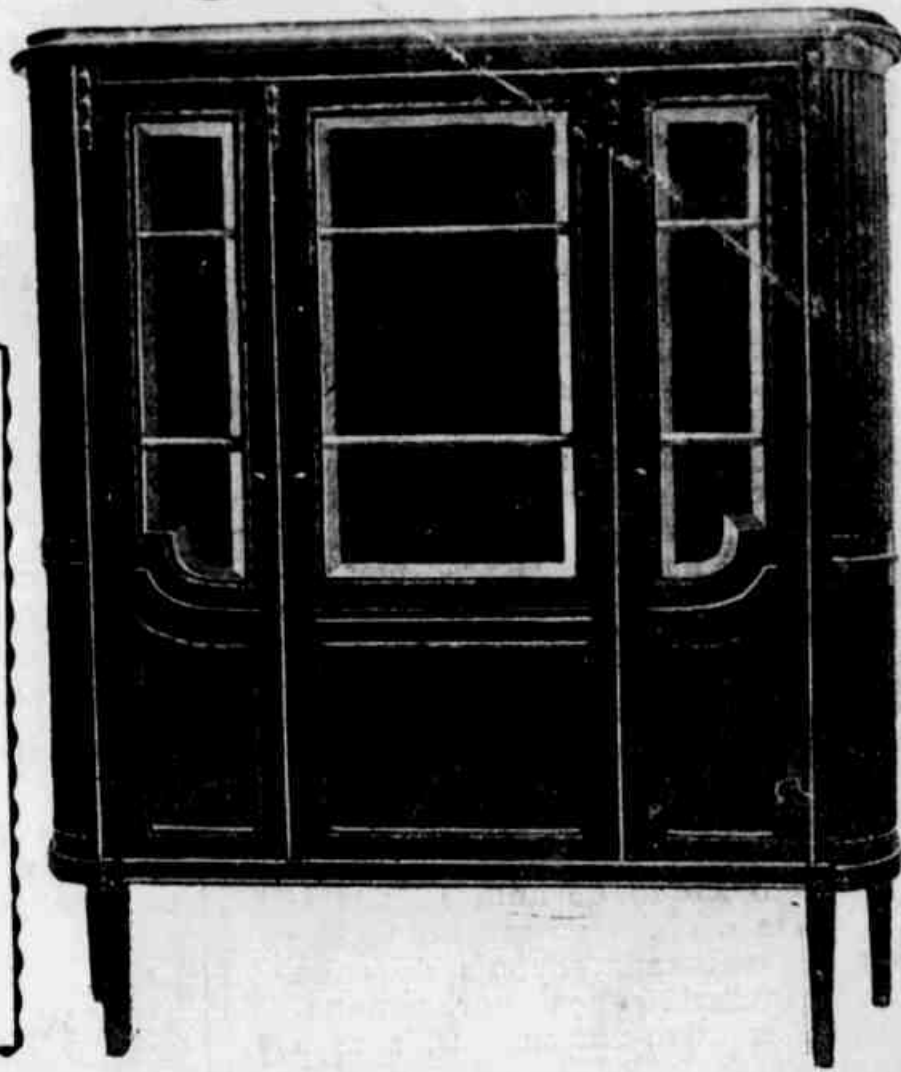
Diariamente ás 2 horas.

Peça-o Senhora

O bom gosto determina que o jantar seja rematado com um doce delicioso, nutritivo e de facil digestão. Os pratos preparados com a Maizena Duryea offerecem essas optimas propriedades, dahi a crescente popularidade de que gózam. Da proxima vez que V. S. tivér convivas, ou que preparar uma refeição para a familia, experimente uma das receitas do precioso livro de Receitas de Cozinha da Maizena Duryea, que lhe enviaremos com o maximo prazer se V. S. nol-o pedir.

M. BARBOSA NETTO & CIA.
Caixa Postal 2938
Rio de Janeiro

Miniatura da capa d'O MALHO de hoje

EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA — LONDON"
FUNCCIONAMENTO GARANTIDO

Fabricação especial de A. F. COSTA

Escriptorio c/3 peças em IMBUYA e com acabamento esmerado, sendo : —

1 Bureau curvo folheado e c/ tampo de crystal. Dimensões: 1,40 de frente e 75 de fundo.

1 Estante folheada e curva, com vidros de crystal. Dimensões: — Frente 1,40 altura 1,60 e fundo 0,40.

1 Cadeira com gyro e mola c/ assento estufado.

Preço Rs: 1:850$000

Para o interior cobrámos mais 10% para engradamento

A. F. COSTA
RUA DOS ANDRADAS N. 27
RIO DE JANEIRO

Clinica Medica de "Para todos..."

PTYRIASIS

E' uma affecção da pelle, caracterizada por manchas escamosas de aspecto irregular, sem fendas nem escoriações.

Depois de algum tempo, vem a exfoliação furfuracea da pelle, sob a fórma de um pó esbranquiçado.

A ptyriasis póde apparecer em todas as regiões do corpo; mas ordinariamente ella se manifesta na cabeça, recebendo o nome vulgar de "caspa".

Varias causas morbidas, como a syphilis, a escrofulóse, o arthritismo e as diversas parasitóses pódem originar a ptyriasis.

O tratamento dessa incommoda affecção requer, no estado agudo, o emprego de purgativos salinos, de bebidas emollientes, de refrescos de limão, laranja, tamarindo, groselha, etc., e de banhos mornos, contendo farello ou amido.

No estado chronico, preconiza-se o uso constante de aguas mineraes alcalinas, devendo, antes de cada refeição principal, ser ministrada uma colher (das de sopa) deste medicamento: arseniato de sodio 10 centigrammas, bicarbonato de sodio 20 grammas, agua distilada 300 grammas.

O prurido intenso que, na maioria dos casos, a ptyriasis origina, é combatido por meio de lavagens feitas com agua iodada ou com o licor de Van Swieten, applicando-se depois o glyceroleo de oxydo de zinco.

Quando houver muito desprendimento de laminas epidermicas, recorrer-se-á ao oleo de cade, puro ou associado ao oleo de amendoas doces, podendo tambem servir a pomada de proto-chlorureto de hydrargyrio a um por cento.

Na ptyriasis de caracter parasitario, deve o tratamento ser francamente antiseptico, empregando-se o creosoto, o bi-chlorureto de hydrargyrio, o aristol, etc.

Ao lado do tratamento externo, o clinico prescreverá a medicação interna correlata ao estado geral do enfermo e aos factores conhecidos da affecção, — syphilis, escrofulóse, arthritismo, etc.

CONSULTORIO

JULIO (Passa Quatro) — Use: tintura de bulbos de colchico 4 grammas, salicylato de sodio 5 grammas, iodureto de lithio 6 grammas, tintura de cabeça de negro 5 grammas, extracto fluido de stygmas de milho 15 grammas, xarope de cascas de laranjas amargas 300 grammas —tres colheres (das de sopa) por dia. Faça, por semana, 3 injecções intra-musculares com a "Proterceine".

F. E. L. I. X. (Araguary) — Basta usar: gottas amargas de Beaumé 1 gramma, licor de Fowler 2 grammas, tintura de canella 4 grammas, tintura de genciana 4 grammas, extracto fluido de Yhumbehoa 5 grammas, extracto fluido de kola 15 grammas — vinte e cinco gottas num calice d'agua assucarada, depois de cada refeição principal. Faça, por semana, tres injecções intra-musculares, com a "Tonikeine".

A. S. T. (Botucatú) — O menino deve usar: tintura de aconito quinze gottas, tintura de eucalypto 1 gramma, licor ammoniacal anisado 20 gottas, benzoato de sodio 3 grammas, xarope de Desessartz 30 grammas, infuso de especies bechicas 250 grammas — meio calice de 3 em 3 horas. Depois de cada refeição principal tomará uma colher (das de chá) de "Malt-Oleol".

M. F. (Volta Grande) — Use "Phaguryl", — duas capsulas, quatro vezes por dia. Use, tambem, pela manhã e á noite: glycero-phosphato de sodio 10 grammas, extracto fluido de abacateiro 100 grammas — uma colher (das de café) num meio copo dagua assucarada. Externamente empregue: permanganato de potassio 25 centigrammas — em um papel, vindo quatorze iguaes, para usar o conteúdo de um papel, num irrigador cheio dagua morna, em lavagens locaes, pela manhã e á noite. Banhos mornos geraes diariamente, evitar as marchas prolongadas, os excessos de calor e os tecidos pesados, abster-se de comidas excitantes, acidas e salgadas, adoptar de preferencia o regimen lacteo-vegetariano, eis as medidas complementares do tratamento.

LYS (São Paulo) — Decorridos tres dias, póde evitar o excesso referido usando: extracto fluido de gossypium herbaceum 3 grammas, extracto fluido de hydrastis canadensis 3 grammas, extracto fluido de hamamelis virginia 3 grammas, xarope de ratanhia 30 grammas, limonada sulfurica 500 grammas, — meio calice de 4 en. 4 horas. Cessada a crise e para compensar as perdas resultantes empregue a "Scroferrine" — tres injecções intra-musculares por semana.

A. L. C. E. U. (Catanduvas) — Basta usar: methylarsinato de sodio 50 centigrammas, iodureto de calcio 5 grammas, agua ingleza 1 vidro — meio calice depois de cada refeição principal. No momento de se recolher ao leito, use uma capsula de "Opolaxyl", bebendo em seguida meio copo dagua fria.

NANA (S. João Marcos) — Durante as crises, a mamã deve usar: tintura de lobelia inflata 6 grammas, iodureto de sodio 6 grammas, tintura de opio camphorada 10 grammas, xarope de flores de laranjeira 30 grammas, decocto de polygala 120 grammas — uma colher (das de sopa) de 4 em 4 horas. Cessadas as crises, passe a usar "Iodalóse Galbrum" — quinze gottas, num calice dagua assucarada, depois de cada refeição principal.

SONIA (Rio) — Seu tratamento é complexo. Usará, pela manhã, depois do pequeno almoço, e á noite, no momento de se recolher ao leito, 2 comprimidos de "Lactal". Tomará, depois de cada refeição principal, 2 granulos de "Methylarsinato de Sodio Clin". Banhos mornos geraes, pela manhã, exercicios de gymnastica sueca, passeios moderados a pé, oito horas de somno, diariamente, e regimen alimentar lacteo-vegetariano são condições essenciaes ao bom exito do tratamento. Pela manhã, lavará o rosto com agua morna e sabonete de benjoin e, depois de enxugal-o, applicará, em massagens, a nata do leite, posto a coalhar, no dia anterior. Deixando, após a massagem, correr o espaço de 20 minutos, retirará o excesso do remedio, com outra lavagem identica á primeira. A' noite, no momento de deitar-se, lavado e enxuto o rosto, empregará, em massagens: tintura de benjoin 5 grammas, espermacete 15 grammas, lanolina 10 grammas, hydrolato de rosas 16 grammas oleo de amendoas amargas 50 grammas.

DR. DURVAL DE BRITO

MEDICOS

Dr. Armenio Borelli

Cirurgia do adulto e da creança. Chefe interino da 3ª Enfermaria de Cirurgia da Santa Casa da Misericordia.

Consultas: das 4 ás 6, rua Rodrigo Silva, 5 — sobrado; telephone C. 3451. Residencia: rua Senador Vergueiro, 11, teleph. B. M. 1448.

Dr. Arnaldo de Moraes

Docente da Faculdade de Medicina Da Maternidade do Hospital da Misericordia e da Polyclinica do Rio de Janeiro.

CIRURGIA ABDOMINAL, GYNECOLOGIA E PARTOS

Consultorio: R. Assembléa, 87 (3 ás 6 horas). Teleph. Central 2604. Residencia: R. Barão de Icarahy, 28, Botafogo. Teleph. B. M. 1815.

Dr. Hernani de Irajá

Doenças nervosas — Males sexuaes — Syphiliatria — Plastica.

Banhos de luz. Raios ultra-violetas e infra-vermelhos. Diathermia. Alta-frequencia. Galvano-faradisação. Endoscopias. Massagens electricas por habil enfermeira. Processos rapidos para engordar ou emmagrecer. Tratamento de signaes, verrugas, cicatrizes viciosas pela electrolyse e electro coagulação. Das 2 ás 6 — Praça Floriano, 23 — 5º andar. "Casa Allemã". Phone: C. 6222.

CLINICA MEDICA DO

Dr. NEVES-MANTA

(Assistente da Faculdade)

Especialmente o tratamento das Doenças Nervosas e Mentaes nas suas relações com as doenças funccionaes do Estomago, Figado e Rins.

Rua Rodrigo Silva, 30 — 1º

Diariamente ás 2 horas.

Novidade

SÃ MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGGESTÕES PARA FUTURAS MÃES
(Premio Mme. Durocher, da Academia Nacional de Medicina)
Do Prof.
DR. ARNALDO DE MORAES
Preço: 10$000
Livraria Pimenta de Mello & Cia.
Rua Sachet, 34 — Rio

Para um magnifico e util presente de festas ás creanças, só o ALMANACH d' O TICO-TICO para 1930, que diverte e instrue.

Dr. ADELMAR TAVARES
ADVOGADO
RUA DA QUITANDA, 59
2º ANDAR

A MELHOR PUBLICAÇÃO ANNUAL

CINEARTE ALBUM

Nenhum grande artista do cinema deixou de ser contemplado com um bello retrato a côres.

Faça desde já o pedido do seu exemplar, enviando-nos 9$000 em dinheiro em carta registrada, cheque, vale postal ou em sellos do correio.

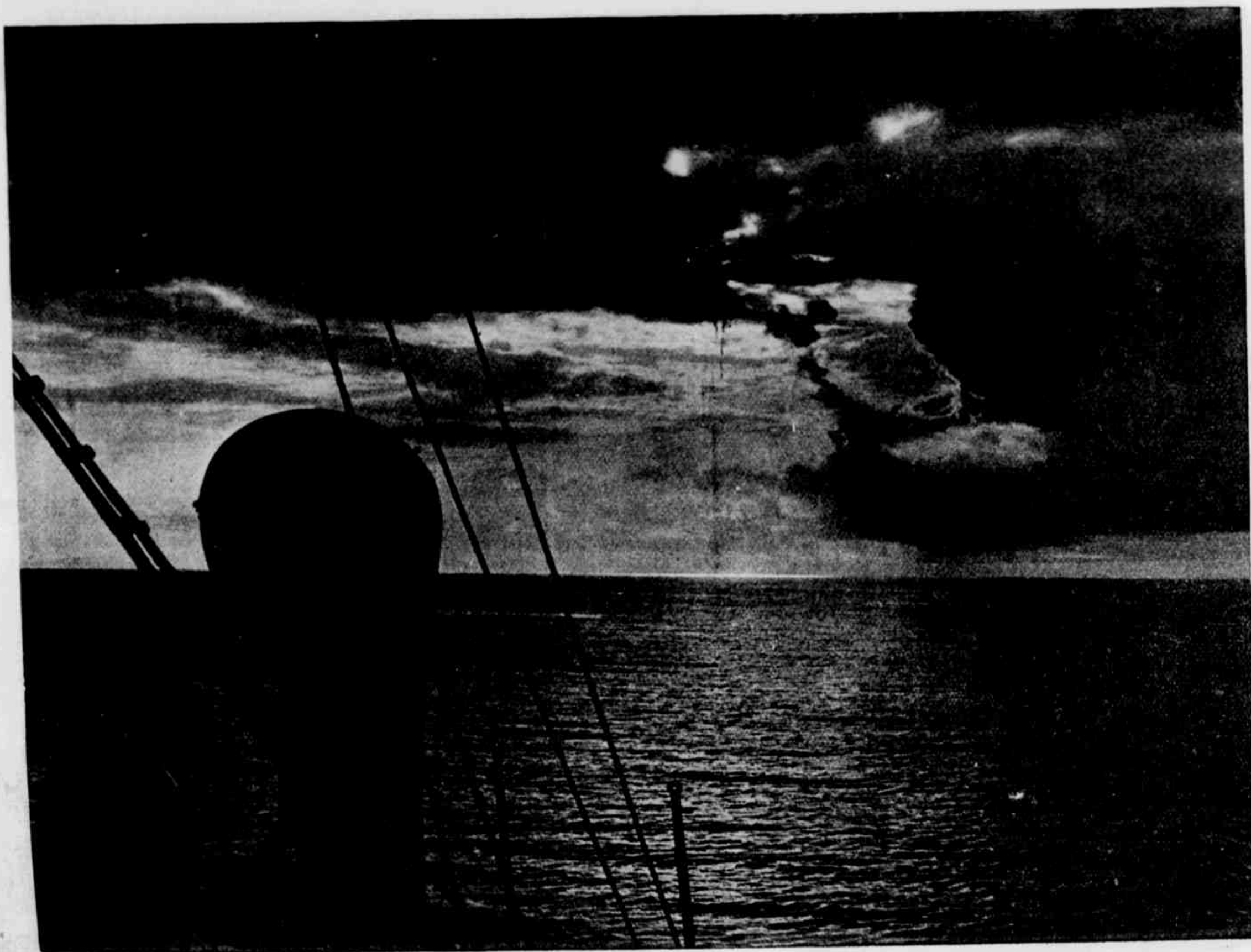
Sociedade Anonyma O MALHO
TRAVESSA DO OUVIDOR, 21
RIO

Dr. Alexandrino Agra
CIRURGIÃO DENTISTA
Participa aos seus amigos e clientes que reabriu o seu consultorio.
RUA S. JOSE', 84 — 3º andar
Telephone 2-1838

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA

A melhor revista editada em lingua portugueza, collaborada pelos melhores escriptores nacionaes e estrangeiros.

Arte Photographica

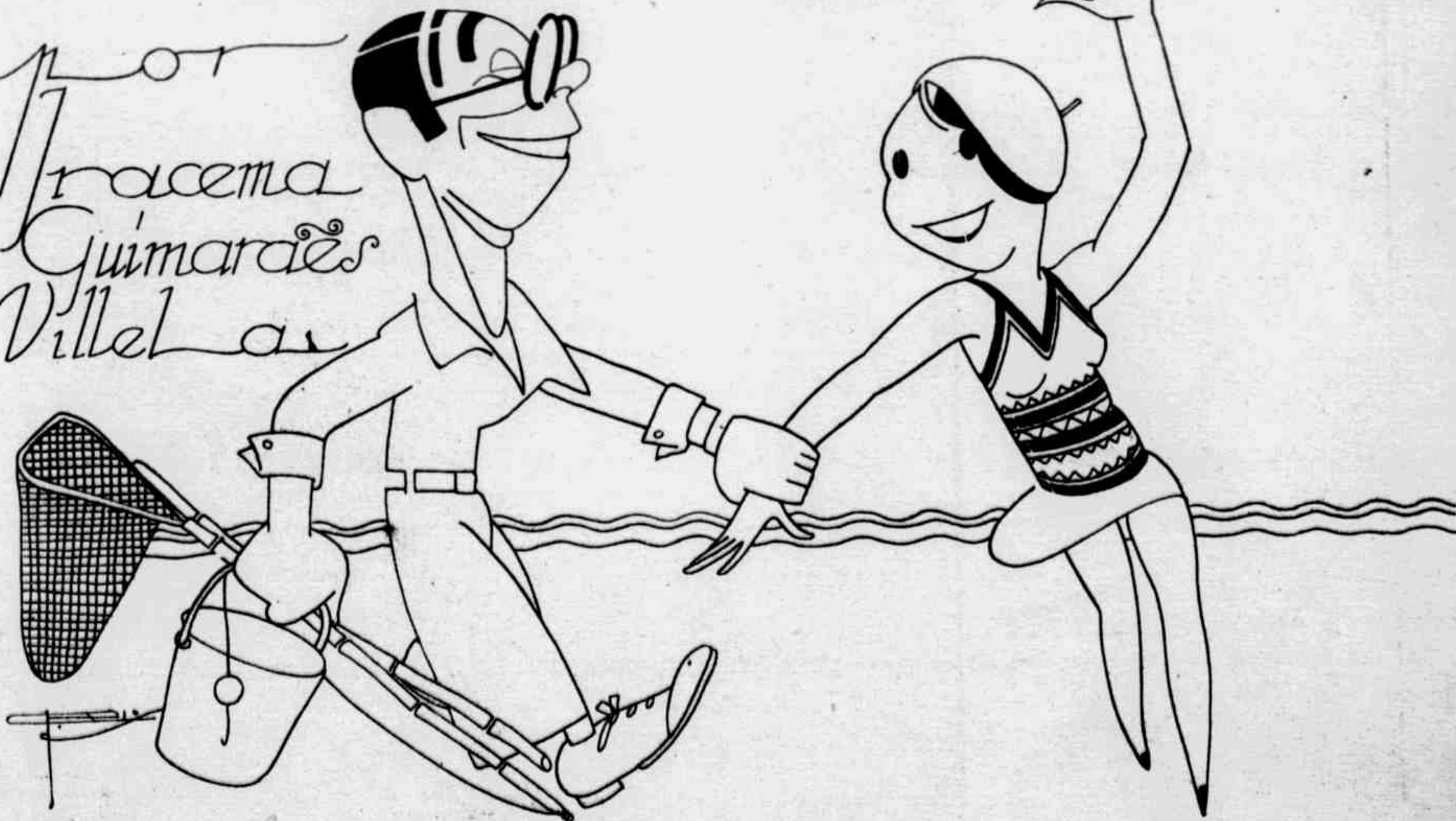
"Nuvens" pelo Dr. Malfatti
"Pôr de Sol" por G. Pozzi

Para todos...

Divagando...

O Amor na nossa terra de escravo passou a tyranno. Dantes os homens matavam-se quando não eram amados, hoje, mais decididos, tratam de eliminar a mulher que amam e os desprezou. como estão distantes esses tempos em que os rapazes na opulencia da vida derramavam em estrophes inflammadas as suas desillusões e o seu desespero! Os albuns eram os confidentes mudos desses sentimentos que não ousavam espandir-se, e desde os mais audaciosos até aos mais retraidos, todos manifestavam o seu ardor em linhas rimadas. A pessoa amada era intangivel, quasi sagrada, tão intensa era a aureola que a cercava. Assim o affirmam as nossas avós, rememorando com ternura e saudade aquella época romantica em que a lua era evocada como testemunha imprecendivel dos suspiros e de ais. Hoje isso evadiu-se ao sopro materialista insuflado pela civilisação. Tudo mudou e tomou orientação differente. A mulher, de entidade venerada passou a companheira sympathica e agradavel, com a qual se passam algumas horas em alegre convivio. A conversa perdeu aquelle tom que lhe imprimia o guante severo de uma educação recatada, e tanto na escolha dessa mesma conversa, como durante a agitação das dansas, o nosso espirito de egualdade une os sexos destruindo a distancia que os separa. A mulher é a camarada de saias curtas, folgazã, irrequieta, não exigindo grandes conciderações nem grandes reverencias. O homem não lhe mette mais medo: o collega, o amigo, o egual. Com elle vae aos cinemas, á missa, aos chás, aos cock tails, aos bailes e festas. As homenagens que delle recebia em outros tempos fazem-na rir, por as considerarem "vieux jeu" anachronicas, passadistas. E' como se de repente surgisse entre a graça travessa dos vestidos curtos, petulantemente colados ao corpo, uma immensa e respeitavel saia de balão, recamada de flores, rendas, lacinhos babadinhos frizados. Tudo se modifica e se modernisa. A velha e ridicula mesura, de corpo inclinado e braços arqueados, prendendo com dois dedos dengosos os apanhados do abundante vestido de damasco, foi substituida pela aperto de mão, vivo, alerta, simplificado. Elle veiu-nos dos Estados Unidos, trazendo na sua energica pressão uma serie de permissões e de audacias. As palavras discretas, os olhares anciosos, os suspiros assustados, foram pouco a pouco adquirindo attitudes mais defindas e ousadas. Os olhos de hoje não se baixam mais nem os collos fremem em anseios de esperança. Todas as aspirações vão direitas ao fim sem enscenação, difficil. Será por isso que o amor de timorato e envergonhado tornou-se destemido não attendendo a ponderações e embaraços? Será por isso que o homem em vez de buscar no silencio da morte, o balsamo para as suas dores não hesita em lançar a mulher amada ao mesmo abysmo que os tragára a ambos? Seremos nós responsaveis por esses desacatos, visto termos incutido no espirito de nossas filhas, os mesmos gestos e costumes de suas frias e louras irmãs americanas? Com a nossa furiosa e insaciavel mania de imitação, estaremos sem o pensar concorrendo para a sua perda? O futuro nol-o explicará algum dia...

por Iracema Guimarães Villela

A MINHA PRIMEIRA ADMIRADORA

TEXTO E DESENHO DE ROBERTO RODRIGUES

Eu já tinha recebido diversas cartas sobre os meus trabalhos. Umas me achavam um grande desenhista e outras me julgavam um imbecil. Um escriptor dedicou-me um livro e um compositor fez uma valsa para mim.

Naquella tarde, porém, fiquei lisongeado. O continuo da redacção veio dizer-me que uma moça havia telephonado quatro vezes para mim.

Ella se chama Hilda e o numero do telephone é X.

Hilda? Quem será essa Hilda? Não a conheço. Não conheço, não! Não pode ser aquella... E' outra.

Accendi o meu charuto Havana e procurei um telephone discrecto na redacção.

—Pode chamar a senhorita Hilda?

— E' ella mesma que fala.

— Eu sou Roberto Rodrigues...

— Oh! Roberto querido! Meu bemsinho, meu amor! Como é gentil!

— Mas... A senhorita me viu, me conhece?

— Não o conheço, não. Sou uma sua admiradora!

O argumento era decisivo. Acceitei o encontro que ella marcou. Cinco e meia na redacção. Ainda perguntou:

— Robertinho, os redactores ahi não são maliciósos?

Barbeiro. Loção. Pó de arroz. Manicure.

Esse relogio não funcciona direito.

As aventuras romanticas...

Cinco e meia. Upp!

O telephone é para mim?

— Roberto querido... Chove muito, muito! Você não tem pena de mim? Você paga o taxi?

Que menina exquisita. Ainda não me conhece e já cobra taxi.

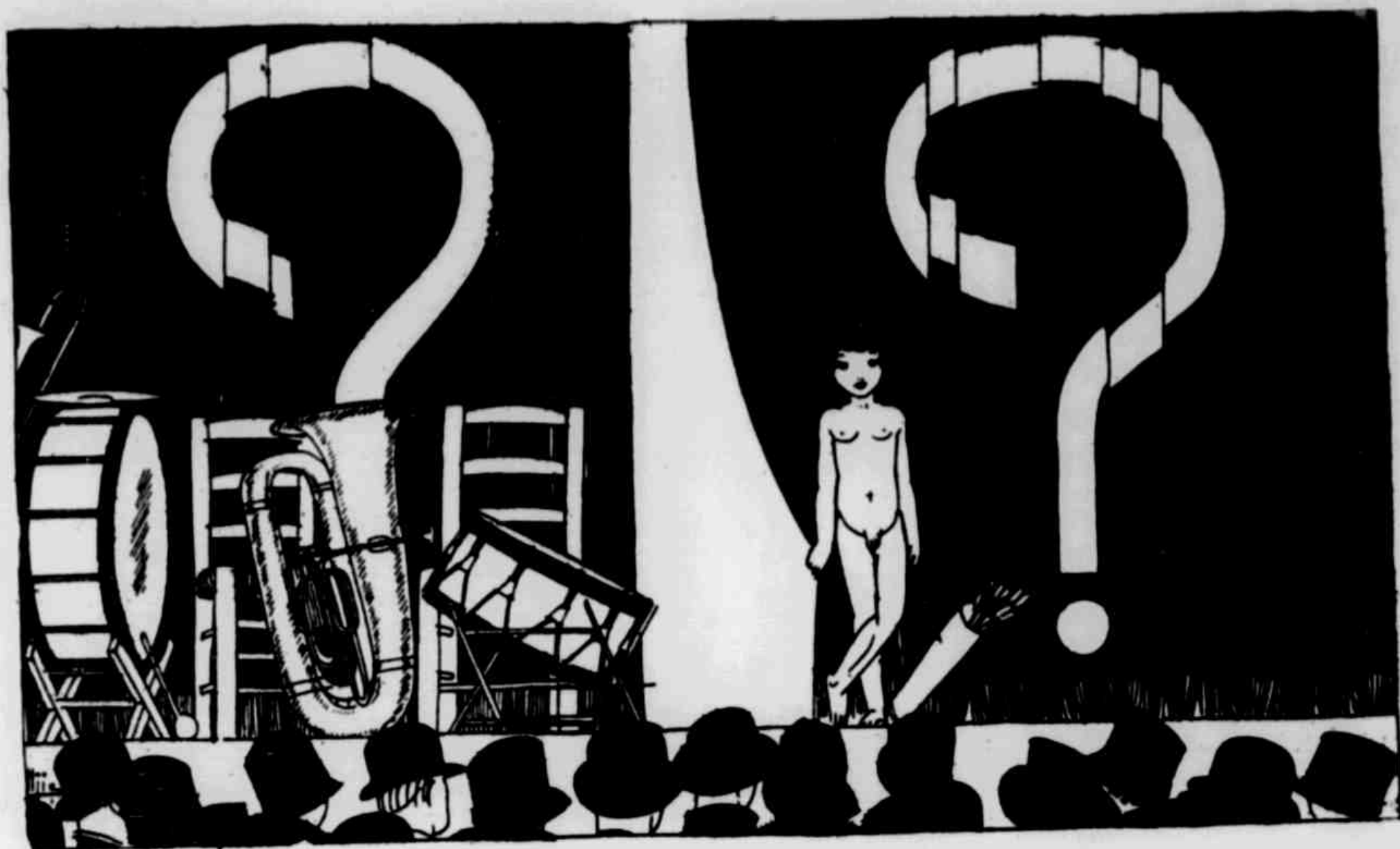
— Seu Roberto, uma moça está ahi em baixo chamando o senhor.

Desço. Pago o auto. Ella vae logo me abraçando.

Subimos a escada juntos, escandalosamente juntos. Os redactores olham curiosos. A minha admiradora parece um carro allegorico dos Democraticos. Que vestido, Deus do Ceu! E eu que sou um estheta! Essa pequena me compromette.

Eu me sentei, ella se sentou e o garoto

(Termina no fim do numero).

Si...

1° de Janeiro. Ha sempre em mim, nesta data o desejo de começar um diario, qualquer coisa differente da memoria, que diga de mim a mim mesmo. Começo-o sempre mas nunca o continuo. Por que? Um gesto de hombros Não sei. Meu passado é grande, quasi tão grande como o passado dos meus olhos... que viram outros passados... Verdade é que tenho vinte annos bem vividos, mal vividos, com certeza. Vinte annos... Nunca me queixei da vida... Queixar-me della é uma puerilidade, que me não permitto. A's vezes é verdade, deante do espelho (tenho o habito de conversar comigo deante dos espelhos) eu digo, olhando a minha figura: — "Si tu tivesses nascido homem... Si tu tivesses outro pensar... Si..." Sim. Devia ser differente, com certeza seria differente. Ponho-me então a sonhar como eu seria sob outra fórma, em outra hora, adiantada ou atrazada no tempo, com ou sem determidadas creaturas. Differente, differente com certeza... Mas não me queixo da vida como foi ou como é, como não me queixaria, talvez, si ella fosse diversa, differente. Os meu "Si..." são apenas sentimentalismo inoffensivo da fantazia.

PEPITA BARBOZA

O Argumento Gastronomico do "Réveillon"

TODOS os annos, ao approximar-se a data de 25 de Dezembro, o chronista que se respeita tem de escrver uma glosa, um artigo ou um poema sobre a festa do Natal. E cada um, seja o que for descobre piedosamente, nessa occasião, a famosa "Ballada des Proverbes", de Villou, cujo estribilho é assim:

"Tant crie-t-ou Noëlqu'il vient'."

Desde que os jornaes existem e que eu leio, nem uma só vez me foi negada essa satisfação. Mas este anno houve uma surpreza inesperada, além daquella a que estava acostumado. Veio-me de um philologo que, por diversas vezes, me tem dado a honra de apreciar a minha cozinha. E' um rapaz delicioso, que uma mesa bem servida enche de alegria e a quem um regimento de garrafas bem alinhadas não faz medo. Comprehende-se, pois, que eu tinha por elle uma certa affeição. Sempre lamentei apenas que elle não tenha encontrado no prazer epicuriano da mesa um temperamento de principios de racionalismo militante, si assim me posso exprimir, que rebaneam muitas vezes esse espirito delicioso e sabio ao nivel de um politico regional. Ao contrario, o dôce calor peculiar ao fim das refeições e que deveria tornarnos a todos mais indulgentes, exaspera nelle a paixão philosophica. Não ha nada que mais me desanime do que o barão de Holback numa mesa. Não tenho, então, outro recurso senão encher o seu prato ou o seu copo e de substituir nelle o demonio da critica peio da gulodice. E isto dá ensejo a torneios heroicos.

N'outro dia, propuz-lhe partilhar, este anno, do nosso menu do "Réveillon" da Petencia.

— "Muito simples, não é, caro amigo? "Consoumé" frio com vinho de Anjou, para começar; em seguida, alguns camarões com um pouco de pimenta de leayenna para estimular o sangue que moderaremos, caso seja necessario, com uns copos de "Sauterne". Nesse ponto, será pena não continuarmos com chouriços de gallinha com tuberas que, na ordem da salsicharia passam por augustas e veneraveis. Não diga que são pesadas para o estomago, pois não ha estomago incapaz de os digerir, a menos que esqueçam de lhes facilitar a passagem com uma garrafa de "Beaune" ou de "Volmy".

A' medida que eu falava, os olhos do meu amigo se dilatavam e as suas narinas estremeciam. Parecia que já estava installado com os pés embaixo da mesa, aquecido pelo cheiro do vinho e a vista dos pratos de que eu falava. Continuei:

— "Agora apparece o Perú... Ah! meu caro! Diabos levem toda a litteratura restrictiva e lamurienta com que vêm molhando, ha mezes, o nosso pão amargo. Sejamos pessoas de tradição. A tradição ampara este paiz nas provações crueis que elle vem atravessando e conserva-lhe as suas verdadeiras fronteiras que são intellectuaes e moraes. O perú do Natal é coisa respeitavel como a Academia Franceza e a Ordem dos Advogados. E' um alimento principesco e um symbolo. Ai do governo que prohibisse o perú do Natal!..."

O meu amigo perdeu a paciencia:

— "Basta de digressões" disse, "e explique-me como será o perú.

— "Cheia de môlho e recheiada de castanhas. Sustentam alguns que é bom ligar as castanhas com uma "farce" de salsichas. Experimentei-o uma vez e não o recommendo. A salsicha attrae sobre si uma attenção que é pena desviar do perú que, delicado demais para se pôr em evidencia é capaz, entretanto, abandonada a si mesmo, de proporcionar as mais ligitmas satisfações. Ainda assim é preciso não confundir concorrencia e collaboração. E, por isso, a garrafa de "Château - Lafite" torna-se aqui uma excellente collaboradora.

O meu interlocutor arquejava de apettite. Ao pronunciar uma palavra cheia de evocações, a minha voz tornava-se commovida e amorosa. Tendo falado de cogumelos com creme, de "foie gras"! de salada italiana, vim a prometter um bello tronco cheio de confeitos, acompanhado de muito "champagne"..

Fiz pausa afim de apreciar o effeito da minha eloquencia. Então, muito simplesmente elle disse-me:

— "Não se poderia antecipar a hora desse "réveillou"? Meia-noite é muito tarde. E teremos acabado antes do despontar do dia.

— "E' impossivel," respindi com firmeza. Feita antes da meia-noite seria uma refeição qualquer. O seu encanto vem justamente da tradição"...

— "Ainda!"

— "Ainda e sempre. Uma vez por anno, deve-se ir para a mesa á meia-noite. Respeitemos essa convenção, admiremol-a e veneremol-a mesmo, pois nessa data excepcional podemos fazer tres refeições em vinte quatro horas."

— "E' verdade", disse elle, convencido por esse argumento.

Era isso o que eu esperava e, então, insinuei:

— "Confesse que os costumes christãs têm o seu lado bom, ao menos quando proporcionam uma alegria substancial ao incredulo que é."

Que idéa infeliz! Despertei nessa alma, enternecida pela perspectiva das iguarias, o instincto funesto da controversia. Ficou rubro como si fosse acommettido de escarlatina subitamente. E de sua bocca sahiram, apressadas, estas palavras:

— "Estupido... estupido e descabido o que acaba de dizer... Como si a festa do Natal fosse um costume christão!"

— "O que", disse eu estupefato, "não é então...?"

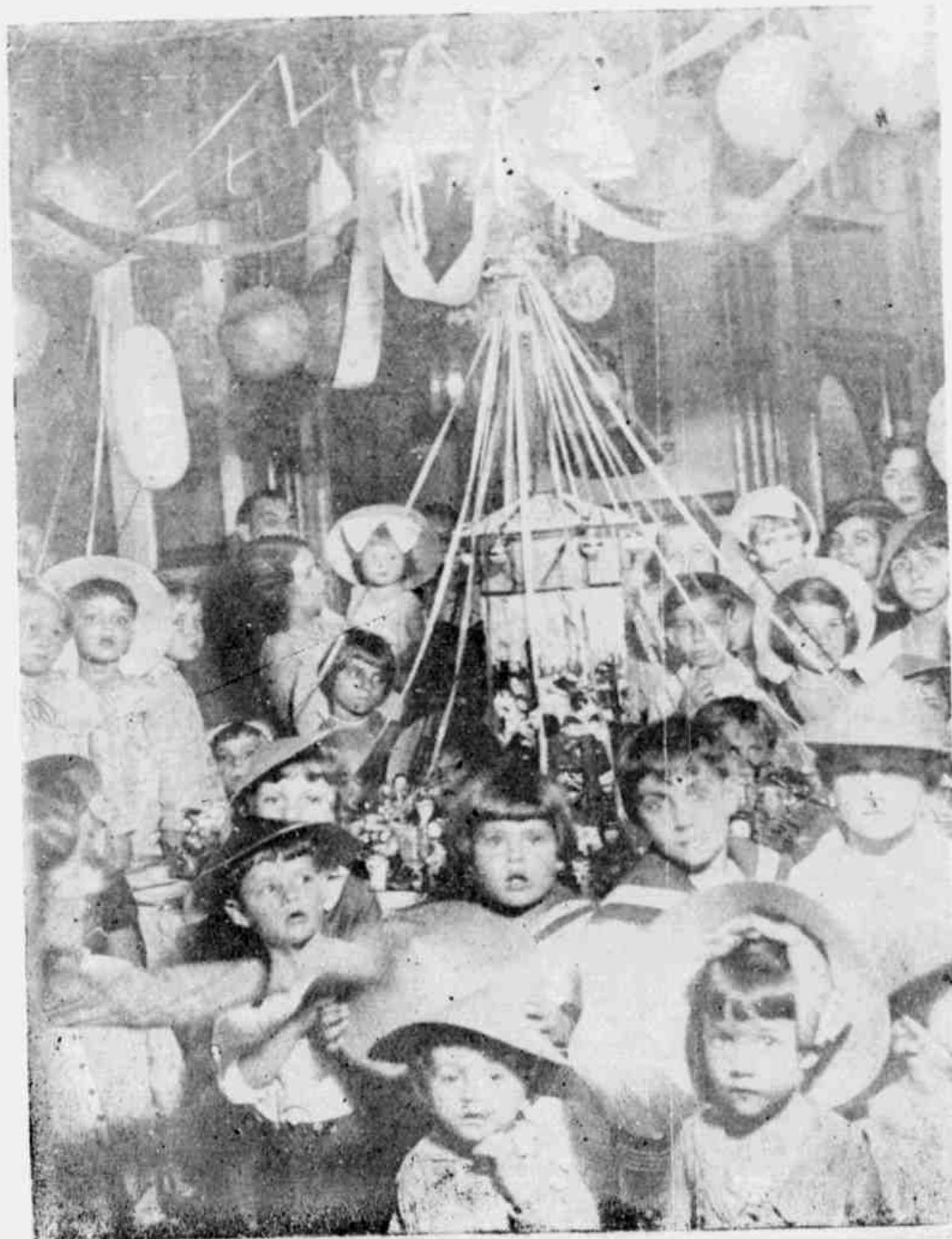
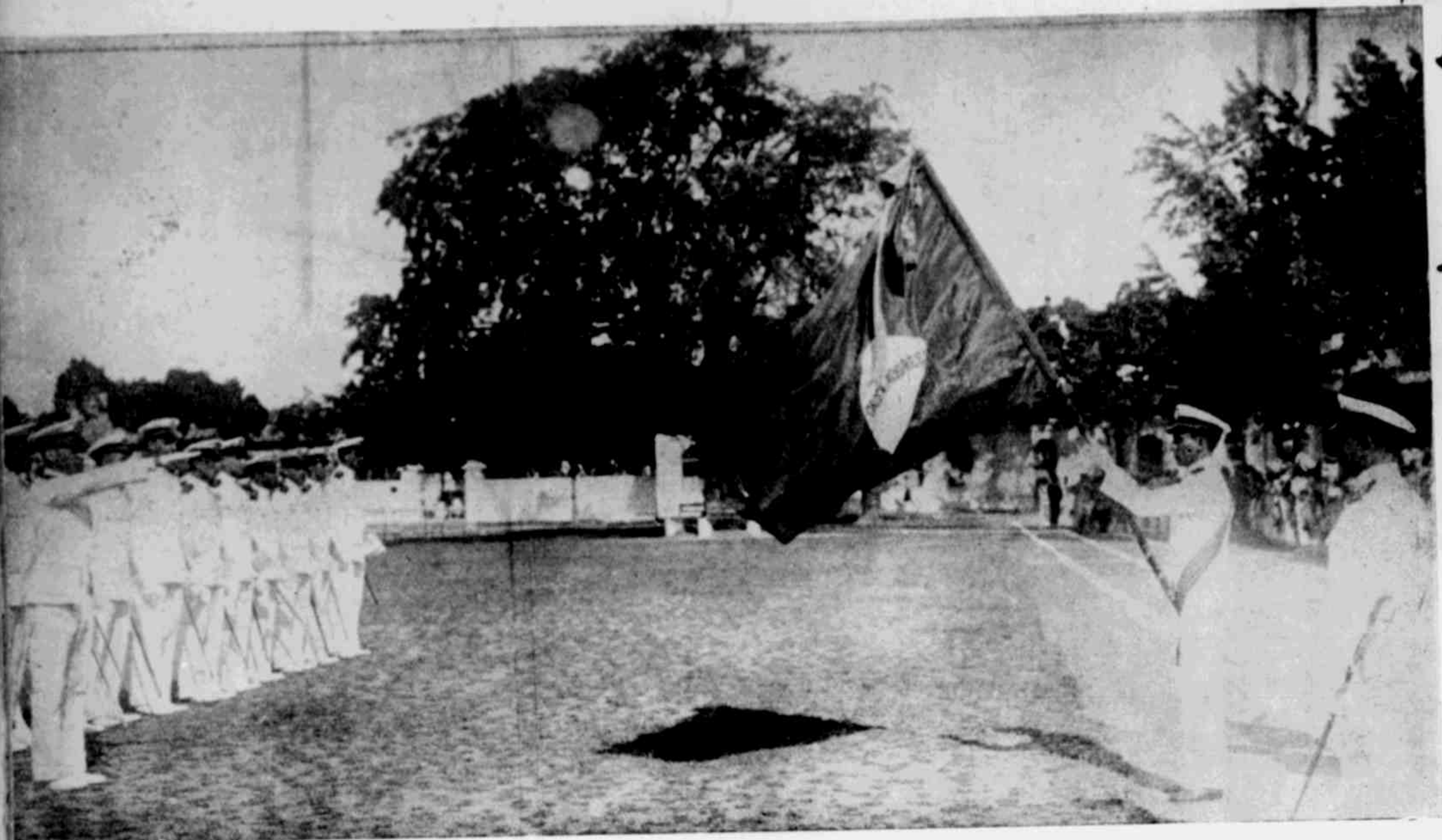
— Elle encolheu os hombros, desanimado por tão prodigiosa ignorancia. Depois explicou, mais calmo, desejoso de convencer:

— "Não, e não se sabe a que attribuir a sua origem, pois se perde nas brumas da historia. Fique sabendo que a data de 25 de Dezembro era festejada pelos homens muito antes do nascimento de Christo e do calendario gregoriano. Não se chamava 25 de Dezembro, mas era o mesmo dia do anno, porque coincide com o solsticio de inverno que marca o renascimento dos dias e o inicio da germinação. Era a "gaëllancol" dos Celtas que signica a "soleillée" e o Sol "novus", ou sol novo dos Latinos. Escusa de arregalar os olhos, é isso mesmo. Na propria India, na India antiga, a festa maior realizava-se nessa epoca do anno que era a da sementeira. E somente isto, fique certo, é que dá uma significação dos agapes annuaes da noite de 24 a 25 de Dezembro. E' uma festa pagã, uma verdadeira festa pantheista que celebra o renovo da Terra. Até o nome de Natal que lhe deram, em que todos querem ver um derivado da palavra "natalis" que significa nascimento, vem ao contrario, de "novellius" que significa novo"...

— "Bravo", exclamei," isso me tranquillisa! Preparemonos a jantar bem, caro amigo. Graças á "soleillée" e ao "sol novus", vamos comer e beber sem remorso. E confesso que esse "Novellius" vae me abrir o appetite nessa noite que coincide com o solsticio de in-

(Termina no fim do numero).

Distribuição de brinquedos ás creanças pobres pela Associação dos Anjos de Caridade, de Laranjeiras

Festa offerecida por Nelio, filho do casal Horacio Ernani de Mello, no dia em que fez annos, 16 de Dezembro, aos seus amiguinhos, todas as creanças da rua 24 de Maio.

Juramento á bandeira na Escola Naval com a presença do senhor Presidente da Republica.

Missa dos doutorandos de Medicina na Cathedral com a presença do senhor Nuncio Apostolico.

ROBERTO
RODRIGUES

Parecia um menino nos olhos que o
viam passar quiéto, tristonho,
pelas ruas da cidade.

Mas era um artista de sensibilidade
dolente, o pintor dos desgraçados,
dos pobres, dos criminosos.

Elle tinha pena da vida.

A mórte no hospital, para onde o levaram ferido por um tiro de mulher, foi o seu ultimo desenho.

O mais tragico.

O que mais pisou.

O que a gente não queria que o Roberto fizésse.

Collação de grão dos bachareis formados este anno na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, no Instituto Nacional de Musica. E missa em acção de graças pela terminação do curso que elles mandaram rezar na Igreja da Candelaria.

Um instantaneo apanhado durante o baile que o Syndicato Medico Brasileiro realizou no Club Germania.

Em baixo:
recepção na Embaixada da Belgica.

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO CONT. LEGAL

Uma Mulher de Antigamente

DE CARLOS RUBENS

CARMINA de Medeiros tinha dez annos mais do que Guiomar Mendonça, sua prima.

Chegada da provincia, viera encontrar Guiomar uma rapariga de modos desenvoltos, discutindo sports, cinema, footing, dancings e namoros; pintando escandalosamente os labios, de sobrancelhas como dois arcos negros e longos, o cabello cortado quasi como o dos homens, as saias que se lhe viam, por vezes, a séde das ligas ou o moreno lascivo das pernas. Usava termos que lhe pareciam menos castos á percepção auditiva provinciana e manuseava, ao envez da "Escrava Isaura" e da "Moreninha", romances de Pitigrilli e Costallat...

Vezes varias a sobrinha sahia sem que pedisse aos paes ou lhes dissesse ao menos para onde ia; e quando voltava, alta noite, ouvia, á porta, um motor que trepidava, e risos alegres.

Os paes ligavam pouco á vida sem peias que ella levava, mesmo porque a mãe de Guiomar sahia tambem só, ia á costureira, ao dentista, ao cabelleireiro e ao cinema, sem que o marido soubesse ou estranhasse, quando o sabia.

Carmina Medeiros era fresca e bonita. Cabello á antiga. Sem sobrancelhas em arco vinhetal e sem coração vermelho em distico na bocca sem macula. Simples. Voz sem melodia, arrastada como um som derradeiro de valsa triste.

Não via com bons olhos a prima. Censurava, comsigo mesmo, aquelles costumes e excessos, aquelle viver dissoluto que era, aliás, o de toda uma sociedade; e como se se mirasse a si mesma para descobrir defeitos e peccados, considerava-se uma creatura singular, fóra da época, uma creatura que não podia viver no Rio, assim exquisita e retrograda. E um dia em que a sobrinha a convidou a cortar os cabellos e a encarvoar as sobrancelhas, ella disse, vendo Guiomar deante do espelho, mirando-se, a polir as unhas compridas: — Não, minha filha. Entre a tua e a minha educação ha uma differença enorme. Fomos educadas em meios desiguaes. Differentes. Num que não evoluiu, noutro que evoluiu demais.

Tu segues uma educação livre e frivola, producto do meio, uma educação que é civilização e perversão. E's uma civilizada. Eu sou uma provinciana, uma roceira, educada noutra escola, numa escola que vae rareando, e da qual só na provincia ainda vêem-se resquicios.

Noutro ambiente em que mais se crystallizam as virtudes dos velhos lares brasileiros, dignos e recatados, onde os filhos não se igualam aos paes na liberdade e nos vicios, mas os seguem no caracter sem dobrar, no mutuo respeito e no temor a Deus...

E num desabafo mais longo:

— Onde ha uma distancia que separa os filhos dos paes, onde as creanças não vão á escola como as sirigaitas, não conhecem dancings e as moças se fazem no lar as futuras mães que hoje são vagas reminiscencias das excelsas matronas de outras éras.

— Mas eu estou vivendo o presente. Uso a moda da minha época. Sou actual, aventurou a prima em quem as palavras de Carmina Medeiros não achavam repercussão.

— Frutos do tempo. Malaventurados frutos dos tempos actuaes, em que as raparigas lêm nos bondes livros de escriptores fesceninos, se desnudam com escandalo e frequentam logares equivocos. E não têm noção de pudor e de familia...

— O que eu não queria era pertencer á gente antiga... disse rindo, por mofa, Guiomar Mendonça.

— Eu alcancei ainda a educação ao contrario da de agora. Rigida e austera, de obediencia cega. De moral e de honra. Educação provinciana, passadista, que não conheceste, mas que não produziria a sociedade que ahi está...

Era isso ao entardecer. Guiomar Mendonça estava prompta para sahir, mettida num lindo vestido branco como de leves gazes fluidas.

As palavras da prima não lhe haviam causado a minima impressão. Era como se nada tivesse ouvido.

Olhou pela janella da casa assobradada e viu lá fóra, na poeira impalpavel de ambar do crepusculo, o mar ondulando, com languidez, sob o esplendor purpureo do poente. No portão parára um auto côr de malva. Guiomar Mendonça despediu-se apressadamente da prima, abriu a porta e desceu as escadas aos pulos; atravessou o jardim, escancarou o portão e entrou no auto que rodou sob as arvores da Avenida Beira-Mar, rumo não se sabe aonde...

DE TUDO -- PARA TODOS

Casa de orates — Muita gente emprega a phrase intuitivamente, sem, entretanto, conhecer o seu verdadeiro sentido. Sempre que se está no meio de uma balburdia, ou de uma grande desorganização, a phrase vem a proposito. Porque assim deve ser uma **casa de loucos**, que é o significado de casa de orates.

Attila — Entre os nomes incrivelmente lendarios que o passado nos legou atravez da Historia, Attila é, sem duvida, um dos mais celebres. Guerreiro cruel, poz em sobresalto todo o mundo barbaro, agredindo, destruindo, saqueando e incendiando diversas cidades.

Historicamente, é o typo classico do devastador feroz e sanguinario.

Devastou a Europa, como uma verdadeira avalanche. Por onde quer que passasse não ficava pedra sobre pedra. Elle mesmo tinha o orgulho de dizer que "por onde o seu cavallo passasse, a herva não mais medraria".

Chamaram-lhe "o açoite de Deus". Metz, Treves, Strasburgo foram por elle saqueadas. Atravessou a Germania, o Rheno, precipitou-se sobre a Gallia, passou o Sena e marchou sobre o Loire. Os parisienses só não abandonaram a cidade, porque foram detidos pela joven camponeza, que haveria de ser mais tarde a Santa Genoveva — padroeira de Paris. Os imperadores do Oriente e do Occidente da Europa foram por elle submettidos ao pagamento de pesados tributos.

Quiz tomar Orleans. A população oppoz-lhe tal resistencia que, pela primeira vez, o guerreiro indomavel teve de recuar. Essa retirada, porém ficou assignalada com a celebre batalha da planicie de Chalons, onde, a 21 de Junho de 451 o occidente europeu se livrou do dominio dos hunos.

Em compensação, ficaram em campo, 160.000 cadaveres.

Vencido, Attila reappareceu no anno seguinte, com uma furia incrivel. Reduziu a cinzas Vincencia, Padua e Verona. Ao avançar sobre Roma, foi detido pelo Papa S. Leão Magno, que conseguiu que elle se retirasse, sob a promessa do pagamento de um forte tributo annual.

Resumida, assim, em poucas linhas a vida de Attila, o famoso general huno, poder-se-á pensar que elle era um gigante que pereceu em plena batalha.

Nada disso. Era baixo, tinha o peito largo, a cabeça grande, os olhos miudos e a barba muito escassa.

Quanto á sua morte, foi a mais estupida possivel. Atravessando, vencido, o Rheno, viveu os ultimos mezes de sua vida ás margens do Danubio, perto de Budapest. Apaixonou-se por uma joven chamada Ildico, com quem se casou. Na noite do casamento, porém, teve uma syncope cardiaca e morreu...

Cesar era tão monstruosamente cruel, que chegou ao extremo de desejar que o povo romano tivesse uma só cabeça para poder decepal-a de um só golpe!

Oderint, dum metuant é uma das mais celebres phrases attribuidas a Cesar, imperador romano. A crueldade desse homem não tinha limites. Era capaz de tudo. Por isso mesmo, o povo romano tinha delle verdadeiro pavor. E era isso justamente o que elle queria: Detestem-me — dizia — comtanto que me respeitem: **oderint, dum metuant!**

Cicero, no seu **De Officiis**, I, 28, 97, registra a expressão, da qual, parece, nenhum outro soberano, nem despota algum, fez uso até hoje.

Caligula era, como se sabe, um apellido dado a Cesar — o monstruoso Imperador Romano Caio — Cesar — Augusto — Germanico.

A origem do apellido é a seguinte: Chamavam-se caligas e eram guarnecidas de pregos as botas militares que usavam os antigos soldados e officiaes romanos — até ao gráu de Centurião — que era o official que commandava cem homens da milicia de Roma.

Cesar creou-se entre esses soldados e, como usasse tambem a sua pequena caliga, deram-lhe o apellido de Caligula, que era o diminuitivo de caliga.

Chéréas, como Tribuno romano, praticou na vida, um unico acto que recommendou o seu nome obscuro á Historia: foi elle o assassino de Caligula, no anno de 41, da nossa éra.

Livrou Roma da crueldade de Cesar, mas não se livrou do castigo fatal: a morte, por ordem de Claudio, que succedeu a Caligula no Governo.

As nove musas eram as nove deusas, que a mythologia designava para presidir ás artes liberaes, especialmente á poesia e á eloquencia. Eram todas irmãs, para demonstrar que as Artes se encadeiam, se completam, se prendem umas ás outras, porque são o reflexo de uma mesma origem: a Belleza. Filhas de Jupiter e de Mnemosyne, todas jovens e todas formosas, embora de formosura differente, a cada uma cabia uma missão diversa, não só na terra como no Olympo, cujos festins frequentavam para seu prazer e para goso dos deuses...

Habitavam com Apollo, o Parnaso, frequentavam o Pindo, o Helicon e o Piero e eram as seguintes:

Clio — que significa, em grego **fama, gloria** — era a musa da Historia;

Euterpe — em grego, **que sabe agradar** — porque havia inventado a flauta ou, pelo menos suggerido a sua descoberta, presidia á musica;

Thalia — em grego, **florescer** — era a deusa da Comedia;

Melbomene — do grego, **cantar** — presidia á Tragedia;

Terpschore, era a musa da dansa. A palavra, em grego, significa **que ama a dansa**;

Eráto — de Eros, **amor** — inspirava a poesia lyrica ou anacreontica;

Polymnia — de **muito e hymno** ou **canção** — era a Rhetorica;

Urania — **céu**, em grego-dirigia a Astronomia;

Calliope — que significa **um bello rosto** — era a musa da poesia heroica ou da eloquencia.

+ + +

A lenda attribue ás nove musas mais de um sobrenome. Em Roma, chamavam-lhes **Camenes**, que significa **agradaveis cantoras**. Apellidaram-nas tambem Libethrides, por causa do monte Libethris, segundo uns, ou da fonte Libethra, segundo outros os quaes lhes eram consagrados.

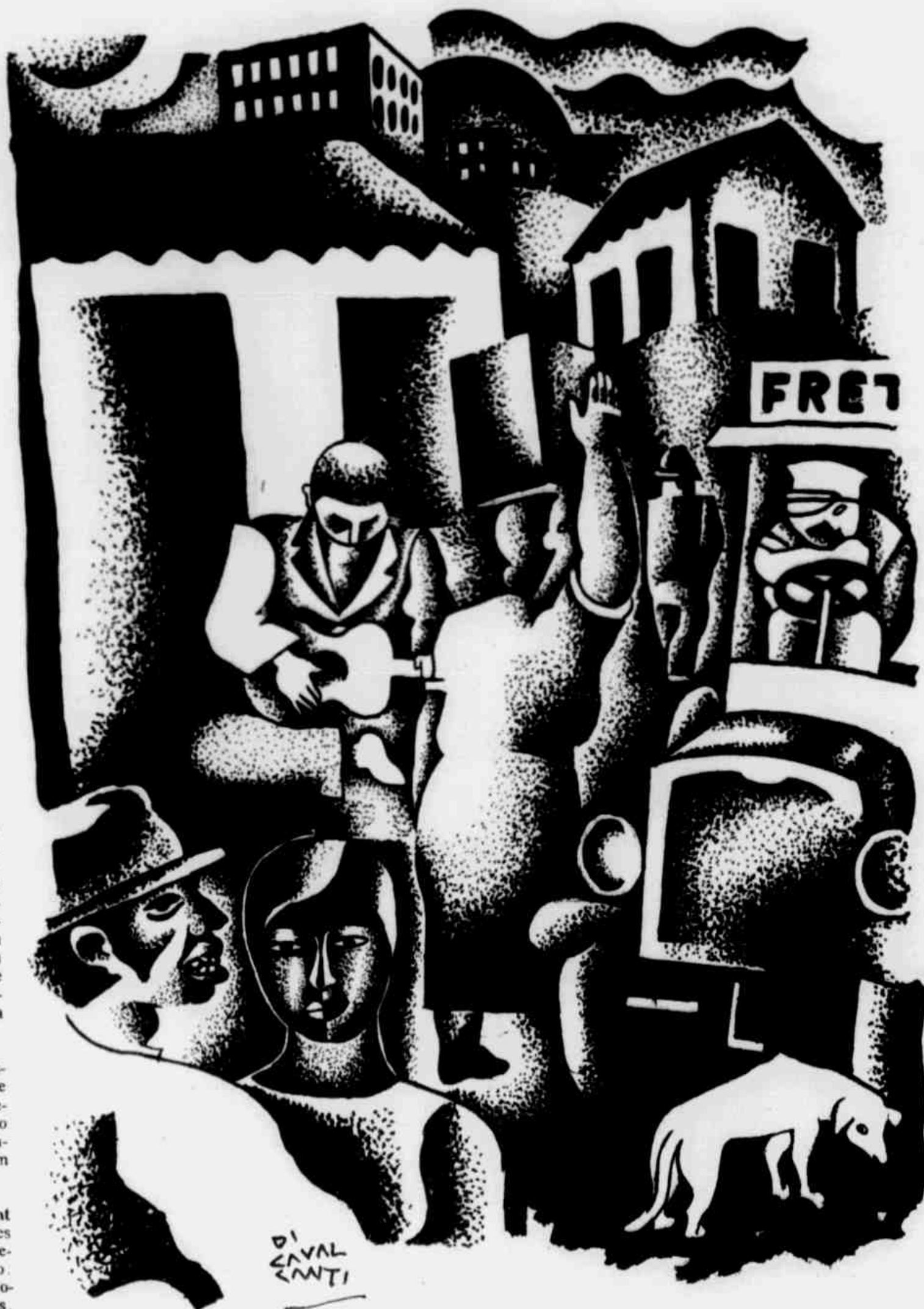
O sobrenome de Pierides é assim explicado: Piero, rei da Macedonia, tinha nove filhas, eximias na Poesia e na Musica. Orgulhosas do seu talento, ellas desafiaram as nove Musas no proprio Parnaso.

Acceita a luta, as Nymphas da região, designadas para arbitros, pronunciaram-se em favor das Musas.

Indignadas com a decisão, as nove filhas de Piero investiram contra as suas rivaes. Apollo, porém, interveio e methamorphoseou-as e m pêgas, pequenino passaro branco e preto que se encontra em toda parte. Em consequencia de sua victoria, as musas tomaram o sobrenome de Pierides.

+ + +

As Nove Musas são a eterna fonte de inspiração dos poetas de todos os tempos! porque são "creaturas" que apparecem sempre na nossa phantasia, com uma aureola muito especial de bondade, de graça, de belleza.

Eis por que bem se póde dizer que as Musas não são nove, mas dez. A decima e a "minha" musa, é a "tua" musa, leitor amigo. E' a creatura do meu e é a do teu sonho, aquella que torna um pouco mais amavel a vida de cada um de nós... E' a mulher que amo, é a mulher que tu amas...

DE MANHÃ CEDO NO BAIRRO POBRE
Desenho de
Di Cavalcanti

VISITAS

A MINHA tia Ursula — chamava-se Ursula, a minha querida tia e estava no seu direito — morreu... Era eu o seu unico herdeiro... Ella deixou-me, o que era do seu dever, uma importante usina de capas de borracha (chamadas antigamente guarda-pó e que hoje se chamam em *francez* ("trench-coat").

Sou "patrão"... Nunca soube coisa alguma a respeito da fabricação da borracha... foi até o que atrapalhou o meu diploma de bacharel. Visitei a usina... é muito grande... Pedi para falar ao chefe do serviço de publicidade... um senhor respeitavel, decorado com as palmas academicas, respondeu-me *que um bom producto não precisava de reclamo*... e que a casa nunca se havia utilizado de qualquer publicidade... era uma opinião como outra qualquer...

E' talvez por isso que o movimento dos negocios diminue...

Sinto-me com disposições de reformador... e principalmente de dictador!... Vão ver só!...

Abri um annuario no artigo "Publicidade". Descobri 14.585 Agencias... E' um officio em que há muita concorrencia...

Esta tarde, encontrei um antigo camarada da guerra no terraço de um café... (E' incrivel o numero de pessoas tendo feito a guerra!) Elle disse-me: "Sabes, o nosso antigo sargento, sim... Durand, elle acaba de fundar uma pequena casa de publicidade... vae procural-o..." Procurei Durand... Esperei duas horas numa salinha suja, lá para os lados do "faubourg du Temple"...

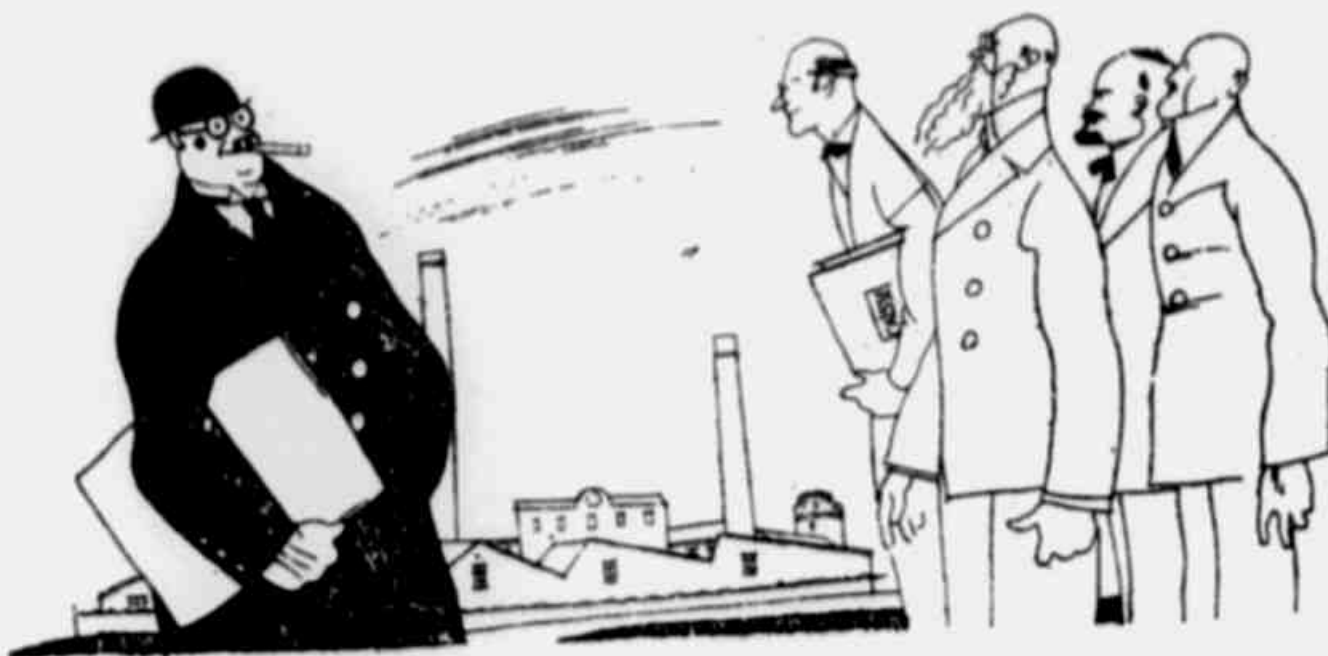
Durand tem um escriptorio muito bonito, mobilado de uma cadeira capenga e de uma mesa de madeira branca; raspou o bigode e usa oculos...

Disse: "Borracha? Borracha! Vou dar-te já uma idéa para lançar a tua marca!"

Pegou um lapis e escreveu num bloc esta phrase sybilina:

"Usa-se as capas X... quando chove!..."

Achei isto completamente novo...

Um pouco desilludido, segui pelos "Boulevards" e encontrei (Céos! como o mundo é pequeno!) um outro camarada. Falamos de negocios. Expuz o meu caso... Elle disse-me:

"O que procuras ao certo?" — "Idéas"..

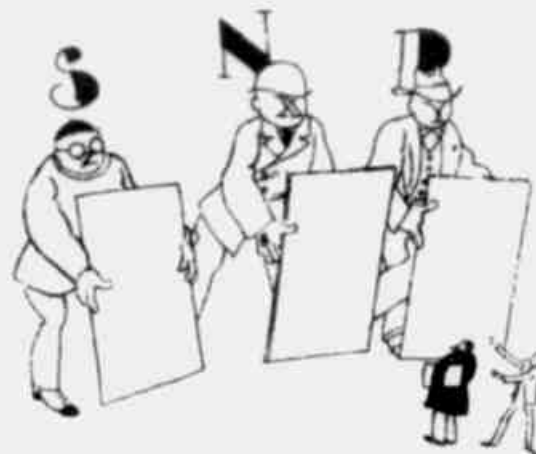
— "Então, meu velho, não hesites! dirige-te ao Studio S. N. P."

— "O que? respondi". Não comprehendo nem o latim nem o turco... Studio?... S. N. P.? não comprehendo..."

Tinhamos chegado em frente ao n°. 11 do "boulevard" dos Italianos.

— "Vês esta casa", disse-me o meu amigo...

— "Sim... é um bello edificio... deve ser uma casa importante!..."

— "Talvez!"

— "Achas, então, que elles se occupariam de mim e do meu caso?..."

— "Nem mais uma palavra", disse o meu amigo.., "sobe commigo..."

Escriptorios lindamente installados, acolhida muito amavel... não ha espera...

— "Senhor", disse-me o director, a S. N. P. (e traduzo) A Sociedade Nova de Publicidade põe-se ao vosso inteiro dispôr, elle e o seu Studio.

"Sabe, com certeza, que temos a exclusividade das publicações mais luxuosas de França? Sim: "Femina", Lectures pour Tous", "Je sais tout", "Les Annales..."

"Deseja idéas?"

"O nosso Studio vende idéas. "Deseja fazer annuncios nos diarios? O nosso Studio se encarregará disso.

"Está ás suas ordens o nosso serviço de estereotypagem, o mais rapido do mundo.

"Deseja este ou aquelle desenhista da moda? Nós o temos...

"Não lhe agrada o desenho ou a idéa que lhe submettemos? Promptamente arranjaremos mais...

"Não são do seu gosto os caracteres typographicos que lhe apresentamos? O nosso Studio os transformará." ...Confesso que isto era bastante differente da casa do meu amigo Durand. Sómente, sentia-me assás inquieto...

— "Sr.", disse ao director, "não me atrevo offerecer a uma casa tão importante como a sua, um negocio tão modesto como é o meu..."

— "Sr., para nós não ha *pequenos* negocios... Interessamo-nos a *todos* os nossos freguezes indistinctamente. Não tenho a honra de conhecer a sua firma, ignoro até o que vende...

"O Sr. tem confiança em nós, é quanto basta".

— "Mas si eu pedi idéas, projectos, maquettes... tudo isto vae-me custar horrivelmente caro... Supponha que eu não aceite nenhuma?..."

— "Senhor, os projectos executados serão submettidos *gratuitamente*, *sem compromisso algum da sua parte*... "Offerecemos-lhe aqui *uma intelligencia geral que pensará por si e um organismo completo e vivo que realizará por si*. "Queremos poupar-lhe todos os aborrecimentos, todas as preoccupações... e estou certo que os *seus desejos* se transformarão immediatamente em *ordens* que dareis ao Studio da S. N. P."

RIO

OS poemas gigantescos e symetricos dos arranha-céos colossaes; A eloquencia muda e esguiamente democratica dos postes de parada; O buzinar estridente e cauteloso dos "Fords" americanamente plebeus; contrastando com o deslizar silencioso e elegante dos "Backards" aristocraticos...

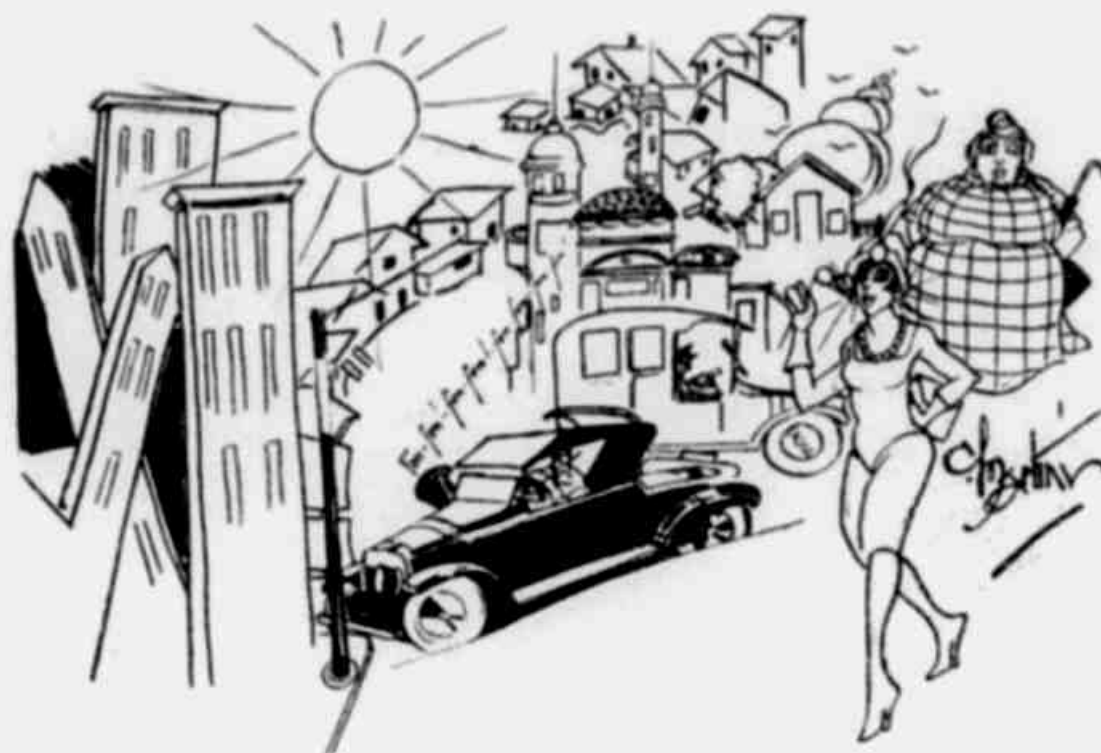
A opulencia confortavelmente viciosa dos maravilhosos palacios de Copacabana. Os "bungalows" pechisbeques, marca "Casa Sloper", dos burguezes abastados e dispepticos;

Damas chiques tauxiadas de brilhante — "diamantes", com olheiras peccadoras "adulteradas" a bistre;

Mulheres do povo de saias de chita e carnação sadiamente honesta.

Ao alto, fulgurando, o sol democrata.

O casario de latas velhas da Favella, onde se estorce e contorce a tragedia racial-social da humana grey faminta de alegria doentiamente carnavalesca, dando-nos a commovente convicção de que nem tudo que reluz é ouro...

C L A U D I N I E R M A R T I N S

PA' DE CAL

O GRANDE DEFEITO DE MADAME

Madame é um céo de esmalte em miniatura:
Fausse-maigre, nervosa, tagarella.
Acho, entretanto, que o marido della
Tem qualquer soffrimento que o tortura.

Por que será? Qual o motivo, se ella
Entre as mulheres puras é a mais pura?
Mas haverá defeito ou mancha escura
Numa mulher perfeita como aquella?

Quem me dirá? Curioso andei nas rodas
Das elegantes, perguntando a todas,
Até que uma mais frivola e mais bronca,

Disse, piscando um olho descarado:
— Acordada, ella é um anjo sem peccado,
Mas quando dorme... que castigo! — Ronca.

A PRINCEZA QUE MORREU DE AMOR

Nunca pensa na idade aquelle que ama,
Que o amor, quando é delirio de verdade,
Tanto em almas velhinhas se derrama
Como nos corações de pouca idade.

Esta que nunca teve mocidade
E' na propria velhice que se inflamma.
Até que a morte abriu a eternidade
Sobre o epilogo triste do seu drama.

Vida sem gloria, corpo sem peccado,
Pobre na eterna vida que não muda,
Foi princeza sem throno e sem passado.

Quem sobre o seu martyrio os olhos ponha,
Verá de que morreu... (Ninguem se illuda!)
Não de amor propriamente... De vergonha.

J O Ã O D A A V E N I D A

Campeonato Brasileiro de Foot-ball

PAULISTAS E CARIOCAS

CARIOCAS 3

PAULISTAS

Aspectos da terceira partida de desempate domingo no campo do Fluminense F. C.

Eu não sei

Parece que lá fóra ha uma cidade que se diverte.

Ha ruas illuminadas, ha gente que passa e que sorri, ha ruido, luz, espectaculos e orchestras.

Uma cidade que se diverte... O Rio, a cidade da alegria... São Paulo, a cidade da tristeza. E' o que dizem nos jornaes. Coisas que dizem sem cabimento. Porque não ha cidades tristes nem cidades alegres. Ha homens que são tristes, nas cidades alegres, e homens que são alegres nas cidades tristes...

Parece que lá fóra ha uma cidade que se diverte...

Prefiro o silencio que existe aqui dentro, neste "hall". Estas poltronas macias que bocejam. A indifferença daquelle inglez que bebe "whisky" e consegue interessar-se pelo que Kipling escreve. Esta penumbra e este silencio.

Por que ?

Não sei...

— E o romance ?

— Que romance ?

— O romance daquella mulher que te mandava declarações pelo telegrapho e retratos pelo avião ?

— Não sei...

— Não mandou mais nada ?

— Não...

— Não deu mais signal de vida ?

— Seu...

— Como ?

— Chegou. Anda por ahi...

— E não disse porque não mandou mais retratos nem escreveu ?

— Não...

— Você não perguntou?

— Não...

— Quem sabe se não se acabou o romance ?

— Não sei...

— Nem quer saber ?

— Se ella quizer contar...

— Mas você não se interessa, não sente qualquer coisa ?

— Não sei...

— E' estranho !

— Muito...

— Parece que você leu Nietzsche...

— Infelizmente...

— Infelizmente ? Ah ! se eu pudesse ter essa indifferença de não querer saber porque é que as coisas acontecem ou não acontecem...

— Que é que aconteceria?

— Eu seria o homem mais feliz do mundo...

— Pois eu não sou...

— Por que ?

— Não sei... Talvez por isso mesmo...

B R A S I L

G E R S O N

A. FIGUEIREDO PIMENTEL

nosso querido camarada, secretario d'"O Jornal", escreveu para "Para todos..."

Castellos de areia

Eu nasci em Icarahy, numa casinha branca,
perto do mar.
Quando eu era criança brincava na praia
fazendo montanhas de areia.
E ficava zangado quando as ondas brancas
vinham devagarinho desmanchar o que eu fazia.

Nunca mais perdi o habito de brincar
de fazer castellos de areia.
Tenho construido palacios feudaes,
e sonhado com princezas e pastoras...
Mas o turbilhão da vida,
como as ondas de Icarahy,
desfaz o meu sonho que eu sonho acordado.

Hoje, na mesma praia,
e depois de uma ausencia de 30 annos,
escrevo o teu nome na areia de prata,
e as ondas apagam as letras de ouro
que eu trago gravadas no meu coração...

O mar sempre brigou commigo.
Mas eu te amo, ó mar bravio !
Eu te amo porque tu tens alma de mulher.

Eu quero ser sepultado, num dia de sol,
por tuas ondas verdes debruadas de branco.
Eu quero que tu escondas o meu corpo
no pélago profundo do teu coração.

Scena de rua

Uma rua bem carioca, bem nossa. Sentimos em seu nome o Brasil, todinho, sem faltar nada. Como é o nome ?. Jacarehy. Existe ? Sim, nos suburbios. Procurem bem. Ha nella casinhotos pobres, quasi a cahir, pardieiros cujo valor está nos quintalejos opulentos de arvores de fructo. E o céo azul ? Que tecto bonito, um céo de verão nosso... Melhor do que a famosa abobada da oriental Santa Sophia. Isso nem se discute !

A rua é calçada de pedras irregulares e tem altos e baixos, anda suggerindo um recanto da velha Constantinopla. Quanta poesia em tudo... Embora a gente tropece e machuque os callos, o panorama encanta os olhos: e a gente esquece os pés pelos olhos...

Passa um mulato pernostico, mãos nos bolsos, sem chapéo, sem sapatos, a beiçola apinhada assobiando uma canção de Heckel Tavares. Avista, no caminho, um velhote casmurro que não gosta de ser chamado de um certo modo. E' scisma delle. O cabra vae passando e, ao dobrar uma esquina, grita em voz cavernosa: — Gavião de pennacho ! — O velhote sapateia de raiva e começa a xingar...

Mais adeante, duas lavadeiras conversam, trouxas no cocoruto do craneo. Uma é terrivelmente magra e a outra é desesperadamente gorda. — Pois é isso, comadre, você nem imagina ! Olhe que acharam um defunto dentro da caixa dagua do Chororó ! A ag... que a gente bebe ! —

— Que horror ! E os mata-mosquitos ? ! Levaram lá p'ra casa uma tina de barrigudinhos, p'ra mode dar cabo dos mosquitos, e eu é que vou gastar dinheiro com camarão secco p'ros peixes comer ! —

— Desaforo, Nha Zefa ! —

Acolá, dois garotinhos brincam, sujos, semi-nús, um de côr tisnada e outro dono de uma basta gaforinha loura, á lusitana. Arranca, perto delles, um auto-caminhão, arfante, detonante, buzinante. O louro apanha uma pedrinha. Tem dois annos só. Faz o gesto de atiral-a ao vehiculo pesado. Mas o vento dá, a pedrinha ricocheta, e bate na cabecinha dourada... Que susto e que dôr ! Eil-o começa a chorar, esfregando o dodóe, e enternecendo o coração de quem assiste á scena !

Rua Jacarehy... Que saudade, ruazinha de suburbio, rica de sol, de verdura e de céo !

Marina Coelho Cintra.

A séde na antiga Fazenda da City

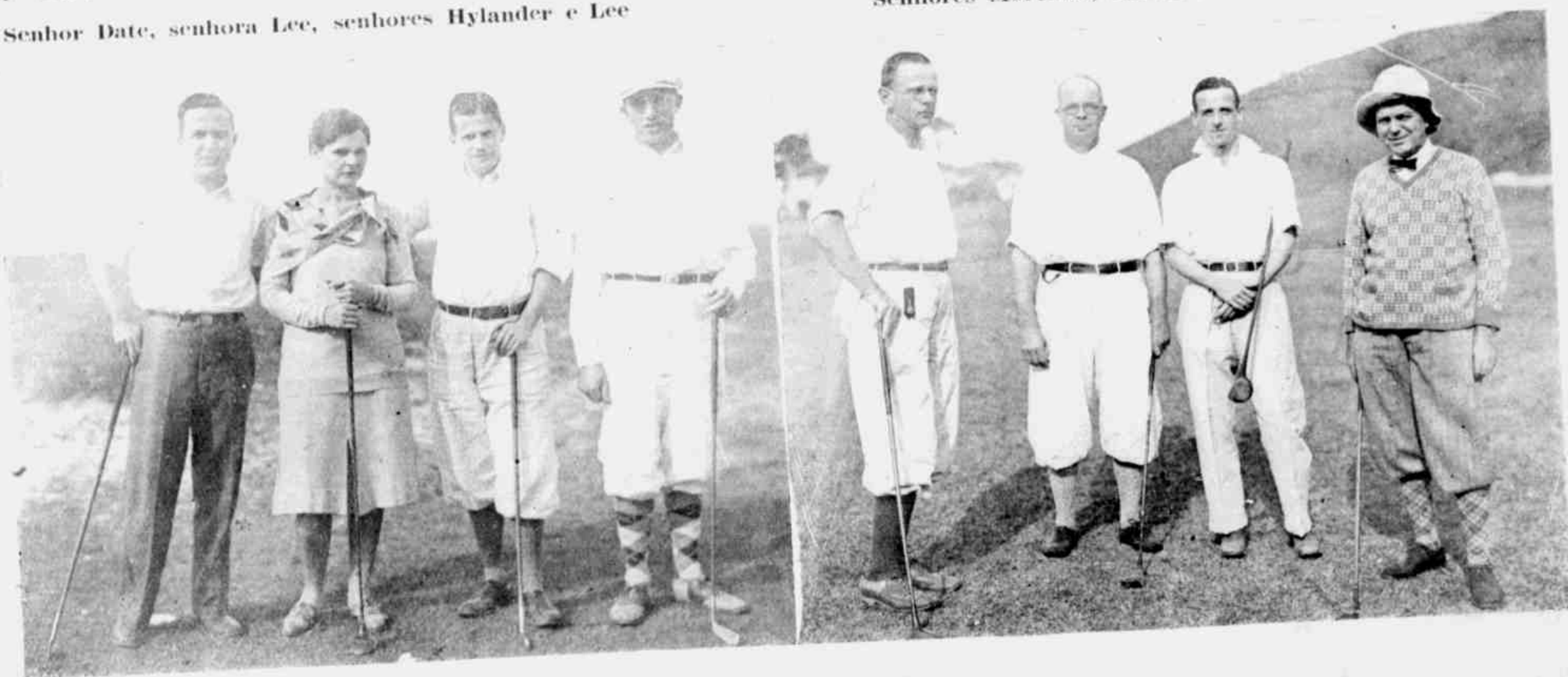
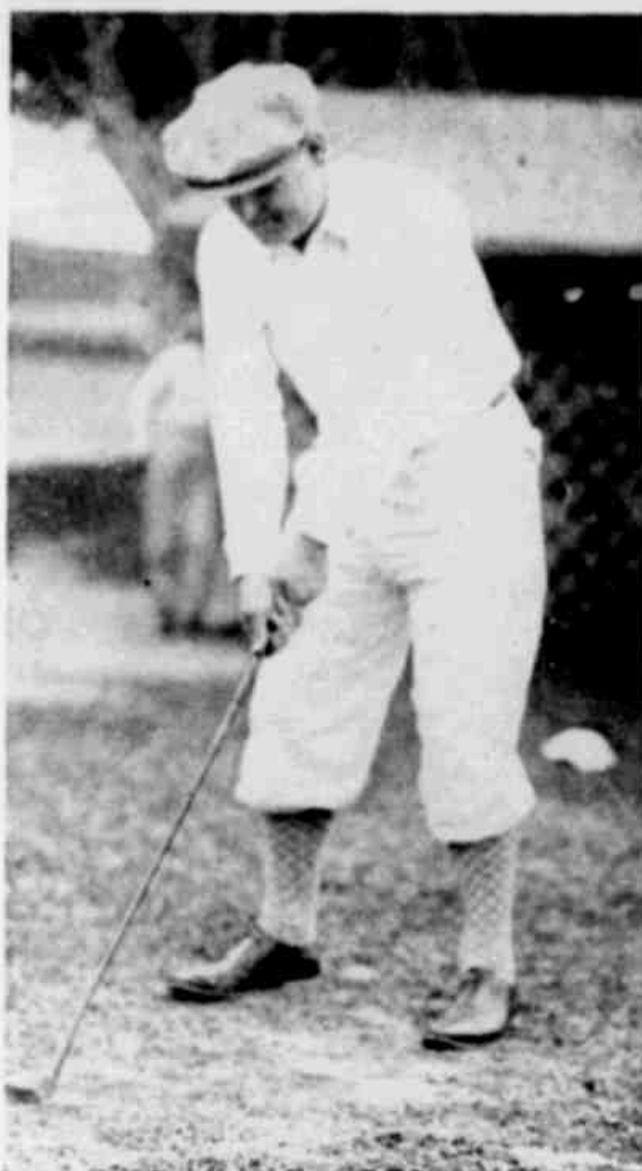
GAVEA GOLF CLUB

O GRANDE publico do Rio de Janeiro mal tem noticia da existencia do Gavea Golf and Country Club. Menor ainda é o numero dos que o conhecem em sua maravilhosa situação topographica, occupando vastissima e aprazivel chacara imprensada entre a praia e as montanhas da Gavea. Ali, outr'ora, pastaram prosaica e philosophicamente os burricos da City Improvements. Ali, actualmente, se refugiam os *gentlemen* affeiçoados ao nobre jogo dos estadistas, dos banqueiros e dos principes...

Clemenceau, até bem pouco antes de se finar, foi um amador ardoroso do Golf. Rockfeller octogenario e senhor de milhões de dollares, pratica com benedictina persistencia o Sport a que Alberto I, da Belgica, empresta o popular pres-

Cinco amadores tentando o 9º buraco em quatro stroks

Senhor Date, senhora Lee, senhores Hylander e Lee

Senhores Mortiner, Smith, Mc. Fie e J. Armstrong Read

Senhor Myron Marvin

tigio de sua realeza lendaria e heroica...

O CAMPO DE GOLF

O link do Gavea Golf and Country Club é identico ao de todos os demais campos do jogo escossez. Leva-lhes vantagem, á maioria delles, na particularidade de ter sido trabalhados pela propria natureza os innumeros obstaculos caracteristicos de um campo de golf: grotões, bosques, morros... Tambem na extensão. Em via de regra os links europeus, situados em pequenos terrenos, comportam apenas 9 buracos, ou *holes*, profundos de 10 centimetros mais ou menos, cavados a distancias irregulaes variando de 100 a 500 metros. Neste caso os jogadores são obrigados a percorrer duas vezes os 9 *holes* para perfazerem o numero de 18, um match completo. O nosso link tem 18 *holes*.

Esses buracos são dispostos de maneira que o ultimo esteja proximo ao primeiro, afim de que os jogadores, depois de terem percorrido a série de *holes*, cada um assignalado com uma bandeirinha, voltem ao ponto de partida. O jogador deve, com auxilio da bengala, chamada *club*, metter successivamente em cada buraco uma pequena bola de bo racha. Ganha a partida aquelle que metter a bola nos *holes* e menor numero de lances, ou *swings*.

As bengalas são de fórmas variadas, apropriada cada um a determinada condição de terreno: grotão, morro, plano, gr mado, etc. Designam-se tambem por nomes differentes: *drive brassie*, *spoon*, *putter*, *mashie*, *iron*, *nibile*... O *caddie*, ajudan do golfista, conduz no *bag*, ou sacco, essas bengalas diversas qu como se disse acima, têm o nome commum de *clubs*. As partida são jogadas entre dois, tres e quatro amadores, cada um jogand para si.

O momen

Sahindo do tee

UMA MANHÃ DE JOGO NA GAVEA

Sabemos já, em linhas largas, em que consiste um link como se joga um *match* de golf. Entremos agora na risonha int midade dos *gentlemen*... Quem visita pela primeira vez a antig fazenda da City Improvements, não póde menos que entoar u

Um full swing feminino

Fairway numero 2

A liçã

O momento do apperitivo

bola de bor-
nos *holes* em

la cada uma
plano, gra-
ntes: *driver*,
die, ajudante
diversas que,
As partidas
um jogando

e um link e
risonha inti-
vez a antiga
e entoar um

hymno de louvor á Natureza, bemdizendo-lhe a arte decorativa ali posta nas verdes e bravas serranias, na rustica amplidão do oceano que fecham o horizonte daquelle recanto soberbo da terra carioca.

A' distancia, vultos humanos sobem e descem morros. São os golfistas seguidos pelos *caddies*, ou, antes, delles precedidos.

Antes de se chegar á séde social, deante da qual se alinham os autos particulares dos golfistas madrugadores, passa-se pelos *courts* de tennis, pelo campo de polo que relembra a sociedade desse sport ali existente outr'ora e ha poucos annos fundida com o Golf Club, pela casinhola dos *caddies*... Um bom homem, simples e encantador na compenetração de sua autoridade, guarda a porta da cazinha, impedindo que os garotos invadam o link, interrompendo os jogadores, antes que os seus serviços sejam pedidos. São pequenos vadios por falta de que lhe dêem o que fazer, apanhados nas "favellas" arenosas de Ipanema e Leblon. Antes de romper o dia os caminhões de que para isso dispõe o Club correm as praias, arrebanhando *caddies*. Conhecem já o serviço. Ficam ali presos até serem chamados. Esperam a ordem do guarda, pacientemente. Mas, ás vezes, tambem desesperam... E' quando o guarda mostra para que serve. Coça-lhes a impaciencia com a varinha de marmello... Ao lado do edificio do Club, de construcção modesta, mas confortavel — a piscina, com agua limpissima, descida das montanhas.

Lá dentro, o salão de refeições e dansas, o bar, o vestiario, banheiros de chuva...

ALMA DE GARROCHE

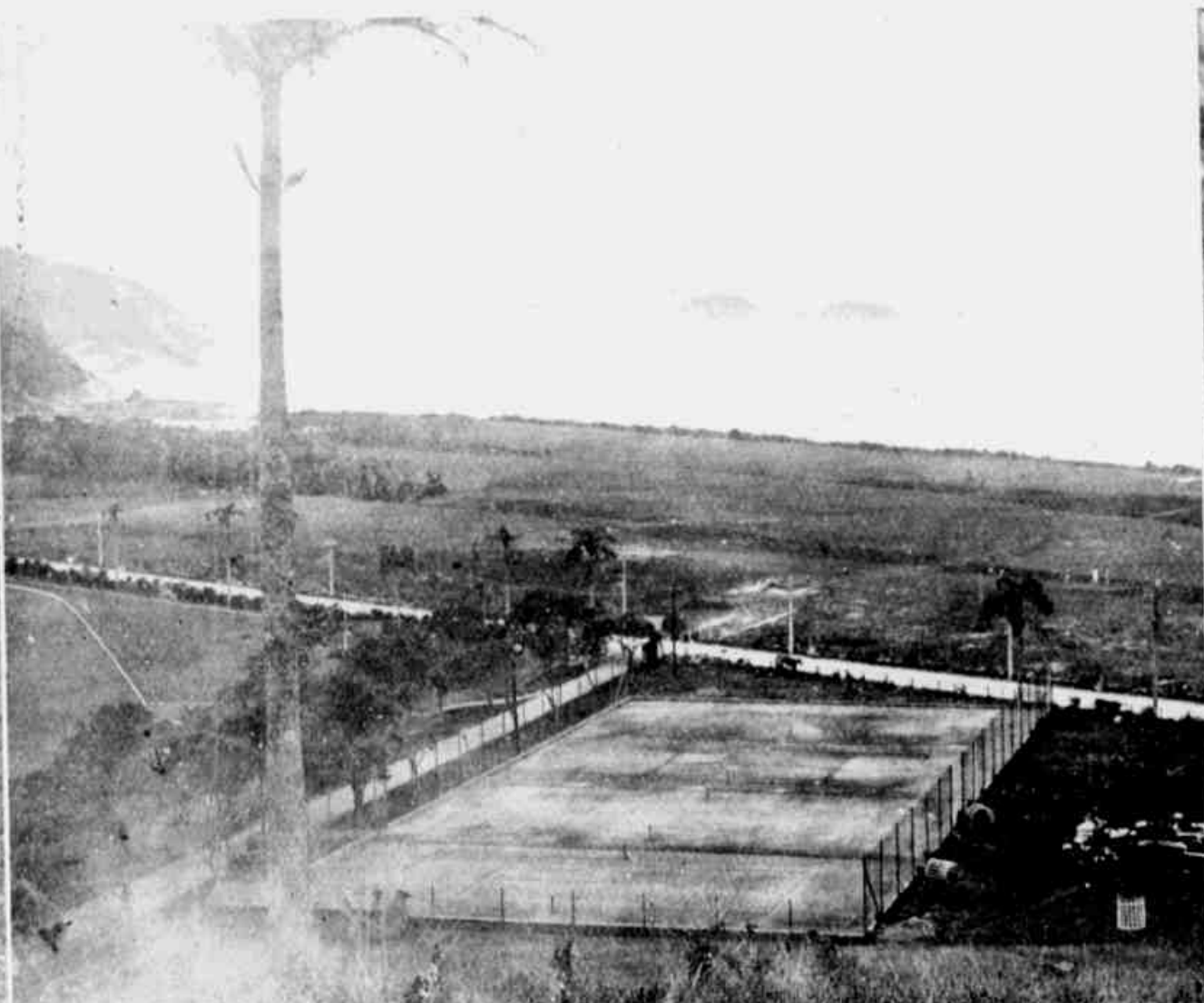
O golf constitue para os *caddies* uma excellente escola, a um tempo de educação e bom humor. A maioria fala já o inglez technico do jogo. Meia duzia de termos, apenas. Mas o sufficiente para lhes revelar a intelligencia vivaz e assimiladora, que os estrangeiros admiram.

Quando o jogador vae fazer o seu *swing*, previne antes, para que a pelota não attinja a alguem:

Sahida do primeiro tee

A lição inicial de Mr. Kepp

Quadras de tennis

Senhor Luiz de Souza e Silva

Uma jogadora que ainda não joga

— Fowrd!

O *caddie*, que caminha adeante, para observar onde vae cahir a bola, responde em bom inglez:

— Go head!

Mas os pequenos gavroches não deixaram á entrada do link o espirito galhofeiro da rua; vingam por vezes, nos golfistas, as impertinencias de que antes foram victimas por parte do guarda.

E' de praxe e bom tom, quando um jogador atira a pelota a grande distancia, gritarem os outros, á guisa de cumprimento:

— Good Shot!

O *caddie* vae assimilando essas bôas maneiras. Põem-lhes, entretanto, um pouco de côr local, enganando o ouvido do estrangeiro, que se acha á distancia:

— Good "pichóte"!...

E o inglez, ou americano, convencidamente:

— Thank you!

OS TIMIDOS E OS "PHOCAS"

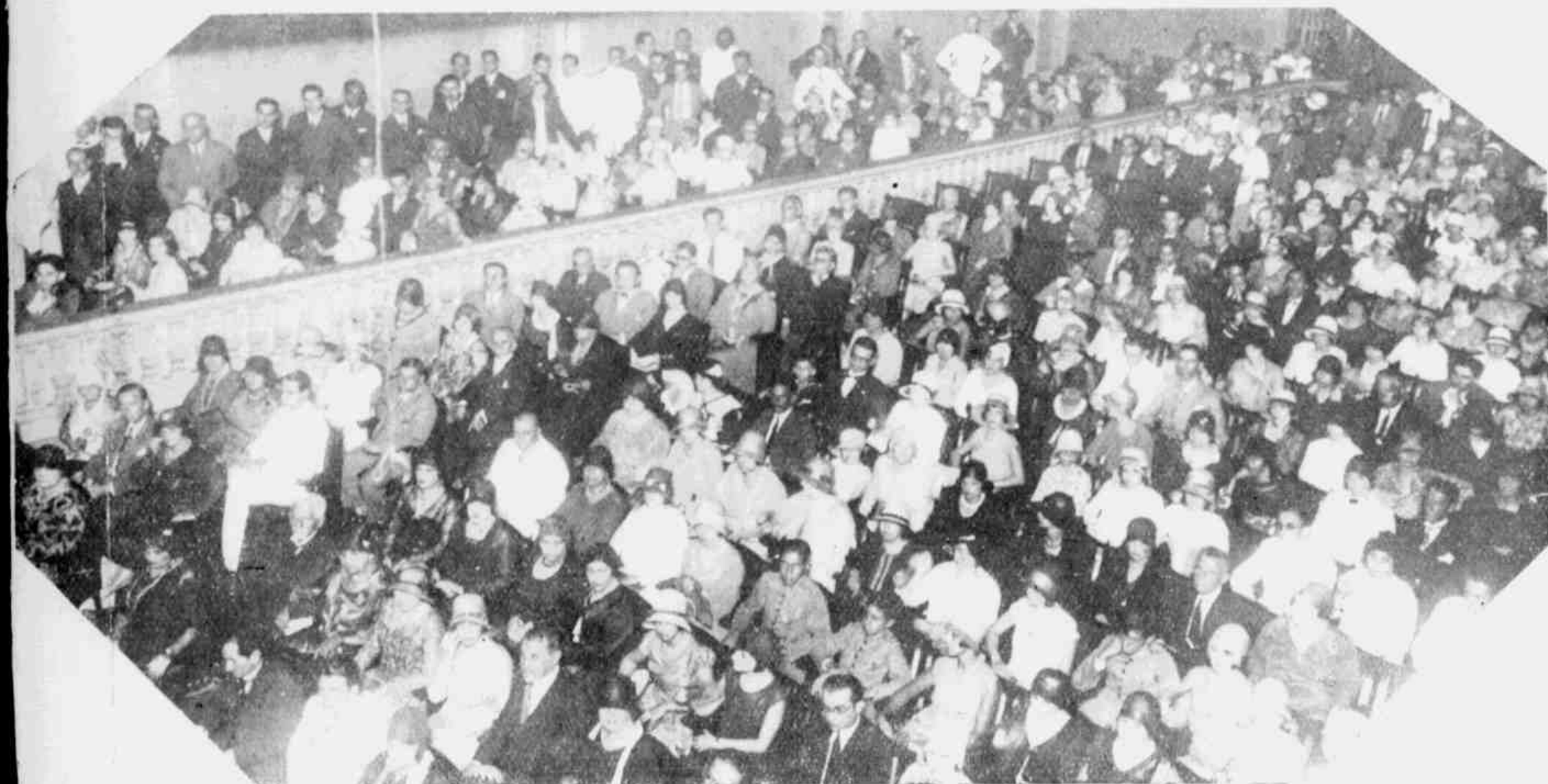
Como jogo que é, não poderia o golf deixar de soffrer as influencias do azar. Ha dias em que os melhores golfistas "jogam pedra", como se diria na gyria do foot-ball... Não acceitam elles, porém, a falta de *performance*, como um incidente natural. Procuram attribuil-o a influencias externas, como, por exemplo, ao facto de terem passado a noite anterior em claro, dansando... E' a desculpa preferida, que se tornou proverbial ao ponto de a anteciparem os companheiros do amador que começa a claudicar nos *swings*, antes magistraes.

A classe dos timidos não é das mais numerosas. Della se destacam o commandante Pereira da Cunha e o Sr. Renault Lage, que só jogam bem... quando ninguem vê. Os espectadores, mórmente quando são moças, tornam-n'os sem geito até para pegarem no *club*. Fazem o *swing*, arrancam a grama, enchem de terra os olhos dos que lhes estão ao pé... e a bola não se move.

Nesses momentos um espectador estranho os tomaria por authenticos "phocas". Mas não o são. Mais "phocas" poderão parecer os chamados "campeões de grande distancia", cuja presença no link põe logo em desasocego os proprietarios dos automoveis parados em frente á séde. Se o quizessem realmente, não acertariam tão bem nos vidros e para-brisas dos carros... São estes, tambem, os fornecedores de costelletas de carneiro ao restaurant do Club. Quando não espatifam os vidros dos autos, o pelotaço vae quebrar a perna a um carneirinho, condemnando-o, deste modo, ao garfo do cozinheiro... Homens temiveis!

Aprendendo a dar na bóla

Tão temiveis quanto os "contadores em causa propria". Estes fazem dez e doze *swings* dentro de um grotão, olhando sempre, espantadamente, para os lados. Não os esteja alguem observando... Quando surgem depois de um bom quarto de hora, suados e sorridentes, affirmam terem tirado a bola com quatro jogadas.

Um *gentlemen* não mente. Menos ainda furtaria no jogo!

No Instituto de Musica quando foi a collação de grão dos novos bachareis em Direito

O portico da terra promettida

A rua Visconde de Parnahyba são dois renques de cochicholos que se iniciam no parque Pedro II e vão ter sumiço na colmeia inquieta que é o Belémzinho, depois de torcicollarem por ahi em angulos desorientadores. Nella se agita uma multidão de homens, mulheres e crianças, que, não tendo em casa, ou melhor, no quarto (pois tudo são cortiços) logar onde possam permanecer mais á vontade, vêm para a rua, estreita embora e mal calçada e suja, mas em todo caso varrida de ventos e exposta ao sol — alma da vida. Ha tambem fabricas de varios artefactos, que se apertam em desvãos de lares pobres, mas não impressionam. São anonymas, humildes, pobres como os que as tiraram do nada. Ha armazens enormes, onde se recolhem mercadorias que vão abastecer a cidade. São vastos, são escuros, são soturnos. Não têm, porém, um nada que os distinga. Igualam-se pela pobreza de caracteristicos, á serie immensa de miseros casebres. As linhas ferreas, com o seu lantejoular de lampadas coloridas, abrem frinchas alegres nessa sombria paizagem. E os trens passam rascantes, numa vertigem fantastica, cheios de sonhos, cheios de desillusão. Estes vêm de longe, do mundo, trazendo uma bagagem de castellos. Aquelles desertam do meio em que viviam, cansados da luta e com um pouco de animo para enfrentar a nova actividade a que o destino os atira. Castellos e sonhos e desillusões estão, porém, aqui, nesta casa que é a unica nota destacada no concerto de miserias. Os muros estão esverdinhados. São altos como os de uma prisão e nelles se abre largo portico a cujo pé estaciona o bonde. Ao alto, um relogio morrinhento pinga as horas com uma monotonia enfadonha. E' a hospedaria de immigrantes. Lá dentro, ha sempre uma promiscuidade de linguas e dialectos. Gente oriunda de varias partes do mundo ali se encontra tangida de uma grande sêde de melhorar de vida. A Chanaan de seus sonhos está nos cafezaes verdejantes de São Paulo. Para elles se atiram na incerteza do dia de amanhã. Quem lhes diz que a sorte ha de ser propicia ? Ninguem. Mas ha uma quasi certeza nos seus designios. Se tanta gente enricou facilmente, por que não hão de elles enricar tambem e padecer menos ? Capital trazem-no na pujança da saude, na rijeza dos musculos, na vontade ferrea de vencer. Na verdade, aquelle soturno casarão, que só o é no aspecto exterior, tem sido a ante-camara de muita fortuna que por ahi estadeia. E ninguem decerto verá nisto menosprezo. Já se completaram 42 annos que começou a funccionar. A 5 de Junho de 1887, entrava a primeira turma de immigrantes. E outras vieram a seguir até nossos dias, seem solução de continuidade. Todas as raças se representaram, até mesmo o nosso pobre homem do Norte e do Nordeste que, fugindo á terra madrasta, vêm no encalço das apreguadas benesses que do sólo paulista jorram. São Paulo, mercê da collaboração de gentes de todas as patrias aqui radicadas a pouco e pouco, guiadas pelo genio emprehendedor do paulista, é hoje isso que nós estamos cansados de ouvir... Vale, pois, como um symbolo aquelle soturno casarão, naquella rua pobre, mas tão cheia de vida. A' sua entrada, poder-se-iam gravar estas palavras: "Aqui começa a Terra Promettida..."

P E D R O F E R R A Z

Deputado Souza Filho, representante de Pernambuco, na Camara Federal e um dos grandes oradores do Congresso. Foi morto, depois de lamentavel discussão, pelo seu collega Simões Lopes, ex-ministro da Agricultura e deputado pelo Rio Grande do Sul. Em cima, a sahida do corpo de Souza Filho da Camara para bordo do navio que o levou á sua terra natal.

Collegio Anglo Americano

A collação de gráo com que o grande estabelecimento de ensino da Praia de Botafogo encerrou o anno lectivo de 1929, constituio o acontecimento mundano marcante da ultima semana. São aspectos diversos dessa festa collegial, terminada com encantadora soirée dansante, que reproduzem

as photographias desta pagina.

O Momento de Gloria dos bons vinhos

EDUCARAM-ME muito bem. Como prova de uma affirmação tão categorica basta dizer que tinha pouco mais de tres annos quando meu pae, partidario do systema suave e progressivo, fez-me beber um calice cheio de vinho côr de ouro recebido do seu torrão natal: o moscatel de Frontignan.

Foi um choque voluptuoso como que uma illuminação no paladar! Esta consagração tornou-me para sempre apta a beber vinho. Mais tarde aprendi a esvasiar o meu copinho de vinho quente aromatizado de canella e limão depois de um jantar composto de castanhas cozidas. Na idade em que mal se sabe ler, bebia gotta a gotta os "Bordeans" velhos, rubros e leves, e os "Yquem" luminosos. Chegou a vez do "Champagne" nos banquetes de anniversario e de primeira communhão, estusiante de espuma... Essa iniciação sabia e proveitosa ensinou-me a usar do vinho com moderação, a saboreal-o aos goles em copos estreitos, em vez de tragal-o como uma bebida vulgar.

Entre os 11 e os 15 annos essa parte da minha educação foi ainda aperfeiçoada. Minha mãe, receiando que me tornasse palida com o crescimento, foi retirando as garrafas, uma a uma, da areia da adega cavada no granito, onde envelheciam; quando me lembro, até me vem a agua á bocca. Jantava, ao voltar da escola, uma costeleta, ou um quarto de frango frio ou então um desses queijos duros cozidos na cinza e que se parte com um sôcco como se fôra vidro; bebia então dos vinhos que os "Prussianos" não haviam levado em 70: "Château-Larose", Château-Fafitte", "Chambertin", "Corton". Alguns vinhos já descorados tinham ainda tanto perfume como uma rosa morta; no fundo das garrafas ficava depositado um pó escuro que as tingia, sem, comtudo, supprimir-lhes a qualidade de estimulante. Que bom tempo! Acabei com o que havia de mais fino na adega de meu pae, copinho por copinho, deliciosamente... Minha mãe arrolhava a garrafa encetada e admirava nas minhas faces a virtude dos vinhos de França.

Felizes as creanças que não bebem durante as refeições grandes copos de agua vinhada, o que só lhes pode causar dilatação de estomago!

Bem fazem os paes que dão a seus filhos um dedo de vinho puro, — "puro" na accepção mais elevada — dizendo-lhes: "Fóra das refeições, tendes a bomba, a bica, a fonte, o filtro. A agua é para estancar a sêde. O vinho, conforme sua qualidade e sua origem é um tonico necessario, um luceo, a honra dos acepipes."

O vinho em si é um alimento. Bom tempo aquelle em que alguns borguinhões da minha aldeia se reuniam em torno de uma garrafa coberta de pó de teias de aranha diziam, fazendo o gesto de atirar um beijo: "Um nectar!" Não acham que estou no meu elemento escrevendo sobre o vinho? E' alguma coisa saber desprezar desde criança, tanto os que não bebem vinho como os que o bebem demais.

A vinha e o vinho constituem grandes mysterios. Só a vinha nos faz comprehender o que é, na natureza, o verdadeiro encanto da terra. Pelo cacho de uvas ella sente e traduz os segredos do solo. Ficamos sabendo, graças a ella, que o sileo é substancia viva, fusivel, alimenticia. A cal transforma-se em lagrimas de ouro. Um cepo de vinho, transplantado longe da terra em que nasceu, luta para conservar o seu sabor original e ás vezes chega a triumphar de poderosas combinações chimico-mineraes. Um vinho branco que se colhe perto de Alger ainda mostra que teve um enxerto de Bordéos que lhe infusou o assucar necessario, tornou-o mais leve e alegre. Um vinho secco que dá no alto de um planalto estreito e rochoso em "Château-Chalon", enxertado com o Madeira fica mais colorido e mais ardente.

Dos bagos pesados, de agata transparente, ou azul sapicada de prata, o olhar vae até o tronco desnudo, qual serpente lenhosa, apertado entre duas rochas; de que se alimenta, por exemplo, este pé de vinha meridional que não sabe o que é chuva, preso somente por uns filamentos de raizes? O orvalho á noite, o sol de dia, bastam — o fogo de um astro, a essencia de outro astro, — que maravilha...

Que dia sem nuvens, que chuva suave e tardia decidem que no anno a vindima será mais abundante que nos outros? A solicitude dos homens quasi nada pode, ahi tudo é feitiçaria, passagem de planeta, manchas solares.

Acompanhai com o dedo, caras leitoras, nos mappas feitos por Martin, sob as vistas de Nectar, o "palmares" dos "annos" pois diz-se simplesmente "annos". Aprendei a chronologia vinicola e a ladainha dos Santos Estevam, Juliano e Emiliano... A moda assim o quer. Si — ainda em nome da moda — não comeis bastante, em compensação bebeis muito desde algum tempo. Falta-vos, porém, o saber discernir; estes graphismos vos auxiliarão. Dizendo os nomes de nossas provincias e de suas cidades entoamos louvores ás vinhas veneraveis. O espirito e o corpo, acreditae, ganham em provar o vinho no proprio local em que é colhido. Uma peregrinação intelligente reserva surpresas agradaveis. Vinho novo provado á luz azulada da adega, evoca uma menina do Aujou, com os cabellos em desalinho, num carramanchão á beira da estrada poeirenta, numa tarde de verão carregada de electricidade; — reliquias achadas numa velha despensa onde foram esquecidas... De uma despensa dessas na "Franche-Comté" fugi, uma vez, como se tivesse roubado um thesouro... De outra vez, encontrei seis garrafas cheias entre outras vasias vendidas em leilão com uma mobilia meia quebrada, no meio da praça de uma aldeia; essas garrafas continham o vinho de "Jurançou", que assemelha a um principe imperioso, enflammado, trahidor como todos os grandes seductores. Mais e melhor do que um professor, essas seis garrafas despertaram em mim a curiosidade de conhecer a sua terra natal. Reconheço que não está ao alcance de todos aprender geographia por esse meio. E quelle vinho esplendido que bebemos um dia na sala baixa de uma hospedaria, tão escura que ficámos, até hoje, sem saber de que côr era o vinho! Assim tambem uma viajante guarda a lebrança de uma surpresa nocturna, do desconhecido de rosto occulto que só se deu a conhecer pelo seu beijo.

O snobismo gastronomico tem multiplicado o numero de hospedarias e de albergues de uma maneira nunca vista. O vinho está sendo venerado como um deus; fé ainda pouco esclarecida, é verdade, fé confessada por boccas estragadas por mil e um "cocktails", por aperitivos venenosos, bebidas alcoolizadas em alto grau. Esperemos que volte a sciencia de beber! Apezar da idade, posso dar o exemplo de um estomago perfeito, de um figado excellente, de um paladar delicado, tudo isto conservado pelo vinho. Enche, pois Nectar, este copo que ora te estendo. Copo fino e simples como as gottas, espuma leve, irizada pelas cambiantes sanguineas de um velho Borgonha, pelo topazio de um "Yquem", pelo rubi arroxeado de um "Bordeame" com perfume de violeta...

E que a tua cabeça magra e escura de habitante de adega me faça um signal de aviso quando eu trocar o copo de crystal por um vidro grosso; bem sabes que tenho em reserva, numa praia do sul, uma serie de garrafões empalhados. Uma vindima os enche, a seguinte os acha vasios e torna a enchel-os. Não desdenhes, senhor de vinhos finos, estes vinhos de passagem: são claros, seccos, variados, bebem-se facilmente e não fazem mal aos rins. Embora quente e mesmo em dias de verão, estamos habituados lá no sul a tomar esse vinho em grande quantidade, vinho que dá sensação de repouso e que deixa um sabor de moscatel e de madeira de cedro...

A illusão de uma felicidade que não existe

BARROS
POR VIDAL

DENTRO desta grande cidade de magnificencias e esplendores palpita uma outra cidade de de miserias e dramas. Em cada uma das suas ruas, desde as vestidas com a gala das "vitrines" luxuosas e calçadas com o reluzente macadam até as despidas de atavios e com os pés descalços, mettidos na poeira eterna, ha um mundo que soffre e se definha. E cada homem que passa é uma personagem dessa tragedia que o destino prepara para cada um de nós, com os requintes mais apurados e os scenarios mais vivos: a luta pela vida.

E para viver dentro dessa cidade maldita, que é a alma dessa outra cidade maravilhosa; para sentir bem de perto o seu rythmo e o desdobramento dos seus dias, basta perder-se passos vagabundos por qualquer dos seus recantos, como começamos a fazer agora, errando pelas ruas do centro, procurando desafivelar as mascaras da hypocrisia que occultam physionomias vencidas, desmanchar sorrisos mentirosos e apagar lampejos fingidos de olhos que, reflectindo dramas interiores, só devem chorar...

E' por isso que, na tarde de hontem, fomos visitar esse mundo de soffrimentos e desillusões que se agita nesse outro mundo de riquezas e de falsa felicidade...

Num crescendo de agitação, a Avenida Rio Branco vive a sua hora mais forte. Move-se um mar humano de cabeças que lhes innundam as calçadas, n'uma variedade estonteante de côres e typos. As "vitrines" rebrilham, exhibindo a Vaidade, a Riqueza e o Esplendor nas suas multiplas fórmas e attrahindo as attenções da maioria dos que passam. E' difficil precisar-se um detalhe do grande conjuncto que se move, que se renova estuante. A nota gritante do vermelho de um vestido desapparece numa onda onde o preto e o azul porfiam a primazia do branco. Ha no ar um ruido que se não define bem, porque na sua symphonia entram a violencia do barulho do fonfonar dos automoveis e das ferragens dos vehiculos pesados e a doçura das palavras dos que passam dialogando, dos vendedores de jornaes e das gargalhadas que espoucam no ar. E, numa extensa linha, se agitam, em grupos, os que preferem as emoções dessa "vitrine" ambulante que corre aos seus olhos, mais attrahente, sem duvida, que as das lojas abertas de par em par com os seus artigos pendurados pelas paredes e pelas portas. As ondas se escôam em todas as direcções e se renovam constantemente, num turbilhonar vertiginoso e arrebatador.

A tarde começa a cahir e a densa echarpe que a deliciosa penumbra traz é fogo rasgada pelo clarão que reanima e revigora o mar tumultuoso e humano. Vem a noite sem trevas, cheia desse sol azul dos lampadarios em fila que substitue o sol lá das alturas...

O movimento, insensivelmente, vae declinando. Já ha claros na multidão. Já se podem colher minucias no grande conjunto que se desarticula. Para no grande palco que se vae esvaziando, uma mulher morena, que a agua oxygenada aloirou. Leva nos braços e no collo pedrarias faiscantes tão falsas como a côr dos seus cabellos e — quem sabe? — como as palavras que lhe sahem dos labios. Tem um ar de felicidade que não goza e um geito de quem finge ter illusões ainda. Vae andando e nos embrulhos que se prendem aos seus dedos finos e delgados dá a impressão de levar uma joia ou um objecto fino, quando, em realidade, carrega ali um pouco de salame para o jantar dos pratos azios. E se os olhos que a miram e que lhe rasgam as sedas para devassar-lhe os encantos interiores se alongassem até á casa de commodos, onde esconde a miseria disfarçada naquelle luxo, lhe descobriam, tambem, é certo, a tragedia das desculpas pela prestação atrazada, pela letra vencida e pela victrola que, espalhando sons para deslumbrar a vizinhança, ainda não foi paga.

E por todos julgarem-na feliz ella vae seguindo, olhando os mostruarios, deixando-se olhar como mostruario que é, tambem. Não viaja mais de bonde. Viaja de omnibus, porque é chic. A differença se faz sentir lá em casa, no pão, embora o filhinho predestinado para a Desgraça reclame e diga, em lagrimas, que tem fome... Fome, em casa, não faz mal porque... ninguem vê. O que todos vêem é a apparencia e em holocausto desta a fome póde ser supportada... E, com a tragedia intima que se exterioriza num sorriso de felicidade e ao milagre da hypocrisia maior, ella se perde entre a multidão que espera o omnibus na porta do Club Naval. Mas o palco volta a animar-se com o cavalheiro elegante que surge no "aplomb" do seu terno talhado a rigor. O seu drama, elle o occulta e offerece á visão do conforto, da fartura e do bem-estar, bem-estar que vive na imaginação dos que o invejam, fartura que nunca teve e conforto que sempre sonha... E a força animadora daquella grandeza soberba é a fragilidade dos braços magros que arrancam nickeis na costura que a acabará matando. E' a esposa martyr que faz do seu sacrificio o pedestal daquelle apogeo.

Não sabe de casa porque não tem roupas para vestir, vestindo áquelle que lhe arranca mais que o dinheiro e quasi a vida — lhe arranca lagrimas. A' hora do jantar não ha um pão. A principio o padeiro fia, mas a divida, num crescendo assustador, fecha mais essa porta de desafogo.

E assim a tortura cresce, o dinheiro diminue, a Tragedia continúa. Não ha mais palavras naquelles labios tremulos. Só ha lagrimas naquelles olhos tristes. E emquanto a força daquella grandeza se definha — ella avulta no homem que passa, sorrindo.

Compra cigarros caros e charutos finos. Vae ao cabellereiro mais elegante e entrega as unhas á "manicure" mais "chic".

Entra, agora, no "bar".

Apperitivo. Palestra. Futilidades e mentiras.

E, mais tarde, mal transpõe os humbraes do quarto pobre não sorri mais e, dramatizando attitudes, collocando ao rosto a mascara de um desanimo que está longe de ter, castiga o infortunio da companheira que soffre por elle e pelo proprio destino, dizendo que perdera passos preciosos procurando emprego. Nada. A Humanidade é muito desegual e egoista....

\+ + +

Uma esmolinha, pelo amor de Deus!

O velho entra no scenario. Recusa dar a esmola que a creança pobre lhe pediu. Mostra nos olhos um lampejo de odio. E' rico, é pae e avô. Olha para todos os lados e fixa as silhuetas femininas que se cruzam com elle. Ha momentos em que allucina o olhar tantas as creaturas deliciosas que vão passando.

Se seus olhos tivessem mãos... Detém, agora, os passos numa esquina. Ponto estrategico. E, desrespeitando a propria velhice tão respeitada lá em casa onde apparece aos olhos da familia como outro homem differente, sorri aos gracejos que distribue, aos galanteios com que as-

(Termina no fim do numero)

A VIRGEM E O MENINO DE HANS MEMLING, PRIMITIVO FLAMENGO NASCEU EM 1435. MORREU EM 1494.

JUNTO DO MAR

O AZUL profundo do mar e do céo parecia entrar pelas portas e janellas abertas e pela comprida varanda de columnas do café daquella aldeia Tartara. A brisa fresca do mar attrahira ás janellas e á varanda muitos freguezes que ali bebiam o seu café. Até o proprietario, o coxo Memet, que nunca perdia de vista os seus freguezes, gritou ao seu irmão mais moço: "Jepar, um café — dois cafés!" e encaminhou-se para a porta para tomar ar, tirando o turbante Tartaro da sua cabeça raspada. Emquanto Jepar, suffocado com o calor, atiçava o fogo do fogão e sacudia o pote, afim de obter um café com bastante escuma, Memet examinava o mar. "Vamos ter tempestade", disse elle sem se voltar, "o vento está augmentando. Estão recolhendo as velas daquelle navio".

Num grande navio negro que da praia parecia uma tampa de barril, recolhiam as velas. Enfunadas pelo vento pareciam grandes passaros brancos.

"Vem na nossa direcção!" disse Jepar. "Reconheço o navio. O Grego trouxe sal".

Esta noticia era de grande importancia para Memet, pois além de ser proprietario do café, era açougueiro e dono da unica loja da aldeia.

Memet sahiu correndo do café. Seus freguezes esvaziaram apressadamente suas chicaras e seguiram-no pela rua estreita e escarpada que rodeava a mesquita e pelo caminho de pedra que descia para o mar.

O navio, espadanando a agua como um porco marinho, ia e vinha, sem conseguir alcançar a praia. O velho grego de cabellos grisalhos e o seu joven creado do turco, um rapaz alto e bem feito, remaram até ficarem exhaustos, mas não conseguiram levar o navio até á areia. Finalmente, o grego lançou a ancora na agua, emquanto o turco tirava os sapatos e as meias e enrolava as calças amarellas acima dos joelhos. As ondas azues rollavam, quebrando-se na praia aos pés dos tartaros que olhavam a scena, e voltavam com fragor estrondoso.

"Está prompto, Ali?" gritou o grego ao seu creado. Ali respondeu galgando a amurada do navio e saltando na agua. Agarrou um sacco de sal, collocou-o ao hombro e correu para a praia. Sua figura esbelta, suas calças amarellas e blusa azul, seu rosto corado e tisnado pelo sol, o turbante vermelho de sua cabeça, tudo isso brilhava e sobresahia sobre o fundo azul do mar. Ali atirou o sacco na areia e de novo entrou no mar. Correu ao barco e esperou o momento em que elle chegasse á altura do seu hombro para que elle podesse apanhar outro sacco. O barco pulava entre as ondas e puxava a ancora como um cão que procura arrebentar a corrente, emquanto Ali ia e vinha da praia para elle. As ondas podiam tragar Ali e muitas vezes elle falhou o momento propicio de conseguir o seu intento. Então, elle se agarrava ao flanco do barco e era levantado com elle como um enorme caranguejo.

O mar ficava cada vez mais encapellado. As gaivotas abandonaram as rochas solitarias ao longo da praia e começaram a voar acima das vagas irrequietas, grasnando sinistramente. O mar escureceu. Ondas verdes e pequenas chegaram sorrateiramente até á praia e quebraram-se na areia, com uma espuma branca como neve. O grego voltou-se ainda uma vez para o mar e olhou-o, assustado. Ali, completamente molhado, continuava o seu trabalho insano. A maré começava a alcançar o caminho da praia, e a ameçar os saccos de sal.

Os tartaros foram obrigados a recuar, afim de não serem molhados pela maré.

"Memet! Nurla! Ajudem, senão o sal ficará molhado! Ai, depressa!" supplicou o grego, com força. Os tartaros puzeram-se todos ao trabalho e, emquanto o grego no seu barco era erguido pelas ondas e olhava o mar com desespero, o sal foi mudado para logar seguro.

Nesse meio tempo, o mar se agitava. O murmurio monotono e compassado das ondas transformou-se em altos clamores. Nuvens cinzentas cobriram o céo como pesadas teias de aranhas. As ondas turbulentas, agora negras e chocando-se de encontro á praia, correram para as rochas em torrentes de agua suja.

— "A tempestade se approxima!" gritou Memet ao grego. "Puxe o seu barco para a praia!"

— "O que está dizendo?" perguntou o grego com voz rouca, procurando ouvir entre o tumulto das ondas.

— "O barco na praia!" gritou Nurla com toda a sua força.

O grego e Ali principiaram a desembaraçar a corrente e a amarrar á corda.

Os tartaros tiraram as chinellas, arregaçaram as calças e foram ajudar o grego. O grupo dos tartaros, molhados e curvados, arrastou ruidosamente o barco negro para a praia, onde elle ficou na areia, amarrado a um páo, como um monstro marinho preso numa jaula.

Os tartaros estavam enxugando suas roupas e ajudando o grego a examinar o sal. Ali auxiliava tambem, mas aproveitava as preoccupações de seu amo com os freguezes, para olhar frequentemente para aquella aldeia estranha.

O sol ia alto acima das montanhas. Ao longo da fileira de rochas lisas e cinzentas aninhavam-se as pequenas habitações dos tartaros, construidas de pedras grosseiras, com telhados chatos de terra — casas de brinquedos, juntas umas ás outras. Nem uma cerca, nem cancellas, nem ruas. Caminhos irregulares iam pela superficie de pedra, desappareciam em despenhadeiros, reappareciam mais adeante. Tudo era escuro e despido. Num telhado, não se sabe por que milagre, crescia uma arvore.

A bastante distancia da aldeia, porém, a paizagem era encantadora — valles espessos encerrando lindos vinhedos e, por traz, entre a neblina azulada, via-se a linha imponente de grandes montanhas de granito. Algumas brilhavam aos ultimos raios do sol, outras estavam escuras de cerradas mattas. Junto a essa fantastica paizagem, a aldeia tartara não passava de um simples amontoado de pedras quebradas. Um grupo de esbeltas raparigas voltando da fonte com grandes cantaros ao hombro, davam a unica nota viva a esta scena de desolação.

— "Ali!" chamou o grego, "ajuda-nos a enfardar o sal". O estrondo do mar quasi abafou sua voz.

Um nevoeiro salgado fluctuou sobre a praia. O mar tornou-se violento. De repente, os tartaros ouviram um ruido e quasi no mesmo instante foram cobertos por uma onda que, erguendo o barco, arremessou-o na sua direcção.

O grego correu ao barco e viu que tinha um grande buraco. Desesperado, elle fraquejou, gemeu e chorou, mas o mar cobriu as suas lamentações. O barco foi puxado para mais longe e amarrado novamente. Entretanto, já era noite. Ali e seu amo, molhados pela neblina, andavam de um lado para outro na praia como dois fantasmas.

A' luz brilhante da lua, a espuma branca ao longo da praia parecia a primeira neve que cahe. Attrahido pelas luzes da aldeia, Ali acabou por convencer o grego de sahir de perto do barco para irem até o café.

Era habito trazer sal mais cedo para as aldeias da Criméa situadas ao longo da costa e vendel-o a credito. Na manhã seguinte, afim de não perder tempo, elle disse a Ali que concertasse o barco, emquanto elle ia percorrer a montanha para cobrar o que os seus freguezes lhe deviam.

O caminho da praia estava inundado e do lado do Mar a aldeia ficava completamente isolada do resto do mundo.

Por volta do meio dia, o mar ficou mais calmo e Ali começou o trabalho. O vento brincava com o turbante vermelho que trazia á cabeça, emquanto elle se occupava do barco, trauteando uma canção monotona como o murmurio do mar.

Todos os dias, nas horas de oração, elle estendia um panno no chão e, ajoelhando-se, rezava devotamente como mahometano piedoso que era.

Ao cahir da noite elle fez fogo na praia e cozinhou o arroz que poude salvar daquella aventura. Memet convidou-o muitas vezes a ir ao café.

Só num anno, quando vieram os mercadores de uvas é que a hospedaria de Memet ficou repleta. Agora estava calma e tinha logar. Jepar dormitava sob os pratos brilhantes da parede, proximo ao fogão onde conservava sempre um pouco de fogo. Memet acordava-o frequentemente para servir café e Japer erguia-se, atiçava o fogo, o que punha nos pratos reflexos brilhantes.

O aroma de café fresco enchia a hospedaria. Os bancos compridos em volta das mesas eram occupados pelos tartaros que jogavam cartas e dados e bebiam café em chicaras pequenas.

O café era a alma da aldeia; ali se concentravam todos os interesses dos moradores da região. Ali se encontravam as pessôas mais importantes. O padre Assan, velho e melancolico, usando turbante e uma tunica que cahia como um sacco sobre o seu corpo anguloso, era teimoso como um burro e muito respeitado por essa virtude.

Ali estava Nurla, o capitalista — porque possuia uma vacca vermelha, um carro e um par de buffalos; estava tambem o funccionario de policia, proprietario do unico cavallo da aldeia.

Eram parentes, como todos os habitantes da isolada aldeia, o que não impedia que estivessem divididos em dois partidos inimigos. A causa dessa inimizade era um pequeno rio que corria no centro da aldeia. Era este o unico meio de irrigação e quando uma metade da aldeia se utilizava do rio para regar seus jardins, a outra metade, com o coração batendo, via as suas cebolas murchar. As duas pessôas mais importantes da aldeia — Nurla e o policia — tinham os seus jardins oppostos um ao outro. Quando um delles procurava levar a agua para o seu jardim, o outro prendia a agua mais em cima e della fazia uso. Isto enraivecia os moradores do lado opposto que, esquecendo o parentesco por causa das cebolas, batiam-se uns contra os outros. Nurla e o policia chefiavam os dois grupos de combatentes, mas o policia era o mais forte, porque o padre Assan pertencia ao seu partido. O antagonismo persistia mesmo dentro do café. Quando os partidarios de Nurla jogavam dados, os do policia pegavam nas cartas. Elles só estavam de accordo numa coisa — todos bebiam café. Memet, que não tinha jardim e como homem de negocio estava acima de qualquer partido, ia de Nurla ao policia, procurando conciliar as coisas. Seu rosto sereno e sua cabeça calva brilhavam e seus olhos vermelhos guardavam um resto de fulgor. Elle estava sempre atarefado, contando, fazendo planos e andava apressado do celleiro para a venda. Algumas vezes, elle corria para fóra, olhava para o telhado em terraço e chamava: "Fatima!"

Uma mulher velada deslizava silenciosamente da casa por cima da hospedaria e chegava á beira do terraço. Memet atirava-lhe saccos vazios ou dava-lhe ordens em tom rude e imperioso. E aquella figura desapparencia como tinha vindo, como uma apparição.

Ali viu-a mais de uma vez.

Elle ficava perto do café e observava os passos das chinellas amarellas pela escada de pedra da casa de Memet, e ficava fascinado pelo brilhante véo verde que cahia em pregas graciosas em torno daquella figura flexivel. Ella descia calmamente com um jarro vazio numa das mãos e com a outra segurava o véo, de modo a mostrar apenas os olhos grandes, negros e avelludados como os da gazella da montanha. Ella olhava Ali por um instante, baixava as palpebras e proseguia serenamente o seu caminho como uma sacerdotiza Egypcia.

Parecia a Ali que aquelles olhos grandes tinham abrazado o seu coração e ali ficaram gravados para sempre. Na praia, emquanto concertava o barco, cantarolando suas canções romanticas, elle via aquelles olhos. Elle via-os em toda parte — nas ondas, transparentes e crystalinos como uma taça, e nas pedras quentes que luziam ao sol. Elles o perseguiam até quando tomava o seu café. Frequentemente elle andava pela aldeia e, ás vezes, elle via a figura velada de uma mulher no terraço acima da hospedaria. Seu rosto estava sempre voltado para o mar, como se nelle procurasse alguem de saudosa e longinqua memoria. Ali foi logo acceito pela aldeia. As moças, encontrando o bello turco, no caminho de casa para

a fonte, descobriram o rosto, enrubesciam e passavam. Nas noites frescas do verão, Ali tomava a "zurra" que havia trazido de Smyrna e recordava a sua terra natal com canções melancolicas. O canto attrahia os homens novos que, á sombra dos rochedos, punham-se a cantar e a dansar. Elle repetia sempre a mesma estrophe monotona, sem fim e inexplicavel como o canto do grillo, enchendo-a de angustia e de desejo vehemente. Os tartaros começavam a cantar no mesmo rythmo da toada, "O-la-la... O-na-na..."

De um lado, o sonho do mundo mysterioso das montanhas gigantescas, do outro jazia, em plano inferior, o mar adormecido. Gemia no seu somno como creancinha, e soluçava e brilhava á luz do luar como uma estrada de ouro.

"O-la-la... O-na-na..."

Os habitantes da aldeia, observando de seus ninhos de pedra, viam frequentemente um braço estendido, graças á lua, os hombros sacudidos pela dansa e ouviam o monotono e persistente estribilho da musica — "O-la-la... O-na-na..."

Fatima escutava tambem.

Ella tinha vindo das montanhas. De uma aldeia distante com gente differente e costumes diversos, onde havia deixado todos aquelles e todas as coisas que amava. Não havia mar perto de sua casa. Um dia, Memet chegou e offereceu a seu pae mais do que podiam pagar os rapazes da sua aldeia e levou-a comsigo. Repellente, mão, estranho como a gente toda daquelle logar, como aquella terra. Não tinha parentes ali, nem amigos; a gente não era hospitaleira, ali era o fim do mundo. Não havia estrada para o exterior.

"O-la-la... O-na-na..."

Não havia caminho para o exterior — pois quando o mar se encapellava, o unico caminho ao longo da costa fica inundado.

Nada ali, a não ser o mar — o mar em toda parte. De manhã cedo, o seu azul intenso deslumbrava os olhos; durante o dia as ondas verdes agitavam-se loucamente; á noite, o mar respirava com difficuldade, como uma pessôa doente. Quando estava calmo, irritava os nervos; quando se tornava violento, batia de encontro á praia, sacudia-se e rugia como uma féra e não deixava ninguem dormir. O seu cheiro acre e nauseante penetrava em todas as casas. Ninguem podia se esconder ou fugir do mar — elle estava em toda parte; era uma obseção; ás vezes, desillludia. Envolto em espessa neblina branca como a neve das montanhas, o mar parecia desapparecer; estava escondido, mas apesar disso, torcia-se, rugia e soluçava debaixo da neblina.

"O-la-la... O-na-na..."

... Debatia-se sob a neblina como uma creança sob as cobertas e de repente, desvencilhou-se della...

Pedaços de neblina arrastaram-se do mar, entraram na mesquita, envolveram a aldeia, insinuaram-se nas casas, cahiram sobre o coração de cada um, cobriram o sol.

"O-la-la... O-na-na..."

Fatima sahia muitas vezes do terraço do café, encostava-se á arvore e olhava o mar. Não, não era o mar — ella observava o turbante vermelho da cabeça do estrangeiro, na esperança de encontrar novamente seus olhos — aquelles olhos grandes, negros e ardentes, que a queimavam tantas vezes em seus sonhos. Na areia, acima do mar, a sua flor vermelha da montanha, a sua flor predilecta, florescia agora.

"O-la-la... O-na-na..."

As estrellas pairavam sobre a terra, a lua sobre o mar.

+ + +

— "Veiu de longe?"

Ali voltou-se sobresaltado. A voz vinha do terraço e elle ergueu os olhos.

Fatima estava junto á arvore, cuja sombra cahia tambem sobre ali. Elle enrubesceu e gaguejou, "D-d- de Smyrna, de muito longe".

— "Eu sou das montanhas".

Silencio.

O sangue subiu-lhe á cabeça e seus olhos ficaram subjugados pela mulher tartara que não parecia disposta a dar-lhes liberdade.

— "Por que veiu a este logar? Deve sentir-se isolado aqui".

— "Eu sou muito pobre — nem uma estrella no céo, nem um pé de terra. Estou ganhando a minha vida".

— "Ouvi-o tocar"... Silencio.

— "Na minha casa, lá nas montanhas, é muito agradavel — musica, raparigas, bôdas. Não temos mar por lá. Tem mar perto da sua casa?"

— "Muito perto não".

— "Não? E os s e u s gemidos não penetram a sua casa?"

— "Não. Em vez de mar, temos areia por toda parte. O vento leva a areia quente que amontôa como que formando altas muralhas como dorsos de camellos. Lá —

— "Psiu!"

Subito, como que por acaso, ella mostrou o seu rosto branco e delicado e ergueu, até os labios rubros, um dedo de unha rosea e brilhante. Não se via ninguem por ali. Só o mar, tão azul como o céo, estava a observal-os.

— "Não tem medo de conversar comigo, Hanoum? O que fará Memet se nos s u r p r e h e n d e r juntos?"

— "O que elle julgar necessario".

— "Elle nos matará, caso nos veja juntos".

— "Não importa".

+ + +

O sol ainda não se tinha levantado, mas já se distinguia alguns dos picos do Yaila. As rochas negras estavam mergulhadas na escuridão; o m a r cinzento jazia adormecido. Nurla, o plutocrata da aldeia, descia do Yaila quasi a correr atraz de seus buffalos. A sua pressa era tal que nem percebeu que um monte de feno escorregava do carro, indo cahir no lombo dos animaes. Os buffalos pretos sacudiram os quadris e iam voltar ao seu estabulo, mas Nurla fel-os mudar de direcção e parou no café.

— "Memet, Memet, acorda!"

Memet levantou-se, esfregando os olhos cheios de somno.

— "Memet, onde está Ali?" perguntou Nurla.

— "Ali,... Ali... está por ahi", e olhou os bancos vazios.

— "Onde está Fatima?"

— "Fatima? Ora, está dormindo, com certeza!"

— "Elles fugiram juntos para as montanhas".

Memet virou-se para Nurla: "Que está você a dizer?"

— "Você anda no mundo da lua! Estou procurando explicar-lhe que sua mulher fugiu com o turco. Acabo de os vêr nas montanhas ao voltar de Yaila".

Os olhos de Memet estavam agora a saltar fóra das orbitas. Elle empurrou Nurla para um lado, sahiu da casa e subiu a escada. Procurou em todos os quartos e subiu ao terraço.

— "Osman!" gritou com a sua voz rude, "Kali! Jepar! Bekir! Venham!" Elle correu de um para outro lado, gritando por soccorro, como se houvesse incendio.

— "Usien! Mustapha!"

Os tartaros acordaram e foram subindo aos seus terraços. Nurla ajudou a acordar a aldeia. "Assan! Mamaut! Lekeria!" chamou com toda força.

....

Memet, vermelho e incansavel, olhou em redor, silencioso e saltou do terraço como um gato. Os tartaros estavam em polvorosa. Os parentes que, ainda na v e s p e r a estavam promptos a se atirarem uns contra os outros, uniam-se agora para reparar a offensa feita a um delles. O ultraje não havia attingido apenas a Memet e sim a todos elles. Uma porcaria de turco, um miseravel vagabundo, um simples creado! E quando Memet assomou á porta do café, armado de uma grande faca, a mesma que elle usava para sangrar os carneiros e passou resolutamente no cinto, os tartaros estavam promptos.

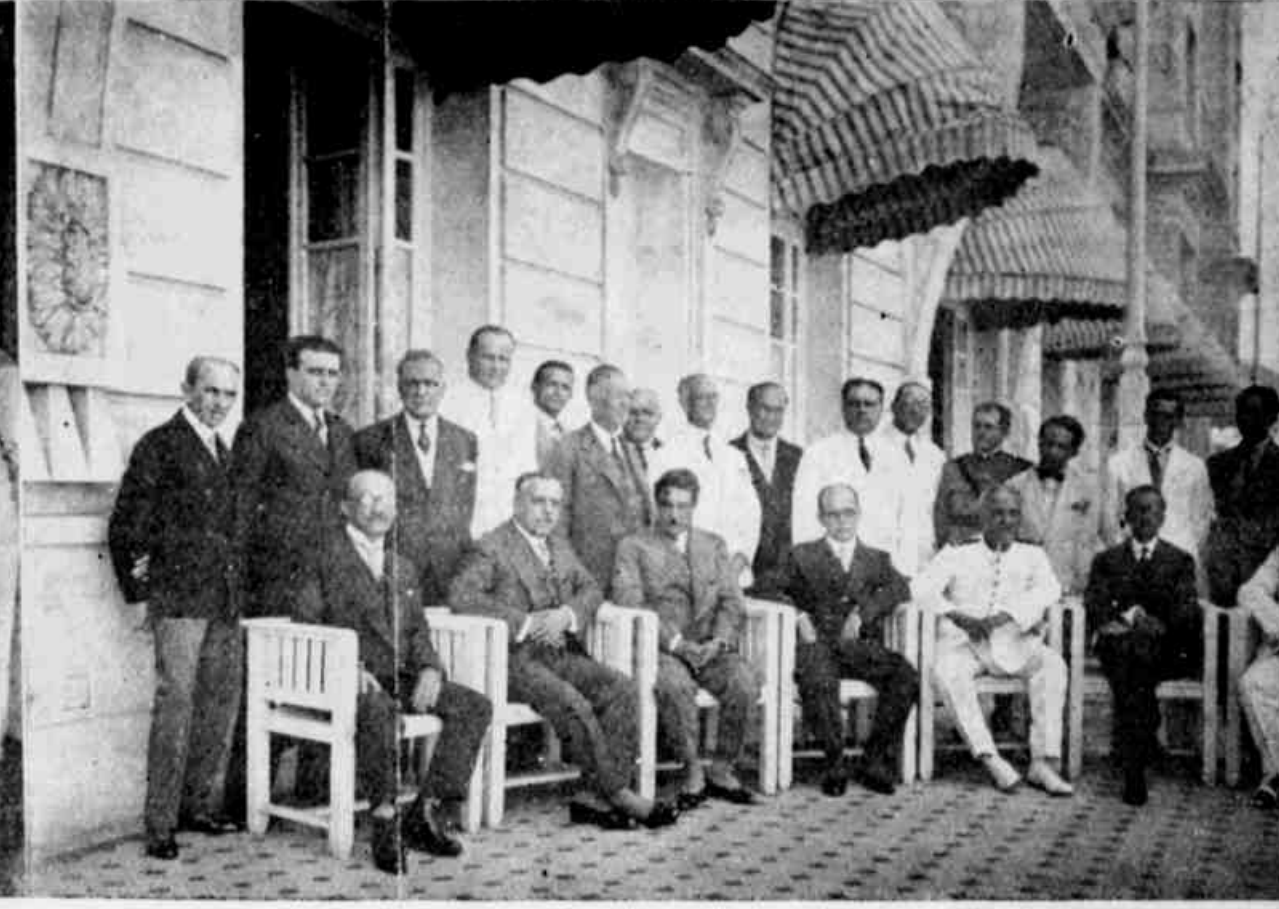
Avante!

Nurla tomou a deanteira; atraz delle ia o açougueiro seguido por uma longa fila de parentes resolvidos a tudo. O sol ia alto e fazia calor. Os tartaros, um atraz do outro, tomaram os caminhos da montanha. Nurla ia apressado e cheio de raiva como um cão na pista. Memet estava sombrio. Embora ainda fosse manhã cedo, as pedras cinzentas estavam quentes. Um caminho estreito, quasi invisivel como o rasto de u m a féra, desapparecia no deserto de pedra ou escondia-se na sombra de uma rocha. Estava fresco e humido á sombra dos rochedos e os tartaros retiraram os turbantes vermelhos para refrescar a cabeça. Então, continuaram, apressados, pela estrada quente e cinzenta debaixo do sol ardente. Elles trepavam obstinadamente pela montanha, curvados, atravessando gargantas estreitas e sombrias, tocando os lados dos rochedos com os hombros, andando á beira de abysmos, seguros como mulas montanhezas. A' medida que proseguiam, os obstaculos iam se accumulando, o sol, cada vez mais quente, abrazava as pedras, e o rosto dos tartaros cada vez se tornavam mais vermelhos, suados e raivosos.

Os tartaros corriam cada vez mais. Tinham de pegar os fugitivos antes delles alcançarem a Suak, a cidade vizinha e fugirem por mar. Tanto Ali como Fatima eram estranhos áquella terra. Não conheciam as montanhas e podiam perder-se facilmente no labyrintho de caminhos. Era esta a unica esperança dos tartaros. Mas Suak estava perto e dos fugitivos nem signal. Estava cada vez mais suffocante e a brisa humida do mar não chegava ás montanhas. Seixos rolavam debaixo dos pés dos tartaros, augmentando-lhes o furor. Não encontravam os fugitivos e todos elles haviam deixado qualquer trabalho em casa. Memet não lhes prestava attenção e ia na frente, como um bode, a olhar louco. Era evidente que Nurla havia chegado tarde com a fatal noticia. Os homens começavam a perder a esperança, mas continuavam.

Subito, Zecheria, que ia na vanguarda, deixou escapar uma exclamação e estacou. Todos os olhos se fixaram nelle, mas sem dizer nada, elle apontou um grande rochedo suspenso justo acima do mar. Ali, atraz de uma pedra, distinguiram um turbante vermelho que desappareceu immediatamente. Memet rosnou e o coração dos outros homens pulsou com mais

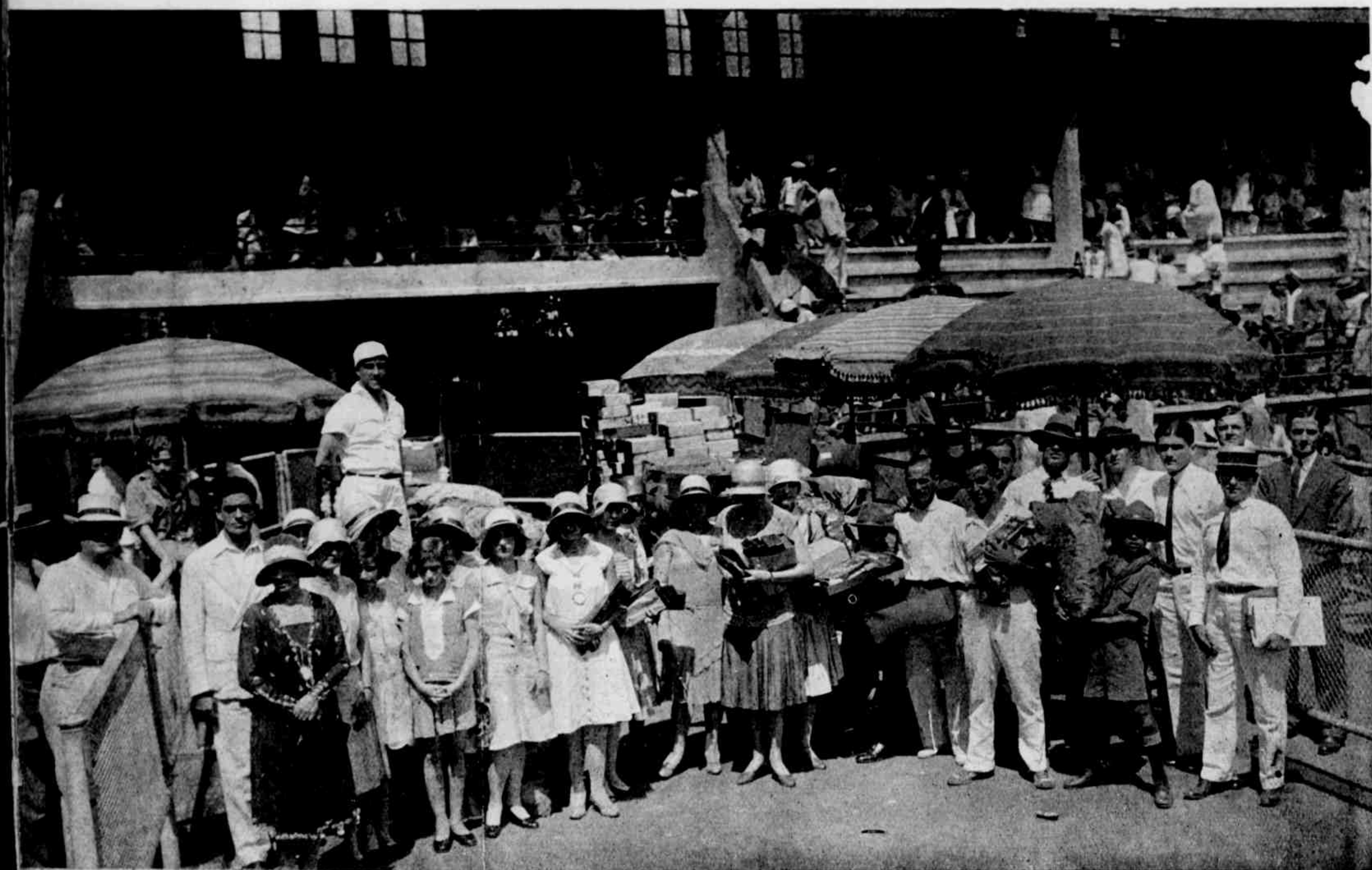
(Termina no fim do numero)

Sessão magna em homenagem ao Jubileu Sacerdotal do Papa Pio XI. — Inauguração do Pavilhão Chile na Assistencia Dentaria Infantil. — Entrega de diplomas ás novas enfermeiras da Escola Dona Anna Nery. — Entrega de diplomas na Escola Wenceslão Braz. — As novas enfermeiras da Escola Dona Anna Nery. — Exposição de trabalhos das escolas municipaes, na Escola Deodoro. — Commemoração do 76º anniversario da emancipação politica do Paraná e posse da nova directoria do Centro Paranaense, com a presença do presidente Affonso Camargo. — No Copacabana Palace ,antes do almoço ao Dr. Aristeu Aguiar ,presidente do E do Espirito Santo.

UMA FESTA DE ARTE EM PETROPOLIS

Foi promovida pela Academia de Letras de lá. Dona Nair de Teffé organizou-a com o seu fino gosto. Programma: "Rosas de Hespanha", um acto de Claudio de Souza representado por Nair de Teffé, Eugenia Alvaro Moreyra e Brutus Pedreira; "O anjo da guarda", de Reinaldo Chaves, representado por Nair de Teffé e senhoritas Machado, Ramos e Garcia.

Como faz em todos os 25 de Dezembro a directoria do elegante Club da rua Alvaro Chaves distribuiu pelas mãos de suas associadas presentes ás creanças pobres que assim tiveram um pouco de alegria no dia mais bonito do anno.

O DIA DE NATAL NO FLUMINENSE FOOTBALL CLUB

NOSSO THEATRO DE REVISTA

Um amigo, que é ao mesmo tempo uma excellente creatura e um dos nossos melhores humoristas, surprehendeu-me ha dias com um convite que me deixou admirado e me encheu de satisfação. Solicitou a minha presença, como já solicitara a de Alvaro Moreyra, em sua residencia para que ouvissemos a leitura da revista que acaba de escrever e que destina, muito naturalmente, a um dos nossos theatros do genero.

Senti-me, ao effectuar-se o convite, deante de um novato, de um novato á antiga, de um novato como os com que conto para a obra de reerguimento do nosso theatro. Individualidade de inestimavel valor nos dominios do humorise que sempre se destacou por um feitio proprio e excellente, alliando, como ninguem, a graça das figuras que crêa, á do texto, bem podia dispensar o juizo alheio, mesmo invadindo uma nova seara, pela segurança, que já deve ter, do seu merito reconhecido e proclamado por um longo e brilhante successo em quinze annos ou mais de fecundo labor. A timidez, porém, traço caracteristico seu, fazia-o procurar, cheio de receios, o conselho, a apreciação de amigos, e eu sentia, nessa timidez, mais do que nunca o artista, o artista sempre insatisfeito com a sua obra e della duvidando. Sua attitude, finalmente, revelava essa cousa rara nos nossos dias, o respeito do autor pela collectividade a cujo serviço se colloca.

Oduvaldo Vianna que enjoou o theatro e foi vêr nos Estados Unidos como é isso de cinema falado.

Odilon Azevedo que organizou com Belmira de Almeida uma companhia de comedia.

Antes de assistir á leitura — e ao escrever esta chronica ainda não passei por esse momento de prazer — tenho opinião formada acerca do trabalho. Seu merito é indiscutivel, mas deve estar bem acima de duas cousas: o entendimento dos que as facilidades mercantis tornaram dirigentes dos destinos do theatro ligeiro entre nós; e o nivel intellectual da platéa que tem vindo baixando sensivelmente, desde que o contróle das peças a enscenar passou a incompetentes.

Todavia não perco a esperança de assistir á representação dessa revista, agora, que os empresarios, atravez de successivos desastres, começam a comprehender que o publico não é só o das torrinhas, e que exige mais alguma cousa do que palhaçadas e vacuidades, quer idéas, aprecia o lavor literario, interessa-se pela novidade. Lentamente embora, o verdadeiro merito começa a se impôr e não tardará muito conquistará o logar que a ignorancia insistentemente occupava. Não é demais affirmar, portanto, que os theatros de revista contam com uma producção original, forçosamente bem escripta e espirituosa, para a abertura da temporada em Março ou Abril. Oxalá não perseverem os empresarios nos erros de que andam sendo victimas.

MARIO NUNES

NICTHEROY

Fim de anno no Grupo Escolar José Bonifacio. — A directora e as alumnas da 5ª serie do Grupo Escolar Pinto Lima. — Festa de arte no Grupo Escolar José Bonifacio. — Alumnas da Escola Aurelino Leal num numero de dansas e em exercicios gymnasticos. — Na festa de encerramento de aulas na Escola Silva Pontes. — Corpo docente do Grupo Escolar José Bonifacio. — Director, professores, alumnos do mesmo Grupo Escolar.

NICTHEROY

Juramento á bandeira pelos alumnos do Collegio Municipal Brasil com a presença do senhor Bispo Diocesano. — Entrega de diplomas aos bachareis do Gymnasio Bethencourt Silva. — Os reservistas do Collegio Brasil, prestando o seu juramento á bandeira. — Entrega do "Premio Circulo de Paes" a uma alumna do Grupo Escolar Silva Pontes. — Reservistas do Collegio Brasil, cada um com sua madrinha. — Quando foi a collação de grão dos bachareis do Gymnasio Bethencourt Silva.

James de Coquet

UNHAS ESCARLATES...

HA alguns annos, um pintor lembrou-se de fazer retratos formados de conchas. Com lindos bivalves de diversas especies que não se sabia se haviam sido arrancados a um soneto parnasiano ou ás profundezas desconhecidas do oceano, compunha o retrato das mulheres bonitas que posavam para elle. Essa arte requeria mais tenacidade do que a de erguer fortalezas com pennas de colibri. Porque, depois de ter achado a concha que correspondia exactamente a um olho, elle precisava remexer todo o golfo Persico para que o modelo não ficasse zarolho.

E' um grande orgulho para uma mulher, pensar que o nacar de suas narinas e do seu sorriso foi disputado aos tubarões como os thesouros da "Grande Armada".

No emtanto, essa moda não pegou e tiveram de se resignar a mandar fazer o retrato equestre com um pouco de ferro barato. Essa moda parece renascer agora. Não serão conchas, as unhas pintadas de vermelho que um novo capricho quer impôr ás mulheres. Conchas dignas de lastima, pois cada uma dellas vive separada do esposo que vê brilhar na outra mão e o gesto da oração é a unica probabilidade que têm de se unir.

O espirito não se acostuma a uma moda como esta.

Como era mais expressiva a unha translucida e sem verniz que, com uma pressão do dedo enrubescia como o rosto de uma donzella! A natureza tivera o cuidado de dissimular a unica arma que dera á mulher — o unico felino da creação que trazia as garras á mostra sem que, no emtanto, se as visse. Podia surprehender o inimigo. Emquanto que esta unha aggressiva e brutal não terá a alegria perversa de dilacerar a mão que se approxima para uma caricia.

A nossa razão revolta-se contra essa moda e a nossa vista tambem, escrava de innumeros preconceitos, de fórmas e de côres. Todas as mãos de unhas avermelhadas que eu via, lembravam-me a de Macbeth e davam-me vontade de gritar: "Não têm vergonha de conservarem o coração tão branco!"

E o dia em que vi, pela primeira vez, a vossa mão, vermelha de um sangue desconhecido, tive impeto de mandal-a a todos os perfumes da Arabia. A segunda vez, porém, julguei que uma rosa tivesse deixado o seu coração em cada um dos vossos dedos.

Agora, o gesto ferido da vossa mão morena evoca para mim um Oriente cruel e propicio aos amores patheticos. Basta-vos fumar um cigarro para compôr a paizagem de um jardim sobre o Oriente e alegro-me ao pensar que não poderieis me dizer adeus sem derramar, ao partir, cinco lagrimas purpurinas.

Casas de Abelhas na Colonia de Alienados de Vargem Alegre

MADAME CONDORCET

QUASI em frente das Tuileries, do outro lado da margem, e em face ao pavilhão da Flora e do salão realista de Mme. de Lambelle, está situado o palacio de la Monnaie, ali se encontra um outro salão, o de Condorcet, que um contemporaneo chamou — lar da Republica.

Este salão europeu, do illustre Secretario da Academia de Sciencias viu, com effeito concentrar-se, de todos pontos do mundo, o pensamento republicano da época. Elle ahi fermentou, tomou corpo e feição, ahi encontrou suas formulas. Pela iniciativa e primeira idéa, elle pertencia, desde 89, a Camillo Desmoullins. Em Junho, Bonneville e Cordeliers deram o primeiro grito.

O ultimo dos philosophos do grande seculo XVIII, aquelle que sobreviveu a todos, para ver suas theorias lançadas no campo da realidade, foi Condorcet, Secretario da Academia de Sciencias, successor de d'Alembert, ultimo correspondente de Voltaire, e amigo de Turgot.

Seu salão foi o centro da Europa pensadora. Todas as nações, como todas as sciencias ali tiveram o seu logar. Estrangeiros illustres, após terem recebido as theorias da França, lá iam, e procuravam discutir a sua applicação: o americano Thomas Payne, o inglez Williams, o escossez Mackintosh, o genovez Dumont, o allemão Anacharsis Clootz; este ultimo de nenhum modo estava em conformidade com tal salão, porém, em 91, todos ali vinham e todos ali estavam confundidos. Em um canto, immovel, estava o amigo assiduo, o medico Cabanis, enfermo e melancolico, que havia transportado para essa casa a carinhosa e profunda affeição que dedicára a Mirabeau.

Sobre estes illustres pensadores, pairava a nobre e doce figura de Mme. Condorcet. Tudo parecia illuminado e purificado sob seu olhar. Havia sido uma religiosa, e tinha a apparencia muito juvenil.

Contava vinte e sete annos (dois menos que seu marido) e acabava de escrever suas **Cartas sobre a Sympathia** — livro de analyse fina e delicada onde, sob a apparencia de uma extrema reserva, transparecia frequentemente a melancolia de um coração joven e cheio de ansiedades.

Suppunham vâmente que ambicionava as honras e os favores da côrte e que o seu despeito a havia lançado na revolução. Longe della esse pensamento.

Porém, o que era ainda mais inverosimil é que dissessem: que antes de se casar com Condorcet terlhe-ia confessado não ter livre o coração. Amava, mas sem esperanças... O sabio acolheu esta confissão com paternal bondade e a respeitou.

Durante dois annos viveram como dois espiritos.

Só em 89, (em um bello momento de Julho) foi que Mme. Condorcet sentiu tudo quanto de paixão existia neste homem tão frio em apparencia; e começou então a amar o grande cidadão, de alma terna e profunda, que defendia, como sua propria ventura, a esperança da felicidade do genero humano.

O unico filho que tiveram nasceu n o v e mezes após a tomada da Bastilha, em Abril de 90.

Condorcet, então com 49 annos, sentia-se joven e começara uma vida nova.

Após uma vida de estudos mathematicos com d'Alembert e uma outra de critica literaria com Voltaire, entregava-se agora ás inconstancias da vida politica. Havia sonhado com o progresso, hoje ia realizal-o ou, pelo menos, a elle se dedicar. Toda a sua vida offerecia um notavel exemplo de alliança entre duas faculdades raramente unidas: a solida razão e a infinita confiança no futuro.

Energico até contra Voltaire, quando o achava injusto, amigo dos Economistas, sem comtudo se deixar levar por elles, mantinha-se mesmo assim independente em respeito de **la Gironde**.

Esse grande espirito estava sempre presente, vigilante e senhor de si mesmo.

Sua porta conservava-se sempre aberta, mesmo quando se entregava a algum trabalho abstracto.

No salão, em meio da sociedade, pensava sempre, não estava nunca distrahido. Falava pouco, ouvia tudo, aproveitava tudo, jamais se esquecia de cousa alguma.

As damas ficavam surprehendidas e atemorizadas de ver que elle sabia até a historia da moda nos seus mais insignificantes pormenores. Pouco expansivo, seus amigos só sentiam a sua amizade p e l o ardor com que procurava secretamente servil-os. "E' um vulcão sobre o gelo, dizia d'Alembert". Joven, havia amado e, como cousa alguma esperara, pensára em suicidar-se. Mais tarde, muito mais velho, porém, não menos ardente, teve pela sua Sophia um amor intimo, immenso, uma dessas paixões que são tanto mais intensas, quanto mais tarde chegam, e são mais profundas que a propria vida.

Nobre época! E quão foram dignas de amor essas mulheres, merecedoras de serem confundidas pelo homem, com o ideal, a patria e a virtude!...

Quem não se lembra ainda, do funebre almoço, onde, pela ultima vez, os amigos de Camillo Desmoullins lhe pediram para cessar o seu **Vieux Cordelier**, e adiar o pedido á **Comité de la clemence?** Sua Luciola, esquecendo que era esposa e mãe, passa-lhe os braços ao redor do pescoço dizendo: "Deixae... deixae... que elle siga o seu destino!"

Assim, ellas consagraram o amor e o casamento, levantando a fronte abatida do homem deante da morte, dando-lhe ainda vida e conduzindo-o para a immortalidade.

Ellas tambem ali estarão sempre.

E os homens que vierem lamentarão não as terem visto, essas mulheres heroicas e encantadoras, e que ficarão sempre unidas aos mais nobres sonhos do coração, como figuras e saudades do eterno amor!

C O N D O R C E T
De um desenho de Saint-Aubin

Havia como uma sombra desse tragico destino, nos traços e expressões de Condorcet. De modos timidos (como o são os do sabio que viveu solitario em meio dos homens), elle tinha qualquer cousa de triste, de paciente e de resignado.

O rosto era bello, os olhos nobres, doces e cheios de idealismo, pareciam volvidos para a profundeza do futuro. A fronte vasta que continha toda a sua sciencia, assemelhava-se a um arsenal immenso, era um thesouro completo do passado. O homem, é preciso dizer, era mais amplo que forte.

Isso sentia-se na sua bocca, um pouco molle e fraca, e um tanto recahida. — A generalidade que dispersa o espirito sobre todo o objecto é uma causa de enervação. Ajuntae, que elle passou sua vida no decimo oitavo seculo, e que carrega ainda o seu peso. Atravessou todas as disputas, t o d a s as grandezas e baixezas dessa época.

Condorcet tinha todas as contradicções. Sobrinho de um bispo, educado, em parte pelos, pelos seus cuidados, deveu tambem muito aos padroados dos la Rochefoucauld. Embora pobre, era nobre, marquez de Condorcet. Nascimento, posição, relações e muitas cousas mais o prendiam ao antigo regimen. Tudo que lhe cercava a casa, o salão, a esposa, apresentavam o mesmo contraste.

Mme. Condorcet, Grouchy de nascimento, a principio religiosa, discipula enthusiasta de Nousseau e da Revolução, sahiu da sua posição meio ecclesiastica para presidir um salão que era um centro de livres pensadores, e parecia uma nobre religiosa da philosophia.

A crise de Junho de 91 devia decidir Condorcet, ella chamava-o a pronunciar-se. Era preciso escolher entre suas relações, seus precedentes de um lado e de outro suas idéas. Quanto aos interesses, nada valiam para tal homem. O unico talvez ao qual tivesse sido sensivel é que a Republica, abaixando toda grandeza e realçada de tantas superioridades, tivesse eleito rainha sua Sophia.

O Sr. da la Rochefoucald, seu intimo amigo, não perdia a esperança de neutralizar seu republicanismo, como o de Lafayette e pensava encontrar bôa vontade no sabio modesto, no homem timido e docil que sua familia havia outr'ora protegido. Chegavam a affirmar e tornar publico que Condorcet partilhava das idéas realistas dos Sieyès. Compromettiam-no assim e ao mesmo tempo lhe offereciam, como tentação, a perspectiva de ser nomeado preceptor do Delphim.

Esses rumores decidiram-no provavelmente a se manifestar mais cedo do que desejava.

\+ + +

Condorcet, que sempre fôra prudente, tornára-se ousado em pleno terror. Redactor do projecto da Constituição, em 92, atacou violentamente a Constituição de 93 e foi obrigado a procurar um asylo contra a proscripção.

Cousa notavel esse homem, edoso e grave, que embarcava por causa de uma pilheria sobre o oceano da Revolução e não dissimulava absolutamente as desgraças a que se ia expôr.

Cheio de fé no longinquo futuro da especie humana, tinha, entretanto, pouca confiança no presente e não alimentava esperanças sobre a situação, sentindo muito bem todos os perigos.

Não os temia por si, (pois de bôa vontade daria a propria vida) mas, por essa esposa adorada, por esse pequenino sêr nascido no momento sagrado de Julho. Havia varios mezes que procurava secretamente informar-se do porto mais seguro para, em caso de perigo, enviar sua familia.

Escolheu SaintValery.

\+ + +

"O amor é mais forte que a morte". — E, é nesses tempos de morte que triumpha; pois a morte derrama no amor não sei que de amargos e divinos sabores que não são da terra.

Lendo a audaciosa viagem de Louvet através de toda a França, para encontrar o que amava, e assistindo a esses momentos onde reuniam pela sorte nos esconderijos de Paris ou na taverna do Jusa, cahiram nos braços um do outro, desfallecidos, anniquilados. Quem cem vezes não disse: "Oh, morte, se possues o poder de centuplicar e transfigurar a esse ponto as alegrias da vida, possues realmente as chaves do céo!"

O amor salvou Louvet e perdeu Desmoullins, confirmando-o no seu heroismo, e não foi estranho á morte de Condorcet.

Em 6 de Abril Louvet entrava em Paris para rever a sua Lodoïska; Condorcet sahia para diminuir os perigos que ameaçavam a sua querida Sophia.

E', pelo menos, a unica explicação que se póde dar a essa fugida de proscripto.

Dizer, cômo disseram, q u e Condorcet sahiu de Paris unicamente para ver a sua companheira e attrahido pela primavera, é uma extravagante explicação, inverosimil e pouco séria.

Para comprehender é preciso vêr a situação dessa familia.

Mme. Condorcet, bella, joven e virtuosa esposa do illustre proscripto, que podia ser seu pae, achava-se, no momento do exilio e do sequestro de seus bens em completa miseria. Nem um nem outro possuiam meios para fugir. Cabanis, o amigo, dirigiu-se a dois estudantes de medicina, mais trade celebres, Pinel e Royer. Condorcet foi por elles conduzido a um logar quasi publico, em casa de uma senhora Vernet, proximo ao Luxemburgo, e que tomava pensionistas.

Essa senhora era muito amavel e um tal senhor Montagnard, que morava na mesma casa, mostrava-se bom e discreto: quando encontrava Condorcet fazia que não o reconhecia. Mme. Condorcet morava em Autenil, e vinha a pé, todos os dias, a Paris. Sobrecarregada de uma irmã doente, de sua velha governante e de seu pequeno filho, era preciso viver, e fazer viver os seus. Um joven, irmão do secretario Condorcet, mantinha, para ella, na rua Saint-Honoré nº. 352, (a dois passos de Robespierre) uma pequena loja de roupas brancas. No sotão da loja, Mme. Condorcet fazia retratos. Varios poderosos do momento iam retratar-se. Nenhuma industria prosperava tanto sob o terror como essa, todos se apressavam em fixar sobre a tela uma sombra dessa vida tão pouco segura. Os attractivos singulares de pureza e dignidade, que emanavam dessa infortunada moça, attrahiam para lá os violentos e os inimigos

(Termina no fim da revista)

De Elegancia

COMO esteve a moda em 1929? Trouxe modificações radicaes?

— Não. O esbôço para as grandes modificações. Houve movimento inicial para maior comprimento nos vestidos, o que, aliás, já se vinha sentindo nos de noite ha seguramente dois annos. Começaram elles a descer atraz, em ponta, num movimento gracioso de "godet", de franzido, de plissado, de babados, ou ainda, pontas. Não se estendia, entretanto, tal comprimento até os tornozellos, o que agora excede.

— E como receberam as elegantes a nova moda?

E' moda... Usam... Mas o que não resta duvida é que, embora criticados pelos moralistas, os vestidos curtos eram bem mais graciosos e sobretudo rejuvenescedores.

Mal entendido, assim, que se estejam usando, na rua, vestidos compridos quasi tanto quanto os de "soirée". Ahi estão os mais acatados figurinos, as collecções dos grandes costureiros e as recemvindas da terra que distribue a moda por toda a parte, a mostrar que as saias desceram de alguns centimetros, apenas, nos vestidos de rua. Mas não desceram tanto quanto algumas entenderam.

Os vestidos para o "chopping" para o "footing", para os que têm vida agitada, vida de trabalho continuam curtos, isto é, pouco abaixo dos joelhos. Augmentaram muito na largura. Nem se póde entender de outra forma. Se cresceram no tamanho tambem na roda se desenvolveram. E, com a cintura no logar não ha a menor elegancia nas saias de linha recta, rigida. Tambem os tecidos não são de molde para a antiga "corselet" ou a "entravée".

Mesmo no rigor do inverno, na Europa, as fazendas são flexiveis. Certamente os casacos agasalham de verdade. Mas mesmo os de pelle estão sendo feitos de geito que não pesem nos hombros de quem os traz, embora pesem nas finanças de quem os paga... Assim, os vestidos genero esporte continuam de rigor. São graciosos embora um tanto mais compridos. Nos vestidos de noite é que o comprimento augmentou de muito, senão totalmente. E o "manteaux" tres quartos ou acompanhando o vestido é tambem bonito. A moda encareceu pelo maior gasto de fazenda e pelo requinte do tecido, que, tendendo a se tornar de côr absolutamente fixa trará a compensação financeira. Durará muito e passará por varias e varias reformas que serão novos vestidos, dependendo da engenhosidade artistica de cada uma.

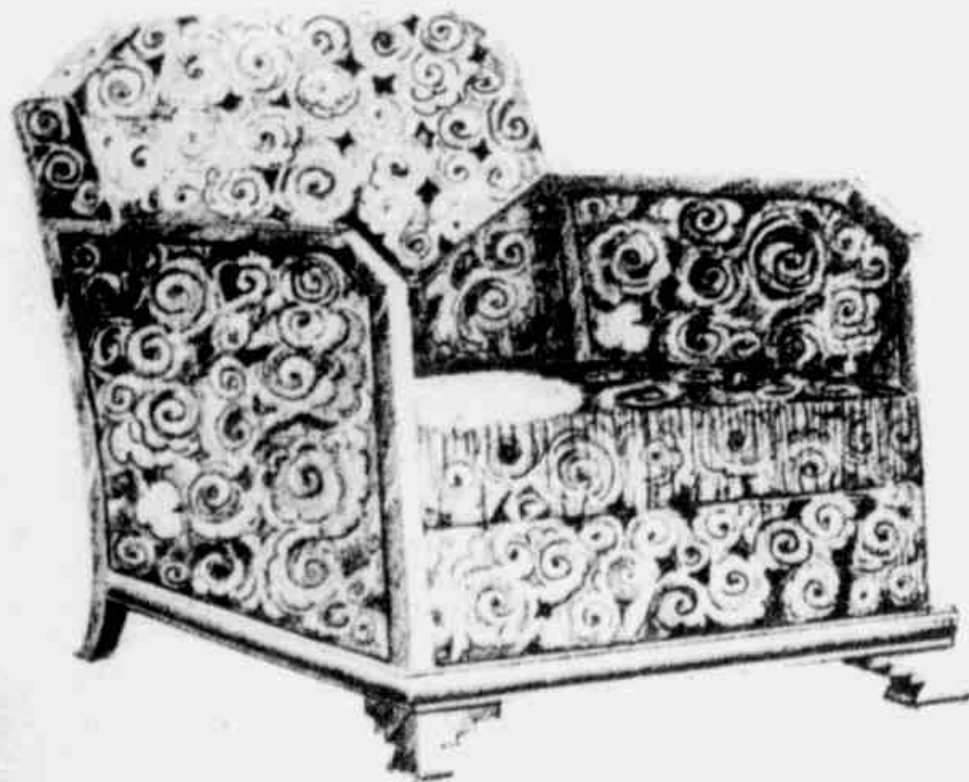
Lançando de modo geral a vista para as cousas de uso, observarei ainda que os chapéos continuam a deixar o rosto a descoberto.

Bem entendido que, para o nosso verão

como no das bandas altamente civilizadas, a aba nos de palha é indispensavel, apesar de tambem alguns serem feitos como os de feltro, de "drap", de velludo, de fita, de setim: pequenas casquettes inteiramente ajustadas á cabeça.

As blusas para os "tailleurs" são cobertas pela saia que se fixa á cintura, e os casacos mostram a nova tendencia da moda por "pinces" marcando a cintura ou um cinto de pellica, de camurça ou da propria fazenda do costume.

Estamparia, muita estamparia, mas a verdadeira elegante não dispensa o casaco de sêda ou de crêpe forrado da fazenda do vestido. Ainda agora, no verão, côres vivas, mas proximamente, no inverno, voltaremos ás sombrias. O preto está sempre na ponta, e é, de facto, o vestido ideal. Serve ás abastadas — de dinheiro, bem entendido — e as que não são. Vestida de preto a gente está sempre muito bem vestida, com propriedade.

E o branco? E o rosa secco para as mocinhas?

Outra novidade é os collares, as pulseiras estão se tornando menos barbaros, menos grosseiros. A "bijouterie" falsa empenha-se em approximal-os o mais possivel da verdadeira e delicada. Assim a perola volta á ordem do dia misturada ás esmeraldas, aos rubis, ás opalas, aos dimantes. Perolas outra vez em vóga. E, se

a moda ainda permitte a fantasia da madeira associada ao metal, o trabalho é de tal maneira fino que dá a impressão de que a materia prima não foi a realmente empregada.

Sapatos...

Quem sabe melhor calçar-se que a carioca? Muita vez vem para a rua com vestidos mui modestos, mas o pé irreprehensivelmente calçado. Não ha saltos tortos pelas ruas da cidade.

E a industria nacional, na materia, é optima.

De tudo isso, porém, o que apaixona as elegantes é o comprimento dos vestidos. O que pensará cada uma de tal innovação?

Sujeita-se prazeirosa a cobrir os joelhos?

A moda...

Disse Maria Eugenia Celso, quando lhe pedi a opinião para esta pagina.

"A moda não dá tempo de pensar.
— E' moda, e porque e moda
toda gente
Obediente,
Já usou... está usando... ou vae
[usar..."

Cumprimentos de Anno Novo: dos Automoveis Stutz, Casa A. Dorét, Casa Leblon, A. Fadigas, Casa Machado, "Ao Trovador", Confeitaria Colombo.

—

Illustram esta pagina: os figurinos a que alludi, e uma poltrona de Albino Barros & C. (Agua do Cattete).

SORCIÈRE

Cinearte-Album para 1930

OS MAIS QUERIDOS ARTISTAS DO CINEMA

✣

TRICHROMIAS QUE SÃO QUADROS EESLUMBRANTES

✣

40 RETRATOS MARAVILHOSAMENTE COLORIDOS

✣

Contos, anecdotas, caricaturas e historias lindissimas... Confissões das telephonistas dos studios... Belleza !... O livro de WILLIAM HART, GRETA GARBO... Como foram feitos os "trucs" do "Homem Mosca"... Films coloridos. Originalidade sem par !...

Se tem bom gosto escolha suas revistas no meio destas.

GALERIA COMPLETA DOS ARTISTAS BRASILEIROS

✣

RIQUISSIMA CAPA COM

GRACIA MORENA

✣

CENTENAS DE PHOTOGRAPHIAS INEDITAS

✣

Se na sua terra não ha vendedor de jornaes, enviae-nos hoje mesmo 9$000 em dinheiro, por carta registrada, cheque, vale postal ou sellos do correio para que lhe enviemos um exemplar deste rico annuario.

Um livro de Sonhos e Encantos ...

A' venda em todos os jornaleiros

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 — CAIXA POSTAL, 880

R I O D E J A N E I R O

PARA O NATAL E ANNO BOM

LINDOS LIVROS PARA PRESENTES

Lenda do Deserto — por Malba Tahan. Pelo seu valor altamente moral e instructivo, as obras deste autor pódem ser lidas por todos, indistinctamente creanças e adultos. Encadernação muito linda .... Rs. 6$000
Céo de Allah — por Malba Tahan. Encadernação a côr .... Rs. 6$000
Historias da Baratinha — 70 lindas historias Rs. 8$000
O Reino das Maravilhas — Contos de Fadas Rs. 8$000
Theatrinho Infantil — Comedias, monologos, cançonetas, etc. .... Rs. 5$000
Historias do Arco da Velha — Esplendida collecção das mais lindas historias e contos populares .... Rs. 10$000
A Arvore do Natal — ou o Thesouro Maravilhoso de Papae Noel .... Rs. 6$000
Contos da Carochinha — Contendo escolhida collecção de 61 contos .... Rs. 7$000
Historias da Avósinha — Obra illustrada com 131 gravuras .... Rs. 6$000
A Alma Infantil — Versos para uso das escolas, enc. .... Rs. 4$000
Theatro da Infancia — Original de B. Octavio. Peças religiosas, operetas, comedias, dialogos, apologos, monologos, etc. .... Rs. 3$000
Historias para Creanças — Contos tradicionaes portuguezes .... Rs. 3$500
Historias Infantis — O encanto das creanças, com 30 historias e quadros coloridos ..... Rs. 2$500
Physica Recreativa — Experiencias curiosas e ao alcance de todos .... Rs. 2$500
Canções da Escola e do Lar — Hymnos escolares, canções, rondas infantis, por J. B. Mello e Souza .... Rs. 14$000
Historia da Baratinha — e do João Ratão, em verso .... Rs. 1$500
Manual Encyclopedico — Approvado pelo Conselho Superior da I. Publica .... Rs. 9$000

Aventuras do Barão de Munckhausen .... 5$000
A Menina do Narizinho Arrebitado .... 5$000
A Caçada da Onça .... 5$000
O Marquez de Rabicó .... 5$000
As Trapaças do Capitão Farofia .... 4$000
O Circo de Escavallinhos .... 4$000
Os 3 Mosqueteiros de Páu .... 5$000
O Sacy .... 4$000
A Cara de Coruja .... 4$000
Aventuras do Principe .... 4$000
O Irmão de Pinocchio .... 4$000
O Noivado de Narizinho .... 4$000
O Gato Felix .... 4$000
Esta collecção é illustrada e encadernada, com capa a côres.

Bibliotheca da Juventude Christã

Luiz-Theophilo — A Vesperal do Natal .... 7$500
Genoveva — Eustachio — Ignez .... 7$500
A cruz de madeira — Maria — A ovelhinha.... 7$500

Collecções diversas

Historia de Joãozinho .... 3$500
A Batalha d'Aljubarrota .... 3$500
Ali-Babá e os 40 Ladrões .... 3$500
O Cavallo encantado .... 3$500
Aladino e a lampada maravilhosa .... 3$500
Sindbad, o Marinheiro .... 3$500

Todos os pedidos pelo Correio estão sujeitos ao augmento de mais 800 rs. e devem ser dirigidos á

CASA BRAZ LAURIA — RUA GONÇALVES DIAS, 78

Telephone Norte 1968 — Rio

GESSY

NÃO USAL-O E MALTRATAR A PELLE

Si cada socio enviasse á Radio Sociedade uma proposta de novo consocio, em pouco tempo ella poderia duplicar os serviços que vae prestando aos que vivem no Brasil.

...todos os lares espalhados pelo immenso territorio do Brasil receberão livremente o conforto moral da sciencia e da arte...

RUA DA CARIOCA, 45 — 2º andar

O VIOLÃO

Revista mensal para divulgação e cultura do instrumento. Publica em cada numero musicas classicas e regionaes, escriptas para violão.

Acompanhamentos de tres das nossas canções mais em voga.

Uma lição da celebre escola do mestre hespanhol, Francisco Tarrega.

Photographias de nossas senhoritas e cavalheiros que estudam o violão.

Assignatura annual .... 50$
" semestral .... 25$
Numero avulto .... 5$

Redacção e Administração: RUA S. JOSE', 54 — 2º

A' venda nas casas de musica e pontos de jornaes.

TEU E' O MUNDO

INTELLIGENTE LEITOR OU ENCANTADORA LEITORA:

Queres conhecer os meios que te guiarão a conseguir Fortuna, Amor, Felicidade, Exito em Negocios, Jogos e Loterias? Pede GRATIS meu livrinho "O MENSAGEIRO DA DITA". Remette 300 rs. em sellos para resposta.

Direcção: — Profa. Nila Mara
Calle Matheu, 1924
BUENOS AIRES (ARGENTINA)

Junto do Mar

(FIM)

força. Todos elles tiveram o mesmo pensamento: cercar o molhe e prender Ali. Nurla teve um plano; ordenou silencio aos homens e dividiu-os em tres grupos para cercar o rochedo por tres lados. Os Tartaros apromptaram-se. Em breve, um pouco do véo verde tornou-se visivel atraz da pedra. Atraz delle, subiu o gracioso Turco. Ali, com suas compridas calças amarellas, blusa azul, turbante vermelho, alto e esbelto com um cypreste novo, parecia um gigante no fundo azul do céo. Ali tinha perdido o caminho e estava consultando Fatima sobre a direcção a seguir. Olhavam, anciosos, as montanhas, á procura de um caminho. A' alguma distancia estava a bahia calma de Suak.

De repente, Fatima estremeceu e deu um grito. O véo cahiu-lhe da cabeça. Ella viu os olhos vermelhos e loucos do seu marido atraz de uma pedra. Ali olhou em torno. Num relampago, todos os Tartaros saltaram sobre a rocha — Zekeria, Jepar, Mustafa — todos os que costumavam beber café com Ali e escutar a sua musica. Não havia por onde fugir. Ali, com os pés fincados na pedra, com uma das mãos sobre a sua pequena faca, permanecia erecto e esperou. Pallido e orgulhoso, tinha o olhar altivo da aguia.

Fatima, louca de desespero, vacillava acima do abysmo como uma gaivota do mar. De um lado, o mar odiado, do outro, o marido carniceiro. Ella viu os seus olhos de carneiro, os labios crueis, a perna curta e a horrenda faca de açougueiro, a mesma com que matava os animaes. Sua alma subiu ás montanhas... a sua aldeia natal... Fechou os olhos e perdeu o equilibrio. O vestido azul com meias luas amarellas desappareceu entre as gaivotas que voavam acima da agua.

Os Tartaros estacaram. Aquella morte simples e inesperada fez com que desviassem a attenção de Ali, que não vira o que se passára atraz delle e admirava-se da demora dos seus assassinos. Estariam elles com medo delle. Elle viu olhos ardentes, rostos vermelhos e sinistros, dentes brancos e toda essa onda de selvageria arremessava-se contra elle como um mar tempestuoso. Ali procurou defender-se. Cortou a mão de Nurla, feriu Osman, mas no mesmo instante os outros Tartaros atiraram-se a elle e derrubaram-no. Ao cahir, Ali viu a grande faca erguida sobre elle. Memet enterrou a faca em Ali, sem hesitação, com a frieza de um açougueiro; Ali cessou de respirar e o seu lindo rosto tomou uma expressão tranquilla.

—

A vingança foi completa; a honra da aldeia estava salva. O corpo do Turco jazia nas pedras e junto de o véo verde dilacerado.

Memet parecia embriagado de raiva. Sacudia os pés e agitava os braços como louco. Afastou os companheiros que, curiosos, rodeavam o corpo, segurou uma das pernas de Ali e começou a arrastar o cadaver pela montanha abaixo, seguido pela multidão. E emquanto iam pelos caminhos, de volta ás suas casas, a cabeça magnifica de Ali batia de encontro ás pedras a cada passo, jorrando sangue. Os Tartaros seguiam o cadaver, amaldiçoando-o. Quando o cortejo chegou á aldeia, todos os terraços estavam cheios de mulheres e creanças. Centenas de olhares curiosos seguiram o cortejo até o mar.

Na areia branca e quente estava o barco negro como um delphim estropeado pela tempestade. As ondas de um azul delicado, puro e quente como o seio de uma donzella, espalhavam espuma branca sobre a areia. O mar e o céo casavam-se numa exuberancia cheia de alegria que se estendia ao longe, que cobria os rochedos, os jardins dos Tartaros, as florestas sombrias, a massa escura de Yaila. Havia um sorriso alegre em todas as coisas. Os Tartaros, silenciosamente, ergueram Ali e collocaram-no no barco e, entre os gritos agudos das mulheres excitadas e os das gaivotas assustadas, empurraram o barco para o mar. As ondas rodearam-no, brincando, batendolhe os flancos, espalhando espuma, e, tranquillamente, sem que o percebessem, o foram carregando para o alto mar.

Ali encontrou Fatima.

MICHAEL KOTSYUBINS.

Mulheres Bellas

somente usam o finissimo Pó de arroz BAL DES FLEURS
ultima creação do perfumista Gueldy de Paris

Caixa Rs. 7$000 a venda nas Perfumarias:

Cirio, Bazin, A Capital, Carneiro, Lopes, Mascotte, Avenida, Ramos Sobrinho, Garrafa grande, Hortense e todos no genero

Representantes S.A.B. Industrial e Commercial Quitanda 66 - Sobrado

No Instituto de Musica

C. da S. P.

No Instituto, a C. é uma especie de "enfant gatée" de todo mundo. Ella para lá entrou muito garotinha ainda, com a sua linda pelle de quinze annos, sem "rouges" nem "batons", sem olheiras pintadas nem sobrancelhas esguias.

Teria já ella quinze annos?

Quem o sabe? Quando uma mulher é bonita ou quando uma mulher é artista tem sempre quinze annos... A minha colleguinha C. reune essas duas qualidades preciosas: E' bella e é artista. Por isso mesmo, deve ter sempre quinze annos...

Ella está em caminho de conquistar fama de uma das alumnas mais talentosas do instituta. O seu professor, pelo menos, confia muito no seu valor.

Quando fez o concurso de admissão, muito rosea e rochumchud'nha, ninguem calculava o colosso de talento que ella realmente é. Foi um successo! Entre cincoenta e tantas concorrentes, tirou o primeiro logar!

Muito estudiosa e muito fontinha, francamente, não sei se ella é mais bonita do que estudiosa ou se é mais estudiosa do que bonita.

E' de temperamento muito alegre e brincalhão. Tem algumas manias na vida. Adora o violino, adora a dansa e adora o cinema.

Se quizerem vel-a radiante, levem-na a uma sessão de cinema ou a uma "soirée" dansante. E assim como ella conhece todas as dansas classicas e modernas, do minueto ao maxixe, conhece tambem todos os artistas do cinema, do mais "canastrão" aos mais afamados.

Foi o cinema que, uma vez, a poz em uma grande "berlinda" entre as suas amiguinhas. Era ella muito novinha ainda quando o galã da moda era o Rodolpho Valentino. Naturalmente, no seu espirito de creança, causaram forte impressão as attitudes e os gestos que tão vertiginosamente popularisaram o nome do celebre actor cinematographico, cuja gloria chegou a causar inveja á propria morte, que, por isso mesmo, o colheu no melhor da festa...

Por toda parte a C. ouvia falar no famoso interprete do Filho do Scheik. Por sua vez, não lhe perdia uma só fita e tinha por elle grande enthusiasmo. Por uma phrase sua, que as amiguinhas guardaram e, indiscretamente propalaram, ella tinha mesmo pelo Valentino um enthusiasmo especial...

Foi em um sarau de familia, muito intimo, desses com que se festejam anniversarios burguezes, com meia duzia de amigos chegados, um pocker para os mais velhos e jogo de prendas para os moços.

No jogo de prendas, foi que a C. teve a sua phrase reveladora. Perguntaram o que cada um queria ser. E cada um dizia-o francamente. Por isso, quando interpelaram a C., ella não teve o menor embaraço e confessou:

— O que eu quero ser? Quando fôr moça, eu quero ser como a Pola Negri, para ser beijada pelo Rodolpho Valentino...

Imagine-se bem o successo dessa resposta!

I. N. N.

Não ha nada mais difficil do que destacar qualidades physicas, moraes ou intellectuaes entre alumnas do Instituto. Porque, com muito poucas excepções, quasi todas ellas possuem estes dotes: mais ou menos formosura, mais ou menos intelligencia, mais ou menos bondade de coração.

A minha gentil — direi melhor gentilissima colleguinha I. tem predicados mais ou menos communs entre suas amigas e collegas: é uma intelligencia equilibrada, tem um palminho de cara, que é bem o reflexo fresco de sua invejavel mocidade travessa e, segundo affirmam os seus mais intimos, tem um coração muito generoso. Apezar disso, entretanto, e como um contraste que nunca ninguem comprehendeu nem explicou, é o typo mais completo da ironista, que o Instituto possue, não lhe escapando nunca qualquer opportunidade em que possa fazer uma maldade ou uma perfidia sem peores consequencias.

De vez em quando, em nossos concertos, fazem-se ouvir pianistas, violinistas, cantores, etc.. Alguns são nomes frequentes nos programmas de musica de conjuncto, e entre elles uma professeora de violino, que já teve a sua época, como solista que facilmente arrebatava as platéas. Mas, como neste mundo "tout passe", a estrella da gente tambem se apaga, a nossa gloria tambem declina, emfim o nosso momento tambem passa... O ideal seria cahir na hora opportuna. Mas nem todas pensam assim. Começam a declinar, mas insistem, insistem, e em vez de deixarem de si uma impressão de enthusiasmo, deixam uma impressão dolorosa...

Não sei se a I. já considera esse o caso da professora do Instituto, que deu causa á perfidia que ella fez em um concerto, realizado durante a estação.

Como sempre acontece, a I. estava no salão, em um grupo de "tesouras" affiadissimas. O publico não se mostrava muito animado, de fórma que as musicas acabavam sempre mais ou menos friamente.

Quando terminou o concerto, todos se foram retirando, debaixo de uma impressão de somnolencia, que ninguem occultava nem disfarçava.

— Que decadencia! — diziam uns. — Que pena! — lamentavam outros. E a I., que toca violino como gente, e, portanto, póde falar de cadeira, disse:

— Não sei por que, quando a oiço, me lembro de Arthur Napoleão!

— Ora essa! — retrucaram-lhe. — Arthur Napoleão era pianista!

— Esta tambem "era violinista", e hoje é isso que se vê — acudiu a I., dando uma das suas mais lindas gargalhadas...

A. C. de M.

A A. é uma das craturas mais indiscretas que o Instituto de Musica possue. E' mesmo uma das mais indiscretas que o sol cobre...

Verdadeira linguinha de trapo, ella não guarda conveniencias, nem mysterios e muito menos segredos de ninguem. Tem por isso um fraco especial.

Ha pessoas assim. Teem manias terriveis! A mania da A. é descobrir os segredos dos outros, para passal-os adeante.

Se ella encontra uma amiga "conversando" com algum rapaz no portão ou na esquina, no omnibus ou no cinema, em vez de ser camarada, conta para todo mundo! Se alguem lhe narra um facto qualquer de certa intimidade, ella passa-o deante tranquillamente.

A's vezes fico pensando se isso é leviandade, ingenuidade ou maldade. Quero attribuir a uma leviandade de seus dezeseis annos, mas logo me convenço do contrario.

— Por que? — perguntará o leitor. Simplesmente por isto. Um destes dias, contei-lhe que, num aperto ao tomar o omnibus, no Club Naval, levei um tranco tão forte, que rasguei minha combinação. E ella, muito radiante, foi logo dizendo:

— Que engraçado! Vou contar ao Alvaro...

Fiquei, naturalmente, aborrecida e retruquei-lhe:

— Mas que lucro tem você em ser tão indiscreta?

— Que mal ha nisso? Uma coisa tão engraçada!

— Mas que não precisa passar adiante! Você precisa se habituar a guardar segredos alheios.

— Segredos alheios? — fez ella, dando uma gargalhada. — O segredo é uma bobagem. Ninguem liga, ninguem guarda, ninguem respeita. Você é que é uma tolinha. O segredo póde perfeitamente ser divulgado... Contanto que o seja em voz baixa...

Já vê que, deante dessa theoria, a indiscreção da A. não é uma leviandade dos seus dezeseis annos...

Senhorita Lucia Lobo no dia de seu lindo recital no Instituto de Musica

ALMANACH DO "O TICO-TICO" PARA 1930

A ALEGRIA DAS CREANÇAS O MELHOR PRESENTE QUE SEUS PARENTES E AMIGOS LHES PODEM FAZER PELAS FESTAS DO ANNO NOVO

Acha-se á venda em todos os pontos de jornaes

Augmente os seus conhecimentos NO Novo Anno!

Preço no Rio 4$000

Preço no Interior 4$500

Almanach do "O Malho" PARA 1930

é, sem exaggero, uma verdadeira

Pequena Bibliotheca num Só Volume

As suas edições foram rapidamente esgotadas nos 4 ultimos annos, porque, sendo o mais antigo annuario do Brasil, conhece bem o ALMANACH DO "O MALHO" as preferencias dos leitores.

Um pouco de tudo -- Um pouco de toda parte
Um pouco que a todos interressa

Faça immediatamente o pedido do seu exemplar, enviando 4$500 em vale postal, carta registrada com valor declarado, cheque, ou em sellos do correio, para a

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 — RIO

A Illusão de uma felicidade

(FIM)

salta as mulheres e aos madrigaes que mais e mais o degradam. E' bom chefe de familia, mas sahindo dali vae para a casa da menina que faz o sacrificio de supportar-lhe a velhice desmoralisada pela gloria do seu ouro e em retribuição aos galões e honrarias com que o brinda.

Gasta 100$000 num "bibelot" que a boneca devoradora reduz a fragmentos ao arrepio do primeiro nervo. Mas nega um tostão á maltrapilha que abre a bocca faminta para pedir-lhe pão. Agora move-se. Vae jantar. Torna a passar, indifferente, aos olhos da mendiga. Nem olha. E ella, porém, o acompanha com o olhar que tanta miseria conformada reflecte em contraste com a sua opulencia mesquinha e abjecta que só lhe dá illusão...

O que se vê e o que se adivinha do que se não vê na Avenida...

O que se vê é a mentira, a illusão de uma felicidade que não existe, na grande maioria, no mercado de vaidades de que servem suas calçadas á hora vespertina. O que se adivinha é o drama intenso e pungente que se desenrola na intimidade dos quartos pobres, na miseria dos commodos sem conforto onde a mulher loira despe a fantasia das suas pedrarias e o homem elegante começa a fazer uma outra farça não para impressionar a multidão, mas para escravisar, mais ainda aquella que morre pela sua gloria...

Sabão Russo
(SOLIDO E LIQUIDO)
O grande protector da pelle, contra assaduras e o effeito do calor.

"O SEGREDO DA SULTANA"
MARAVILHOSO PREPARADO PARA REJUVENESCER A BELLEZA DA CUTIS

AGUA DE COLONIA E SABONETE FLORIL
Ultra finos e concentrados.
A' venda em toda a parte.
Dep. em S. Paulo—Casa Fachada.

Srs. Contadores

Convém acompanhar os progressos de sua profissão, para que se não deixem vencer:

"EVOLUÇÃO DA ESCRIPTA MERCANTIL"

é

um novo livro para os Srs. Contadores e Guarda-livros com idéas modernissimas, na pratica apoiadas por nomes como:

Carvalho de Mendonça
Spencer Vampré
Monteiro de Sales
Renato Maia
Prudente de Moraes Filho
Miranda Valverde

e tantas outras sumidades juridicas.

A' venda: PIMENTA DE MELLO & CIA.
Trav. Ouvidor, 34

LIVRARIA ALVES
Ouvidor, 166

CASA PRATT
Ouvidor, 125

A sua pelle está queimada pelo sol?

Sem cuidado immediato a sua pelle se enruga e envelhece. Mergulhe a ponta dos dedos em Creme Hinds e esfregue-o de leve onde se sentir queimada. A Sra. sentirá logo a agradavel frescura que acaba com todo o ardor. Continuando a usal-o a sua pelle voltará a ficar branca, macia, assetinada.

O Creme Hinds tem ainda outra vantagem: Evita as queimaduras do sol se, antes de sair, a Sra. o applicar, polvilhando-se em seguida. Isso protegerá a sua pelle, conservando-a sempre deliciosamente fresca, encantadoramente jovem.

CREME HINDS

Cia de Navegação Lloyd Brasileiro

RIO DE JANEIRO

Rua do Rosario 2 a 22

EXCURSÃO A BUENOS AIRES

MAGNIFICA OPPORTUNIDADE PARA VISITAR AS LINDAS CAPITAES DO URUGUAY E ARGENTINA

Rs. 500$000 comprehendida a hospedagem no proprio paquete durante a permanencia nos diversos portos de escala, inclusive

5 dias e 4 noites em Buenos Áires

RESERVAE SEM DEMORA VOSSA PASSAGEM EM UM DOS CONFORTAVEIS NAVIOS DO "LLOYD BRASILEIRO"

SAHIDAS DO RIO DE JANEIRO

3 de Janeiro .... "Duque de Caxias"

13 de Janeiro .... "Baependy"

PORQUE AS "ESTRELLAS" DO CINEMA NUNCA ENVELHECEM

Não se verá nunca um defeito na cutis de uma "estrella" de cinema. Ha a considerar que o mais insignificante defeito, ao ser ampliado o rosto na tela, seria tão notavel que elle constituiria uma ruina. Nem todas as mulheres sabem que ellas tambem podiam ter uma cutis digna de inveja de uma "estrella" do cinema. Toda a mulher possue, immediatamente abaixo da sua velha tez exterior, uma cutis sem macula alguma. Para que essa nova e formosa cutis appareça á superficie basta fazer com que se desprenda a cuticula gasta exterior, o que se obtem com applicações de Cera Mercolized effectuadas á noite antes de deitar-se. A Cera Mercolized se acha em qualquer pharmacia e custa muito menos que os custosos cremes para o rosto, sendo, em troca, mais efficaz do que estes.

UM SEGREDO CONTRA OS CRAVOS

Os pontos negros, a gordura da cutis e a dilatação dos póros cutaneos do rosto, são molestias que em geral nos assaltam juntas. Entretanto, temos a vantagem de poder combatel-as, em instantes, por meio de um novo e unico procedimento. Põe-se em um vaso de agua quente uma tablete de stymol, que, ao se dissolver, produz uma encrespada espuma. Quando tiver cessado a effervescencia, usa-se a agua assim "stymolisada" para banhar-se o rosto, enxugando-se em seguida com uma toalha. Os intrusos pontos negros saem da cutis para desapparecer na toalha; os grandes póros gordurosos contraem-se como por encanto e borram-se do rosto; e tudo isto sem que a cutis soffra a menor acção de força, violencia ou oppressão. Graças ao stymol, que se encontra em todas as pharmacias, a pelle fica lisa, macia e fresca, sem experimentar damno algum. Repetindo algumas vezes este tratamento, com intervallos de tres ou quatro dias, consegue-se rapidamente a limpeza total do rosto, dando a este embellezamento um caracter **permanente e definitivo**.

Madame Condorcet

(FIM)

de seu marido. Que não ouveria ella! Que duras e crueis palavras! para ficar enfraquecida, abatida e enferma! A' tarde, algumas vezes, quando ousava, tremente, o coração despedaçado, deslisava nas sombras até a rua Servadoni, sombria e humida viella, occulta por baixo das torres de Saint Supplice. Estremecendo com receio de ser reconhecida, subia a passos ligeiros até o pobre refugio do grande homem. O amor, o amor filial davam a Condorcet algumas horas de alegria e felicidade.

Seria inutil dizer a que ponto ella disfarçava as provações do dia, as humilhações, as palavras duras, e as ligeiras barbaridades, esses supplicios de uma alma ferida, ao preço da qual sustentava seu marido e sua familia; pela sua paciencia diminuia os odios, acalmava as coleras e retardava, talvez, o ferro ameaçador.

Porém Condorcet era muito perspicaz para não adivinhar tudo isso, lia tudo, sob o pallido sorriso com a infeliz disfarçava a morte moral.

Mal escondido, podendo a todo o momento perder-se e perdel-a, comprehendendo o que ella soffria e arriscava por elle, sentia o mais terrivel aguilhão do Terror. Pouco expansivo, guardava tudo, porém cada dia mais odiava uma vida que compromettia os entes que amava mais que a propria vida.

Que havia feito para merecer tal supplicio?

Nenhuma das faltas dos Girondinos. Longe de ser federalista, fôra espontaneamente defender o direito de Paris, e as vantagens dessa capital como instrumento de centralização.

O nome da Republica, o primeiro manifesto republicano fôra escripto em sua casa, e divulgados por seus amigos quando Robespierre, Danton e Vergniaud, todos emfim hesitaram ainda.

E' verdade que havia escripto o primeiro projecto de constituição, impraticavel e inappellavel, cuja machina nunca poderam por em movimento tanto estava carregada e sobrecarregada de barreiras e obstaculos para o governo, e de seguranças para o individuo.

A terrivel palavra de Chabot que a Constituição preferiu a de 93, não é mais que uma cilada, um habil meio de organizar a dictadura.

Condorcet não disse, mas demonstrou por uma violenta brochura.

Chabot atemorizado da sua propria audacia, pensou reconciliar-se com Robespierre, fazendo oscilar Condorcet. Este, que havia feito acção tão ousada, no dia seguinte 31 de Maio, sabia muito bem que jogava a vida; pediu a Cabanis para lhe preparar um veneno seguro.

Possuidor desta arma e podendo sempre dispôr de si, desejava do seu retiro continuar a polemica, o duello da logica contra o cutello, terrificar o Terror com rasgos vencedores da Razão.

Tal era a sua fé nesse Deus do seculo X, na sua infallivel victoria pelo bom senso do genero humano.

Um doce poder o deteve, invencivel e soberano, a voz dessa esposa amada, soffredora flor, abandonada como penhor ás violencias do mundo.

Mme. Condorcet lhe pediu o maior sacrificio: o da sua paixão, o do seu coração. Ella lhe pediu que abandonasse todos esses inimigos de um dia, todo esse mundo famoso que passaria, e de se installar fóra, para cuidar da sua immortalidade, e realizar a idéa que havia concebido de escrever um "tableau des progrès de l'esprit humaine".

Grande foi o esforço. — O tempo passava.

Como saber se ainda teria o dia seguinte? O solitario debaixo do seu gelado tecto, não vendo da sua trapeira senão o cimo desfolhados das arvores do Luxemburgo, no inverno de 93, apressam o seu amargo trabalho, dias após dias, noites após noites, feliz por dizer a cada folha, a cada seculo de sua historia: Ainda uma época do mundo subtrahida á morte...

Elle havia, em fins de Março, libertado e consagrado todos os seculos e todas as épocas, a vitalidade das sciencias, seus poderes de eternidade, pareciam ter passado sobre seu livro e sobre elle mesmo. Que é a historia e a sciencia? A lucta contra a morte. A vehemente aspiração de uma alma immortal para communicar á immortalidade, transporta então o sabio, até elevar os seus votos á esta fórma prophetica: "A sciencia terá vencido a morte. E então não mais se morrerá".

Desafio sublime ao reino da morte, para a qual já estava voltado. Nobre e commovente vingança...

Havendo refugiado sua alma na felicidade futura do genero humano, nas suas infinitas esperanças, salvo pela bemaventurança do porvir, Condorcet, em 6 de Abril, acabava a ultima lenha.

Com seu bonnet de lã, as suas vestes de operario, Condorcet transpoz uma manhã, os umbraes da porta de Mme. Vernet. Em um dos bolsos trazia o seu fiel amigo, o libertador, no outro o poeta romano, que escrevera hymnos funebres á liberdade moribunda.

Vagou todo o dia no campo, á noite entrou na encantadora villa Foutenaz-aux-Roses, muito povoada de pessoas letradas, bello logar onde elle mesmo, secretario da Academia de Sciencias, associado por assim dizer á rea-

LEIAM

Espelho de Loja

de

ALBA DE MELLO

nas livrarias

leza de Voltaire, tinha muitos amigos, todos fugidos ou afastados.

Ficou apenas a casa de Petit Ménage, chamavam assim o Sr. e a Sra. Suard, verdadeira miniatura de corpo e de espirito, Suard, bonito homemzinho, madame, diva e gentil, ambos eram pessoas letradas, sem entretanto escreverem livros, só pequenos artigos alguns trabalhos para os ministros e novellas sentimentaes.

Condorcet não poderia encontrar nada melhor para arranjar sua vida. Todos os dois amados, influentes e considerados até o ultimo momento.

Suard morreu censor real.

Quando este proscripto, fatigado, com o rosto macilento, a barba suja, no seu triste disfarce lhe appareceu de improviso, o bello pequeno casal, ficou visivelmente embaraçado. O que se passou ?

Ignora-se. O certo é que Condorcet sahiu immediatamente pela porta do jardim, a qual deveria conservar-se aberta até á sua volta.

Quando voltou encontrou-a fechada. O egoismo conhecido dos Suard não parece sufficiente para autorizar esta tradição. Affirmam e eu creio, que, Condorcet deixou Paris para não compromettier pessoa alguma; e teria apenas pedido e recebido alimento e, e eis tudo.

Condorcet passou a noite no bosque, e ainda o dia. Porém a longa caminhada esgotou-o. Um homem que durante um anno esteve sentado, e de repente caminhando sem repouso, foi bem depressa tomado de fadiga. E assim, pobre, fatigado e faminto foi obrigado a entrar em uma taverna de Clamart. Comeu, avidamente, e ao mesmo tempo, para sustentar o coração, abriu o livro do poeta romano. Este aspecto, este livro, estas mãos brancas e delicadas o denunciaram.

Os camponios que lá bebiam (e que pertenciam ao comité revolucionario de Clamart) logo viram que se tratava de um inimigo da Republica. Arrastaram-n'o ao districto. Como elle não podia mais andar, pois seus pés estavam despedaçados, elles o içaram sobre um miseravel sendeiro de um vinhateiro que passava.

Foi nesta equipagem que esse illustre representante do seculo XVIII foi solemnemente conduzido á prisão de Bourg-la-Reine.

Porém elle poupou á Republica a vergonha do parricidio, o crime de ferir o ultimo dos philosophos sem a qual ella não teria existido.

O argumento gastronomico

(FIM)

verno". Elle comprehendeu que o seu fanatismo o tornava um pouco ridiculo e sorriu, tomando-me a mão:

— "Vamos", disse elle para terminar, "quem tem juizo é v. Não procuremos as causas de effeitos tão bellos. Christã ou não, é uma bella festa aquella que obriga as pessoas de bem a se sentarem á mesa".

ALAIN LAUBREAME.

S. A. "O MALHO"

S. PAULO

Para assignaturas, annuncios ou qualquer outro assumpto, procure nossa succursal:

Rua Senador Feijó, 27

8º ANDAR — SALAS 86 e 87

ONDE SERA' ATTENDIDO COM A MAIOR SOLICITUDE

As nossas revistas, lidas desde os grandes centros aos logarejos mais remotos do Brasil, actuam em todas as classes sociaes.

Telephone: 2-1691

Para um presente de festas, só um livro de sonhos e encantos... CINEARTE-ALBUM. A' venda em todos os pontos de jornaes.

A minha primeira admiradora

(FIM)

que eu não tinha reparado tambem, se sentou.

— A minha familia só me deixa sahir acompanhada. Educação antiga. Tenho tambem hora certa de chegar em casa.

Que menina exquisita ! Educada á antiga e no entanto pisa os meus pés — não adianta engraxar os sapatos — e me abraça theatralmente na frente de toda gente.

— Hilda...

— Oh ! Robertinho ! Chame-me de Hildinha ! Todos me chamam de Hildinha.

— Hildinha, você não teve nenhuma decepção quando me viu ? Você me maginava assim mesmo ?

— Você é mais seductor ainda ! O seu olhar tem tanto fogo e tanto ardor!

Depois me mostrou um fox-trot. O titulo era assim:

Eu te amo.

Fiquei horrorisado. E não me occorria uma idéa, um pretexto para me livrar da pequena.

— Olha minha filha, amanhã dedicarei todo o dia a você. Eu telephonarei cedo e iremos passear num auto "tomara que chova". Depois eu a levarei ao meu atelier.

— Tem piano o seu atelier ?

— Tem sim.

— Porque eu toco muito bem. Podem tocar igual a mim, melhor nunca.

Descemos a escada. Appareceu o auto. Morri novamente em dez mil réis.

— Roberto Rodrigues do meu coração. "Mio" Roberto. Eu não me contento com um aperto de mão...

— Paciencia. Amanhã farei tudo que você quizer.

No dia seguinte.

— Roberto Rodrigues pediu que eu lhe telephonasse. A senhorita não é exactamente o typo que interessa Roberto. Falta-lhe... falta-lhe... falta... Olhe minha senhora, trate de outra vida.

Lá se foi a minha primeira admiradora.

Não dá saudades, não !

ALMANACH DE O TICO-TICO

A edição de 1930, á venda em todos os pontos de jornaes, contem — contos, novellas, historias illustradas, sciencia elementar, historia e brinquedos de armar, e Chiquinho, Carrapicho, Jagunço, Benjamin, Jujuba, Goiabada, Lamparina, Pipoca, Kaximbown, Zé Macaco e Faustina a completam, tornando essa publicação o maior e mais encantador livro infantil.

NO RIO: 5$000

Nos annos anteriores muitos meninos deixaram de obter o Almanach d'*O Tico-Tico* por não o terem adquirido nos primeiros dias de sua circulação.

Sociedade Anonyma

"O MALHO"

NO INTERIOR: 5$500

Se não ha jornaleiros em sua terra, envie-nos 5$000 em carta registrada cheque, vale postal ou em sellos do correio, para que lhe remettamos o seu exemplar.

Travessa do Ouvidor, 21

RIO DE JANEIRO

Officinas Graphicas d'"O MALHO"